

NÃO CABIA TODO MUNDO

**MEMÓRIAS ENQUADRADAS
E SUBTERRÂNEAS DA
CASA DA FEITORIA**

GABRIELA PASSOS SELAU

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

GABRIELA PASSOS SELAU

“NÃO CABIA TODO MUNDO...”

Memórias enquadradas e subterrâneas da Casa da Feitoria

São Leopoldo

2020

GABRIELA PASSOS SELAU

“NÃO CABIA TODO MUNDO...”

Memórias enquadradas e subterrâneas da Casa da Feitoria

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciada em
Pedagogia, pelo Curso de Pedagogia da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos -
UNISINOS

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cristina Seibert Schneider

São Leopoldo

2020

A todos aqueles que, assim como eu, sonham com um mundo melhor e que veem a educação como um dos possíveis caminhos para trilhar este sonho.

AGRADECIMENTOS

Não haveria outra forma de iniciar este trabalho se não agradecendo à todas as pessoas que me ajudaram a constituir-lo e, mais do que isso, que enriqueceram minha trajetória acadêmica. “Repare, cada pessoa que torce por você é parte indispensável para a construção do seu sucesso [...]”. (BRÁULIO BESSA, 2017, p. 89).

À UNISINOS, universidade de excelência, a qual tenho a honra de me formar pedagoga e à todos os professores que me ensinaram e me inspiraram ao longo de minha trajetória acadêmica, qualificando minha formação profissional e científica.

À minha querida orientadora Cristina Seibert Schneider por apostar em mim, por me acolher e por me guiar ao longo deste trabalho de pesquisa com atenção, interesse e dedicação. Por ampliar minhas perspectivas e me instigar a melhorar sempre. Sem você, nada disso seria possível.

Aos entrevistados, por acreditarem em mim e contribuírem com meu trabalho, por sua receptividade e carinho para com minha pesquisa. As suas falas enriqueceram e deram sentido a este trabalho.

Aos meus colegas e amigos, por compartilharem este momento comigo e por inundarem de significado este instante, torcendo sempre por mim. Em especial à Vinícius Wittmann Chamorro por me acompanhar e apoiar do início ao fim, por escutar minhas lamúrias e por me fazer acreditar em mim mesma.

Aos meus pais e à toda minha família, por compreenderem os momentos que me fiz ausente e por todo o apoio e incentivo que sempre me deram, mesmo quanto contrários às suas vontades.

E a você leitor, por manter vivo este trabalho. Espero que lhes seja útil e que possa contribuir para estudos futuros.

À todos o meu MUITO OBRIGADA!

Arquitetura funcional

*Não gosto da arquitetura nova
Porque a arquitetura nova não faz casas velhas
Não gosto das casas novas
Porque casas novas não têm fantasmas
E, quando digo fantasmas, não quero dizer essas
Assombrações vulgares
Que andam por aí...
É não-sei-quê de mais sutil
Nessas velhas, velhas casas,
Como, em nós, a presença invisível da alma... Tu nem sabes
A pena que me dão as crianças de hoje!
Vivem desencantadas como uns órfãos:
As suas casas não têm porões nem sótãos,
São umas pobres casas sem mistério.
Como pode nelas vir morar o sonho?
O sonho é sempre um hóspede clandestino e é preciso
(Como bem sabemos)
Ocultá-lo das outras pessoas da casa,
É preciso ocultá-lo dos confessores,
Dos professores,
Até dos Profetas
(Os Profetas estão sempre profetizando outras coisas...)
E as casas novas não têm ao menos aqueles longos,
Intermináveis corredores
Que a Lua vinha às vezes assombrar!*

(Mario Quintana)

RESUMO

O presente estudo tem como tema o patrimônio cultural. A pesquisa trata da Casa do Imigrante, localizada no bairro Feitoria em São Leopoldo, e visa discutir a relação entre memória e educação. Compreendendo que o valor simbólico do patrimônio cultural é construído a partir das memórias, histórias e culturas que são valorizadas e salvaguardadas neste local, parte-se da hipótese de que a educação patrimonial possui uma relação íntima com a construção destes sentidos simbólicos e que estes são responsáveis pelos processos de identificação da comunidade. Para tanto propõe-se o seguinte problema de pesquisa: Quais os processos de identificação da comunidade local e como estes moradores se relacionam com este bem edificado? A pesquisa desenvolve-se por meio de um estudo de caso que analisa as relações estabelecidas entre a comunidade local, formada em sua maioria por descendentes de imigrantes alemães e afrodescendentes, e este bem de natureza material. O objetivo geral busca conhecer e analisar o valor simbólico da Casa da Feitoria para a comunidade local e os objetivos específicos visam compreender as expectativas com o processo de restauro e sua relação com a educação patrimonial e a preservação do patrimônio cultural. Para isso a metodologia de pesquisa desenvolve-se a partir da *bricolagem* (MEYER; PARAISO, 2014) e utiliza de entrevistas compreensivas, análises bibliográficas e visitas de campo como ferramentas para alcançar este objetivo. Os principais autores que constituem o referencial teórico deste trabalho são: Canclini (2019), Bauman (2013), Hall (2019), Pollak (1992), Costa (2008), Horta, Grunberg e Monteiro (1999) e Silva, Rodrigo (2015). Como resultados, constatou-se que as relações dos entrevistados com este lugar de memória divergem de acordo com a fala de cada grupo social. A unanimidade em suas narrativas dizem respeito, no entanto, ao interesse comum em viabilizar este espaço construindo e reforçando processos de identificação da comunidade para com este patrimônio. A educação patrimonial pode, portanto, ser uma importante ferramenta para a apropriação deste bem cultural, numa perspectiva de resistência à homogeneização cultural e a quebra de estereótipos de uma história única.

Palavras-chave: Casa da Feitoria – Museu do Imigrante. Processos de identificação. Valor simbólico. Educação patrimonial.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa de São Leopoldo	18
Figura 2 – Mapa Turístico de São Leopoldo	20
Figura 3 - Legenda do Mapa turístico de São Leopoldo.....	21
Figura 4 - Foto da Casa da Feitoria Velha antes da restauração	33
Figura 5 - Foto da Casa da Feitoria Velha depois da restauração	34
Figura 6 - Casa da Feitoria - Museu do Imigrante	35
Figura 7 - Desabamento de parte da Casa da Feitoria - Museu do Imigrante.....	38
Figura 8 - Concepção francesa/cultura do privilégio	46
Figura 9 - Concepção alemã de cultura	47

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 - Tela do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, pintada por Ernst Zeuner, retrata a chegada dos alemães a São Leopoldo.....	69
Fotografia 2 - Banner do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo	71
Fotografia 3 - Imagem de uma das primeira família germânicas chegadas à cidade de São Leopoldo, na época colônia de São Leopoldo.	72
Fotografia 4 - Banner do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo	107
Fotografia 5 - Banner do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo	108
Fotografia 6 - Banner do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo	109
Fotografia 7 - Banner do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo	109
Fotografia 8 - A Casa da Feitoria – Museu do Imigrante	110
Fotografia 9 - A Casa da Feitoria – Museu do Imigrante	110
Fotografia 10 - A Praça do Imigrante	111
Fotografia 11 - Monumento ao centenário de imigração alemã	112

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Entrevistados	63
Quadro 2 - Informações dos entrevistados	66

LISTA DE SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAU/RS	Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Rio Grande do Sul
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPHAE	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
NEABI	Núcleo de estudos e pesquisa afro-brasileiros
OLMA	Observatório Nacional de Justiça Socioambiental Luciano Mendes de Almeida
PIB	Produto Interno Bruto
SIMPLIF	Associação de trabalhadores da Feitoria
SPHAN	Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
UNISINOS	Universidade do Vale do Rio dos Sinos

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 PARA INÍCIO DE CONVERSA: A CASA DA FEITORIA – MUSEU DO IMIGRANTE	17
2.1 SITUANDO-SE NO TEMPO E ESPAÇO.....	17
2.2 AS HISTÓRIAS DAS ETNIAS QUE COMPUSERAM ESTE PATRIMÔNIO	21
2.3 A CONSTRUÇÃO DE UM ÍCONE DA IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO SUL DO BRASIL	26
2.4 CASA PATRIMÔNIO.....	29
2.5 O DESABAMENTO DA CASA DA FEITORIA – MUSEU DO IMIGRANTE	38
2.5.1 Um ano após o desabamento da Casa da Feitoria – Museu do Imigrante	41
3 CULTURA E OS PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO: UMA CONSTRUÇÃO HISTÓRICO SOCIAL	44
3.1 DA MODERNIDADE À GLOBALIZAÇÃO: AS FLUTUAÇÕES CULTURAIS NO MUNDO LÍQUIDO MODERNO	49
3.2 PATRIMÔNIO, MEMÓRIA E IDENTIDADE SOCIAL	53
4 PERCURSOS METODOLÓGICOS	59
5 COMPREENDENDO O SIGNIFICADO: “NÃO CABIA TODO MUNDO”	65
5.1 DOS ENTREVISTADOS	66
5.1.1 As “histórias” da Casa	68
5.2 MEMÓRIAS ENQUADRADAS E SUBTERRÂNEAS: A CASA DO IMIGRANTE EM PERSPECTIVA.....	74
5.3 EXPECTATIVAS EM RELAÇÃO AO RESTAURO.....	81
5.4 PATRIMÔNIO CULTURAL E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL.....	88
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
REFERÊNCIAS	100
APÊNDICE A – O PRIMEIRO CONTATO COM A EDIFICAÇÃO	107
APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	113
APÊNDICE C - ENTREVISTAS	116

1 INTRODUÇÃO

Existem mais de 7 bilhões de pessoas no mundo, de diferentes nacionalidades, culturas, classes sociais, crenças e etnias. No Brasil, a diversidade cultural relaciona-se intimamente com sua grande dimensão territorial e os primeiros processos de povoamento do país. Desde a chegada dos portugueses, visões eurocêntricas e racistas delimitam uma nação “ideal”. As tentativas de extermínio dos índios nativos, a cruel e desumana escravização dos negros e os processos de branqueamento da população ocorreram com a intenção de desenvolver o país segundo um “ideal” de nação; brancos, eurocêntricos e de alta cultura¹.

Por muito tempo essa cultura foi entendida como um privilégio da elite europeia, desenvolvida através de padrões hierárquicos que consideravam-na parte de um processo de evolução. Dessa forma, quanto mais evoluído um povo, mais cultura o mesmo teria. Essa foi, segundo Schutz (2018), a concepção de cultura desenvolvida no iluminismo no século XVIII. Muitas outras visões de cultura foram discutidas até a atualidade.

Em seu livro “a identidade cultural na pós modernidade”, Hall (2019) ressalta a cultura nacional como um modo de construir identidades “[...] sentidos que são contidos nas histórias que são contadas, memórias que conectam seu presente com seu passado **e imagens que dela são construídas**”. (HALL, 2019, p. 31, grifo nosso). A questão que busco analisar é referente aos processos de identificação social da comunidade ao qual pertence a Casa da Feitoria – Museu do Imigrante², Patrimônio Cultural Estadual localizado em São Leopoldo, e sua importância para a quebra de estereótipos e do perigo de uma história única³.

Partindo deste conceito, pretendo neste trabalho olhar para a dimensão local. Dentro das comemorações de 200 anos de imigração alemã no sul do Brasil, a se comemorar em 2024, a Casa da Feitoria – Museu do Imigrante, patrimônio histórico de todos os gaúchos, tem sido palco de disputas identitárias.

¹ Esse conceito refere-se à ideia de cultura desenvolvida na França durante o século XVIII. O termo prevê uma hierarquia cultural bem como uma interpretação única de uma cultura universal. “[...] predominava, então a ideia de que a cultura desenvolve-se de maneira uniforme, de tal forma que era de se esperar que cada sociedade percorresse as etapas que já tinham sido percorridas pelas ‘sociedades mais avançadas’.”. (LARAIA, 2018, p. 34).

² Inicialmente chamada de Casa da Feitoria Velha, em decorrência de ter sido Sede da Real Feitoria do Linho Cânhamo, foi tombada com o nome Casa da Feitoria – Museu do Imigrante por abrigar, em 1824, os primeiros imigrantes alemães que chegaram à cidade. Atualmente, é popularmente conhecida como Casa do Imigrante.

³ Utilizo o conceito de “história única” da autora Chimamanda Ngozi Adichie (2019).

A Casa da Feitoria – Museu do Imigrante localiza-se no bairro Feitoria, em São Leopoldo. Constituída por diferentes histórias, memórias e culturas, foi construída em 1788 pelo Governo Imperial para ser utilizada como sede da Real Feitoria do Linho Cânhamo. Edificada através de trabalho escravo, tinha como intuito a produção de fibras para fabricação de linho e cordas para navios.

Segundo Meira e Silva, Leonardo (2017), a sede foi desativada em 1824, alguns meses antes da chegada dos imigrantes alemães. A antiga Casa da Feitoria tornou-se então a Casa do Imigrante, local onde os primeiros alemães se instalaram. Desde então, os processos de perpetuação da cultura teuto-brasileira ganharam destaque sendo, no entanto, enfraquecidos com o governo do Estado Novo.

Nas primeiras décadas do Brasil república, durante do governo de Getúlio Vargas “[...] a preocupação com a identidade que viria a representar a nação foi muito incisiva.”. (MEIRA; SILVA, LEONARDO, 2017, p. 3). Dessa forma foi desenvolvida, em 1937, a proposta de tombamento da Casa da Feitoria uma vez que “[...] preservar os bens culturais do passado **era estratégico para reforçar o sentimento de brasilidade e auxiliar na construção de uma identidade hegemônica** prioritária para o governo getulista.”. (MEIRA; SILVA, LEONARDO, 2017, p. 3, grifo nosso).

Neste período, as culturas e costumes dos povos imigrantes estavam sendo propositalmente apagadas⁴, desta forma o tombamento da Casa do Imigrante surge com o intuito de valorizar a cultura e manter a memória destes povos. A restauração da Casa, no entanto, deu-se de tal forma que descaracterizou a arquitetura luso brasileira original, forçando assim uma memória teuto-brasileira.

Infelizmente, mais do que homenagear a cultura dos imigrantes que ali se instalaram, delimitou-se também, naquele momento, as culturas e memórias que seriam apagadas. “Escravidão e liberdade tiveram a Casa como cenário e isso, por si só, a torna um lugar emblemático e representativo não só de uma etnia, mas de um processo que afetou (e ainda afeta) o nosso país.”. (MEIRA; SILVA, LEONARDO, 2017, p. 3).

Mais do que um patrimônio cultural, a Casa da Feitoria – Museu do Imigrante é um lugar de memórias, sendo muitas vezes palco de comemorações e homenagens à imigração Alemã. A edificação vem sendo símbolo de celebrações da

⁴ Em decorrência dos processos de Nacionalização desenvolvidos pelo Estado Novo, no governo de Getúlio Vargas, entre os anos de 1937 à 1946.

cultura dos imigrantes. De acordo com Ramos (2019, trabalho inédito não publicado), em 1924, como forma de comemoração ao Centenário de Imigração Alemã, passeios foram realizados à Casa do Imigrante com o intuito de rememorar as culturas ali presentes.

Em 2024 completam-se 200 anos desta imigração e as expectativas de comemorações não são poucas. Segundo o Jornal NH (2019) a comemoração aos 195 anos da imigração alemã (realizada na São Leopoldo Fest) deu início aos preparativos pra o Bicentenário de Imigração. “[...] A contagem regressiva diária para o bicentenário será marcada pelo relógio que fica junto ao Marco Zero da Rota Romântica, na beira da BR-116.” (JORNAL NH, 2019). Até o momento, no entanto, não se sabe se a Casa do imigrante poderá fazer parte desta grande comemoração, em decorrência de seu estado atual.

No dia 05 de março de 2019, parte da Casa do Imigrante desabou devido à falta de manutenção e restauro para com o patrimônio. Os maiores prejuízos ficaram destinados à edificação, uma vez que o acervo já havia sido transferido para outro local desde 2013, data em que o acesso à Casa foi desativado.

Em uma notícia, o G1 (2019) traz a fala da arquiteta Renata Galbinski Horowitz, diretora do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado (IPHAE) "um acontecimento consternador, que estampa a realidade em que se encontram vários bens tombados, qual seja: inexistência de ações de conservação permanente e manutenção preventiva. (HOROWITZ apud Jornal G1, 2019).

Assim como Schutz (2018, p. 13), compreendo que “[...] o patrimônio cultural possibilita a reconstrução simbólica de memórias, a valorização da cultura e o fomento de sentimentos de pertencimento [...]”. Em decorrência disso, movimentos de preservação patrimonial tornam-se indispensáveis para salvaguardar os costumes e tradições de outras épocas. A educação patrimonial é uma importante ferramenta de conscientização e identificação. Para que se dê valor a um monumento, é necessário conhecer e compreender as histórias e memórias que o compõem, respeitando e valorizando as culturas que por ali passaram.

Em sua matéria sobre o desabamento da Casa do Imigrante, o jornal G1 (2019) trouxe a educação patrimonial como uma importante ferramenta de fomento à preservação deste bem edificado. De acordo com a reportagem, o IPHAE⁵, em

⁵ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado.

conjunto com a Secretaria de Cultura do Estado, projetou um Plano de Ações e Metas referentes à educação patrimonial, com o intuito de “[...] engajar de forma sistemática a sociedade na preservação.”. (G1, 2019).

Compreendendo que o ato de educar vai muito além da simples transposição de conhecimentos e que a criticidade e o estranhamento⁶ são essenciais para pensar o mundo para além do que está dado, o patrimônio surge como um espaço de alfabetização cultural, visando uma educação plural, que tem como fundamento de formação social, a quebra de estereótipos e a compreensão de múltiplas histórias. “A solidariedade social e política de que precisamos para construir a sociedade menos feia e menos arestosa, **em que podemos ser mais nós mesmos**, tem na formação democrática uma prática de real importância.”. (FREIRE, 2016, p. 42, grifo nosso).

Entender São Leopoldo como um cidade de diversidade cultural exige também a compreensão de que esta é uma sociedade de múltiplas identidades. A Casa do Imigrante, patrimônio da cidade, mais do que um lugar de histórias e memórias, tem o poder de possibilitar, a partir de uma perspectiva de valorização da diversidade cultural, o respeito e a quebra de estereótipos racistas. Dessa forma, a seguinte problemática conduz este trabalho: Quais os processos de identificação da comunidade local e como estes moradores se relacionam com este bem edificado?

Assim, meu objetivo é conhecer e analisar o valor simbólico da Casa da Feitoria para a comunidade local. Para isso, os objetivos específicos são: compreender as expectativas com o processo de restauro e sua relação com a educação patrimonial e a preservação do patrimônio cultural.

“Todas essas histórias me fazem quem eu sou.”. (ADICHIE, 2019, p. 26). É por acreditar nisso que dedico grande parte do meu tempo e estudo para a construção desse trabalho. Nossos antepassados; suas origens, culturas, etnias e costumes constroem as histórias que nos constituem. Todas elas importam! Meu interesse pela história, pela cultura, pelos patrimônios e memórias vai muito além da curiosidade. Volto meu olhar ao passado com o intuito de compreender melhor o presente, acreditando que esta pode ser uma alternativa para o desenvolvimento de uma sociedade de maior igualdade. Assim como Eliane Lopes e Ana Maria Galvão,

⁶ Utilizo o conceito de estranhamento da área das ciências sociais.

entendo que “[...] o contato com o que é diferente pode possibilitar, por similitude e diferença, uma maior compreensão de si e da própria cultura.”. (2010, p. 11).

Dessa forma, articulo este trabalho em cinco capítulos. No segundo capítulo intitulado “Para início de conversa: a Casa da Feitoria – Museu do Imigrante”, rememoro as histórias e culturas ali preservadas que constituíram e constituem esta Casa. Início a escrita situando-a em um tempo e espaço, focando no bairro ao qual o patrimônio pertence. Em seguida, realizo um recorte histórico no qual escrevo sobre as etnias e culturas que constituíram este local. Trago a Casa como patrimônio, sua queda e as expectativas de seu restauro.

No terceiro capítulo, apresento o conceito de cultura, memória e patrimônio, desenvolvendo relações entre estes e os processos de identificação social, identidade, globalização, pós-modernidade e educação patrimonial. As discussões apoiam-se em autores como Canclini (2019), Bauman (2013), Hall (2019), Laraia (2018), Pollak (1992) e Horta, Grunberg e Monteiro (1999).

No quarto capítulo é apresentada a metodologia de pesquisa: um estudo de caso sobre as relações estabelecidas entre a comunidade e este patrimônio cultural. Desenvolvo meu método de investigação a partir do conceito de bricolagem e utilizo de entrevistas compreensivas (com lideranças locais, moradores e pesquisadores que estudam São Leopoldo) para reconhecer os sentimentos de identificação social da comunidade para com a Casa da Feitoria – Museu do Imigrante e suas expectativas quanto ao restauro dessa edificação.

No quinto capítulo apresento a análise de dados, desenvolvendo uma comparação crítica entre as narrativas dos entrevistados e alguns autores que qualificam este estudo. Com o intuito de compreender o valor simbólico da Casa do Imigrante, esta análise foi desenvolvida em três categorias: os processos de identificação; as expectativas quanto ao restauro; e o patrimônio e a educação. Através desta análise, busco destacar as contribuições da educação patrimonial para a construção dos processos de identificação da comunidade e o valor simbólico da Casa, possibilitado assim, uma aproximação da sociedade com suas histórias e memórias, calcadas sempre a partir de uma perspectiva de respeito e valorização.

Finalizo este trabalho com as considerações finais, sob as quais retomo conceitos já discutidos nos capítulos anteriores. Através dos dados empíricos obtidos com esta pesquisa, desenvolvo considerações com relação aos vínculos estabelecidos entre patrimônio e educação. Acreditando que o ato de pesquisar,

aprender e educar nunca cessam, levanto novos questionamentos com o intuito de possibilitar uma continuidade ao estudo deste tema de pesquisa.

2 PARA INÍCIO DE CONVERSA: A CASA DA FEITORIA – MUSEU DO IMIGRANTE

Vivemos em um tempo e espaço e é a partir deste que falamos de história. Uma história que vai sendo preenchida e completada no presente, que não se constitui de verdades absolutas, mas de fragmentos e lembranças do passado estudadas no agora: múltiplas perspectivas compõem uma mesma história.

A análise histórica a partir de uma panorama social rompe com o que é homogêneo e universal. “[...] toda ação social é ‘cultural’, [...] todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado e, neste sentido, são práticas de significação.”. (HALL, 1997, p. 16). Início portanto, uma pesquisa histórica e cultural, na busca de subsídios para investigar a relação das pessoas com este lugar de memória: A Casa da Feitoria – Museu do Imigrante.

2.1 SITUANDO-SE NO TEMPO E ESPAÇO

A Casa da Feitoria - Museu do Imigrante localiza-se no bairro Feitoria, no município de São Leopoldo/ RS. A cidade faz parte da região metropolitana de Porto Alegre, tendo sido fundada no dia 25 de julho de 1824, data em que recebeu os primeiros imigrantes alemães.

No dia 01 de abril de 1846, São Leopoldo tornou-se cidade ao emancipar-se de Porto Alegre. Com uma extensão territorial de 102,3 km, o município faz fronteira com as cidades de Novo Hamburgo, Portão, Canoas, Sapucaia do Sul e Gravataí, ficando a uma distância de 34 km de Porto Alegre. Pode-se verificar o mapa da cidade de São Leopoldo, para melhor entendimento, na Figura 1:

Figura 1 – Mapa de São Leopoldo



Fonte: Google Maps - São Leopoldo (2020)

Com 238.648 habitantes (IBGE, censo 2020) a cidade possui um Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM, 2010) de 0,739, ocupando a posição de 402º no estado, em uma escala de 497º colocações. Assim como o IDHM, o IDEBI (2017) das escolas públicas de São Leopoldo demonstram índices baixos, sendo de 5,3 nos anos iniciais do ensino fundamental (ocupando no estado a posição 374º de 497º) e 4,2 no anos finais do ensino fundamental (ocupando no estado a posição 341º de 497º).

A taxa de escolarização do município alcança 96,8% das pessoas entre 6 e 14 anos, ficando também em uma colocação ruim quando comparada à outras cidades do estado (402º de 497º colocações). São Leopoldo possui, segundo a prefeitura, uma taxa de analfabetismo de 3,17% entre pessoas com 15 anos ou mais.

Segundo Dick et al. (2005, p. 3), “São Leopoldo é conhecida como a região mais violenta do Estado e o local onde morrem, proporcionalmente, mais jovens e adolescentes.”. Além disso, de acordo com os mesmos autores, mais de 10.000 habitantes da cidade encontram-se em situações precárias, abaixo da linha da pobreza. Em contrapartida, a cidade conta com um PIB per capita (IBGE, 2017) de R\$ 33.905,58, alcançando a posição 190º de 497º no estado, possuindo uma “Economia diversificada, com forte presença do couro em seus produtos, indústria metal mecânica e informática.”. (PREFEITURA DE SÃO LEOPOLDO, 2020).

O bairro Feitoria foi o “[...] local onde a economia da cidade se instalou e começou a crescer”. (CONEXÃO UNISINOS, 2013). Iniciando-se com a vinda dos açorianos em 1751, agravados com a Instalação da Real Feitoria do Linho Cânhamo em 1788 e a vinda dos Imigrantes Alemães em 1824. A Feitoria pertence à zona urbana de São Leopoldo e é o maior bairro da cidade possuindo, segundo o site população (2020), 36.808 moradores, correspondendo à 17,24% da população do município (PREFEITURA DE SÃO LEOPOLDO, 2016).

Devido ao fato deste bairro ter sido o berço de muitas imigrações, bem como território de nativos indígenas Kaingangs¹, o local constituiu-se ao longo dos anos, por diversas culturas. A Casa da Feitoria - Museu do Imigrante é um importante exemplo da diversidade cultural presente em São Leopoldo. Além de patrimônio histórico-cultural do estado, a edificação é hoje também um ponto turístico da cidade.

As Figuras 2 e 3 trazem, respectivamente, um mapa turístico ilustrado da cidade de São Leopoldo e sua legenda.

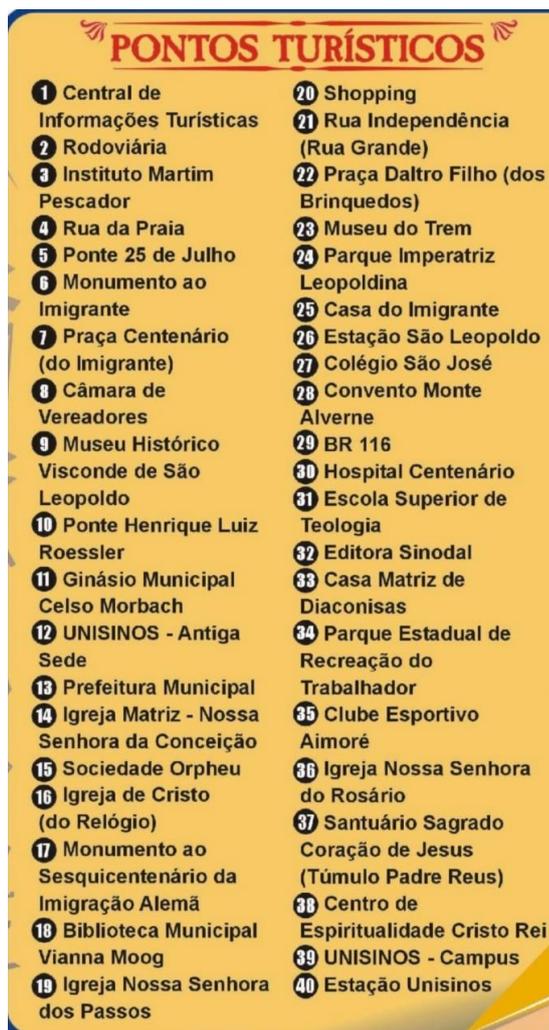
¹ Atualmente uma pequena parcela de Kaingangs ainda vivem na região. Segundo diagnóstico socioterritorial desenvolvido pelo município de São Leopoldo em 2016, existem 35 famílias indígenas residentes na terra indígena Por Fi Gâ, – SL, totalizando 138 pessoas. Para mais informações, ver “Diagnóstico socioterritorial política municipal de assistência social sistema único de assistência social” e “Natureza e territorialidade: um estudo sobre os Kaingangs das terras indígenas linha Glórias/Estrela, Por Fi Gâ/ São Leopoldo e Foxá/ Lajeado”.

Figura 2 – Mapa Turístico de São Leopoldo



Fonte: Prefeitura de São Leopoldo (2020)

Figura 3 - Legenda do Mapa Turístico de São Leopoldo



Fonte: Prefeitura de São Leopoldo (2020)

2.2 AS HISTÓRIAS DAS ETNIAS QUE COMPUSERAM ESTE PATRIMÔNIO

São Leopoldo, com razão, tem orgulho de ser “berço da colonização alemã” no Brasil, mas não se deve esquecer que isto não pode, em hipótese nenhuma, significar que os imigrantes alemães tenham sido os iniciadores da história nesta região. (FOLLMANN; PINHEIRO, 2011, p.6)

Conhecida como “Berço da Colonização Alemã no Brasil”, a cidade de São Leopoldo recebeu sua primeira leva de imigrantes alemães em 1824, quando na

época ainda era chamada colônia de São Leopoldo. Sua história, no entanto, inicia-se bem antes disso.

Até onde se sabe, os primeiros habitantes de São Leopoldo pertenciam às tribos indígenas Kaingangs. Segundo Forte² (apud LAZZARI, 2010), São Leopoldo era, para estes indígenas, um lugar de passagem sob o qual acampavam entre suas viagens de Nonoai para Porto Alegre. Com a vinda dos primeiros imigrantes alemães e as tentativas de expulsão dos indígenas nativos, muitas disputas foram travadas entre os Kaingangs e os imigrantes germânicos.

Os primeiros moradores da região foram os índios Kaingangs, que se opuseram de diferentes formas à vinda dos 4.856 imigrantes alemães, entre os anos de 1824 e 1830. Havia, também, outros moradores, especialmente escravos negros que se localizavam na Feitoria do Linho Cânhamo onde se encontra, atualmente, a Casa do Imigrante. A questão das terras a serem ocupadas pelos imigrantes foi, sem dúvida, a fonte dos maiores conflitos dos recém-chegados da Alemanha com essas populações autóctones. Foi, igualmente, muito tumultuada a oficialização dos lotes, considerando as sesmarias e os donos delas. [...] o maior adversário dos 'invasores' foi o cacique João Grande. Reunira, em torno de si, vários índios, assaltando e matando o que podia. (DICK et al., 2005. p. 5).

Segundo Lappes (2012), os indígenas Kaingangs foram aos poucos perdendo suas terras e sendo por fim expropriados da região. De acordo com a mesma autora, em 1989 estes indígenas retornaram à São Leopoldo e a partir de 1990 travaram as primeiras tentativas de reapropriação de suas terras, através de negociações com o Governador da Província.

Esses movimentos, no entanto, não passaram de tentativas frustradas. Foi apenas em 2008 que, através de debates entre as lideranças indígenas, a FUNAI e diversos órgãos do governo federal, estadual e municipal, que os Kaingangs obtiveram novamente uma área definitiva. “[...] nossos ancestrais já contavam que viviam aqui em São Leopoldo, então aqui **também** é terra de índio. **Se São Leopoldo, não é terra de índio, de alemães que não é, porque eles chegaram bem depois**”. (VERGUEIRO³, 2009, p. 3 apud LAZZARI, 2010, p. 39, grifo nosso).

² Darci Forte foi Cacique da comunidade Por Fi Gã nos anos de 1996 à 2000 e 2006 à 2008, fazendo parte das primeiras famílias Kaingangs que retornaram à São Leopoldo na última década do século XX. Entrevistado por Lazzari (2010) suas falas enriquecem o trabalho da autora.

³ Assim como Darci Forte, José Vergueiro foi entrevistado por Lazzari (2010). Este indígena Kaingang foi Cacique da comunidade Por Fi Gã entre os anos de 2001 à 2005.

Não há dúvidas de que a cultura indígena é de extrema importância para as histórias que construíram e constroem esta cidade. Assim como os Kaingangs, não há como falar de São Leopoldo, ou da Casa da Feitoria - Museu do Imigrante, sem olhar para a cultura afro que compõe a cidade. De acordo com Manfredini (2006), há registros que comprovam a existência de afrodescendentes e açorianos no Rio Grande do Sul desde o século XVIII. Manfredini (2006, p. 1) declara que “no entanto, torna-se difícil resgatar a participação dos negros e também dos açorianos numa região cuja história apresenta vasta bibliografia sobre a colonização alemã e escassa participação das demais etnias no processo de desenvolvimento”.

Os primeiros afrodescendentes instalados na região de São Leopoldo vieram para a cidade escravizados pela coroa portuguesa. Em 1788, a Real Feitoria do Linho Cânhamo, de domínio do Governo Imperial, instalada no Rincão do Canguçu (atual município de Pelotas) foi à falência. Assim, uma nova Feitoria foi criada no Faxinal do Courita (atual município de São Leopoldo).

Neste local, foi construída a Casa da Feitoria⁴ como sede da Feitoria do Linho Cânhamo, constituída de acordo com a arquitetura portuguesa. O principal intuito da Coroa Portuguesa era de desenvolver, no local, a plantação de linho-cânhamo (como alternativa ao linho de riga produzido pelos países bálticos) para fabricação de cordas e velas para navios. Os negros, escravizados pelo Governo Imperial, desenvolviam todo o trabalho. “[...] devido ao fato de seu proprietário estar distante, na Corte do Rio de Janeiro, os cativos conquistaram relativa autonomia, segundo Johann (2010), até a desativação da Feitoria em 1824”. (MANFREDINI, 2006, p. 1).

Embora a economia da cidade tenha se desenvolvido com a chegada dos imigrantes alemães, segundo Manfredini (2006), o trabalho realizado pelos negros escravizados na Casa da Feitoria do Linho Cânhamo constituiu-se na primeira forma de economia da região. A produção desenvolvida em São Leopoldo era exportada para Porto Alegre, através de processos marítimos, pelo Rio dos Sinos. A Real Feitoria do Linho Cânhamo, no entanto, não atingiu os resultados esperados e, dessa forma, em 1824 a sede foi desativada. Neste mesmo ano, o número de negros escravizados que ocupavam a região era de 321.

⁴ Atual Casa da Feitoria - Museu do Imigrante.

Uma noção do número de negros estabelecidos no município, pode ser extraída da carta escrita por José Feliciano Fernandes Pinheiro a José Thomas de Lima sobre o fim das atividades da Feitoria em 1824, cita a existência de 321 escravos⁵. Esse dado é consistente com os apontados em estudos de autores como Moehlecke, baseados em recibos de compra e venda, registros de batismo, casamento e óbito da igreja protestante e católica. (MANFREDINI, 2006, p. 2)

Sabendo que os primeiros imigrantes alemães chegaram à colônia de São Leopoldo nessa mesma época, é possível que, durante algum tempo, ambas as etnias tenham convivido e coabitado neste lugar.

Antes de entrar na história dos imigrantes alemães, é relevante abordar também a história dos açorianos⁶. Com o grande crescimento populacional nas ilhas de Açores e os problemas enfrentados devido à fenômenos naturais, Portugal envia, em 1751, parte dos açorianos ao Brasil com o intuito de povoar e garantir a colônia portuguesa. As condições de vida reservadas aos açorianos pelo Governo Imperial eram péssimas, uma vez que as promessas feitas pela Coroa Portuguesa não foram cumpridas. Além da falta de ferramentas e do pagamento de pensão pelo governo, a Coroa Portuguesa muitas vezes confiscava a produção destes imigrantes.

Ao apoiar-se em Ramos, Manfredini (2006) constata que estes açorianos não possuíam terras aqui no Brasil, uma vez que “não há registro de doação de terras antes de 1765”. (RAMOS, 1997, p. 105 apud MANFREDINI, 2006, p. 3). Embora não houvessem boas condições de vida, os imigrantes açorianos contribuíram para o povoamento da região e a garantia do território português. Segundo Manfredini (2006), em 1822 casais de açorianos instalaram-se, ao que na época chamava-se Rincão de Ilhéus, em São Leopoldo e contribuíram com atividades agrícolas para o território da Real Feitoria do Linho Cânhamo. Dois anos depois, os primeiros imigrantes alemães chegaram à região.

O crescente aumento populacional da Europa, combinado com a revolução industrial, resultou em diversas dificuldades econômicas e sociais pelo “populacho” europeu. Desta forma, muitos europeus buscaram melhores condições de vida em outros países. O Brasil, nesta época, iniciava campanhas que favoreciam a vinda de imigrantes para ocupar suas terras e desenvolver a economia do país. Mais do que

⁵ Atualmente utilizamos o conceito “escravizados” uma vez que ninguém é ou nasce escravo, mas fica exposto à esta situação sobre força e opressão externa.

⁶ Nacionalidade de quem é natural das ilhas de Açores, em Portugal.

isso, a predileção por brancos europeus, baseados no conceito iluminista de cultura⁷, tinha a intenção de desenvolver uma cultura única e ideal, capaz de conter e controlar os atos da população segundo uma forma única de viver. Esta atitude iniciou-se na Europa com o objetivo de possibilitar o

‘esclarecimento do povo’, forjou-se o conceito de ‘missão do homem branco’ e de ‘salvar o selvagem de seu estado de barbárie’ [...] Na busca desse objetivo, **o resto do mundo deveria ser ativamente ajudado e, em caso de resistência, coagido.** A **teoria cultural evolucionista** atribui à sociedade ‘desenvolvida’ a função de converter os demais habitantes do planeta. (BAUMAN, 2013, p. 14, grifo nosso).

Desta forma, o Governo Imperial recebeu os imigrantes com a intenção de melhorar as condições econômicas do país, bem como de povoar, com famílias brancas, regiões pouco habitadas.

Esperando-se brevemente nesta corte uma colônia de alemães, a qual não pode deixar de ser reconhecida de utilidade pública para este império, pela **superior vantagem de se empregar gente branca e industriosa**, tanto nas artes como na agricultura e constando a Sua Majestade o Imperador que **o terreno em que se acha o estabelecimento do Linho Cânhamo, na Província de São Pedro é o mais apropriado para nele se estabelecerem os mesmos alemães;** mando o mesmo A.S.(sic), pela Secretaria do Estado dos Negócios Estrangeiros, que o Presidente do Governo daquela Província proceda: 1º, a mandar medir o mesmo terreno para ser dividido em datas de 400 braças; [...], 3º que faça avaliar os escravos pertencentes à Fazenda Pública que ali se acharem, remetendo sua avaliação e ficando na inteligência de que, à sua chegada – dos colonos - , deverão os referidos escravos vir para esta corte. (PICCOLO, 1974, p. 10-11 apud RAMOS, 2019, p. 1, grifo nosso).

Em busca de melhores condições de vida e com esperança de um futuro promissor, em 1824 a primeira leva de imigrantes alemães chega à colônia de São Leopoldo. Algum tempo depois de ter sido desativada como Sede da Real Feitoria do Linho Cânhamo, a Casa da Feitoria abriga os primeiros imigrantes alemães, motivo pelo qual seria chamada no futuro de Casa do Imigrante.

Inúmeras foram as promessas feitas pelo governo português para atrair novos imigrantes, contudo, assim como com os açorianos, a Coroa Portuguesa não

⁷ Este conceito iluminista considerava a cultura a partir de uma perspectiva de evolução cultural.

cumpriu com o que assegurou; as promessas ficaram apenas no papel. “Dessa forma, a colonização alemã, em São Leopoldo – Rio Grande do Sul, foi marcada por tensa disputa política, pelo direito à propriedade, reconhecimento da cidadania e espaço na sociedade brasileira.”. (MANFREDINI, 2006, p. 5).

Em meio às inúmeras dificuldades que encontraram neste novo país e sem auxílio do Governo Imperial, os imigrantes alemães descobriram no trabalho uma alternativa para seu sustento. Uniram-se por um mesmo ideal e desenvolveram uma identidade étnica coletiva.

Torna-se importante salientar que a identidade étnica surgiu como uma reação dos imigrantes a partir do contato com a sociedade brasileira, particularmente de sua elite, na qual predominava a ideia de que o lugar do colono era no meio rural e ali deveria permanecer, sem possibilidade de ascensão social. (MANFREDINI, 2006, p. 5).

Apoiados na família e unidos entre si, os imigrantes alemães desenvolveram sua comunidade. Construíram casas, igrejas e escolas e ampliaram sua subsistência para além do campo, desenvolvendo o comércio e o artesanato. Tudo isso embalado por uma “incessante luta pelo direito ao reconhecimento da cidadania brasileira.”. (MANFREDINI, 2006, p. 5).

Uma das alternativas encontradas pelos germânicos para exigir e legitimar o reconhecimento de sua cidadania brasileira, foi a valorização de sua cultura e o enaltecimento de sua história, destacando sua importância na construção e desenvolvimento do país. O reconhecimento da cidadania brasileira passava por criar festividades que dessem esta visibilidade ao grupo.

2.3 A CONSTRUÇÃO DE UM ÍCONE DA IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO SUL DO BRASIL

Ao longo dos anos, a Casa da Feitoria Velha “[...] sofreu um processo de ressignificação, sendo adotada pela comunidade teuto-brasileira como símbolo de suas origens germânicas [...]”. (MEIRA; SILVA, LEONARDO, 2017, p. 4). Dessa forma, a casa tornou-se memória da imigração alemã e palco de comemorações

antes mesmo de se tornar patrimônio cultural legitimado pelo IPHAE. De acordo com Ramos (2019), várias foram as comemorações que levaram a Casa como cenário, dentre elas:

[...] excursão de associados da Sociedade Orpheu no ano de 1887, em comemoração ao aniversário do Imperador D. Pedro II [...] comemorações do Centenário da Imigração alemã, em 1924 [...] A ida à casa da Feitoria [...] no centenário da instalação do Município de São Leopoldo, em 1946 [...] 160 anos da imigração, em 1984 [...] 180 anos da imigração alemã, em 2004 quando a casa foi revisitada. (RAMOS, 2019, p. 4 - 5).

Segundo a mesma autora, as comemorações dos cem anos de Imigração Alemã foram realizadas em dois momentos, sendo uma oficial, que ocorreu em setembro de 1924, e outra particular, realizada no dia 25 julho, pela Sociedade Ginástica de São Leopoldo. O excerto a seguir refere-se à matéria escrita pelo jornal Deutsche Post no dia 26 julho, alusivo à festa do centenário, que havia ocorrido no dia anterior.

Ainda era escuro nas ruas e nos becos. Só um filete de luz, no céu, anunciava o amanhecer. [...]. Festivamente os sinos soavam longe, sobre a terra coberta de neblina e despertava o que dormia até tarde. É feriado! Anunciava a boca honrosa dos sinos. Feriado! Pois hoje são 100 anos que homens alemães e mulheres alemãs chegaram pela primeira vez e pisaram a terra que lhes foi casa assim como para nós. [...]. As casas estavam enfeitadas festivamente, inúmeras casas estavam embandeiradas em homenagem ao dia. A velha e amada bandeira alemã preta-branca-vermelha cumprimentava ao vento, em conjunto com a verde-amarela e a verde-vermelha-amarela do Rio Grande do Sul. A programação dividiu-se em várias partes. Às 9h 30min, ocorreram culto e missa festivos, em que o ponto alto foram as prédicas dos pastores e do padre, na Igreja Evangélica, na Igreja Católica, na Igreja Evangélica Luterana Missouri, e na Capela Trindade, da Igreja Episcopal Brasileira [...]. À tarde, **o passeio à Feitoria Velha, matriz primeira dos alemães em São Leopoldo, reuniu cerca de 2.000 pessoas entre visitantes e leopoldenses. O cortejo obedecia a uma ordem.** Na frente, a música; depois, a bandeira nacional e a velha preta-branca-vermelha alemã, atrás da qual caminhavam os visitantes de honra. Seguiam, então, as sociedades de fora com as suas bandeiras, [...] então vieram as sociedades leopoldenses 'Orpheus', Clube de Bolão 'Separat', 'Ginástica', 'União Operária' e 'Sport Club Nacional' e, atrás, os participantes da peregrinação, em grande número. [...]. Ao grupo juntou-se, depois, **a caravana vinda de Lomba Grande**, acompanhada de música e das bandeiras dos seus clubes. Da mesma forma que na igreja, **o ato principal da visita à Feitoria Velha foram os discursos.** Nessas falas, salientou-se a saga dos pioneiros, lembrados com gratidão. (DEUTSCHE POST, 26 de julho de 1924, p. 1 apud RAMOS, 2019, p. 5, grifo nosso).

A antiga Casa da Feitoria Velha foi ganhando espaço como um lugar de memórias da imigração alemã, preservando a cultura teuto-brasileira. A Casa da Feitoria - Museu do Imigrante tornou-se então o espaço físico destinado à preservação desta memória.

Segundo Canclini (2019), os museus e patrimônios culturais são muitas vezes utilizados para legitimar e propagar culturas “dominantes”. Isso ocorre quando os costumes de um único grupo social são lembrados e valorizados, fato que percorreu as comemorações da Casa da Feitoria - Museu do Imigrante.

Mesmo nos casos em que as comemorações não consagram a apropriação dos bens de outros povos, ocultam a heterogeneidade e as divisões dos homens representados. É raro que um ritual aluda de forma aberta aos conflitos entre etnias, classes e grupos. **A história de todas as sociedades mostra os ritos como dispositivos para neutralizar a heterogeneidade, reproduzir autoritariamente a ordem e as diferenças sociais.** (CANCLINI, 2019, p. 192, grifo nosso).

Ao reconhecer as culturas, crenças, etnias, valores e costumes que construíram esse lugar, a interculturalidade ganha forças e transforma o patrimônio em um local de construção de identidades. Ao excluir a história dos negros da Casa da Feitoria Velha (atual Casa da Feitoria - Museu do Imigrante) e de toda a cidade de São Leopoldo (indígenas Kaingang e colonizadores portugueses), exclui-se também esses processos de identificação.

Não há nada de errado em lembrar com carinho dos imigrantes que foram tão importantes para a história de São Leopoldo e do Estado do Rio Grande do Sul. O problema, no entanto, é exaltar demais essa cultura e esquecer as outras etnias que compuseram essa história.

As comemorações realizados na antiga Casa da Feitoria podem, ao mesmo tempo que fortaleceram processos de identificação, terem contribuído, mesmo que não intencionalmente, para ações de discriminação, ao esquecer os outros povos que contribuíram para a construção sociocultural desta edificação.

2.4 CASA PATRIMÔNIO

O tombamento da Casa da Feitoria - Museu do Imigrante como patrimônio cultural do estado talvez tenha sido desenvolvido desde o início com o intuito de um apagamento histórico propositado, deixando espaço apenas para a cultura teuto-brasileira.

Após a saída dos imigrantes alemães da Casa, ela passou ainda por alguns moradores até ser adquirida pelo Sínodo Rio-Grandense (pertencente a comunidade evangélica) juntamente com a Sociedade União Popular do RS (de constituição católica). A intenção dessas instituições era futuramente transformar a Casa em um museu. “Trata-se de caso pioneiro no RS, e talvez no Brasil, da aquisição de uma edificação pela sociedade civil como estratégia para sua preservação” (MEIRA; SILVA, LEONARDO, 2017, p. 5). De acordo com Ramos (2019), é provável que a casa tenha sido adquirida por essas instituições com a intenção de tirá-la das mãos do Estado, preservando assim, a história dos imigrantes alemães e livrando-a dos processos de Nacionalização desenvolvidos pelo Estado Novo entre os anos de 1937 à 1946 e agravado com início da segunda grande guerra⁸. Talvez esta tenha sido uma alternativa para reafirmar a cultura alemã.

De acordo com Meira e Silva, Leonardo (2017), o objetivo do governo na época era de desenvolver uma cultura nacional com intuito, segundo Hall (2019), de construir identidades nacionais homogêneas, enfatizando uma cultura, uma etnia e um modo de pensar como único e ideal, despertando assim, sentimentos de nacionalismo. Dessa forma, a cultura alemã sofreu tentativas de apagamento histórico e cultural, como por exemplo a proibição de línguas estrangeiras em território brasileiro.

É a partir daí que a identidade local, sempre pautada pelo marco étnico da imigração alemã, deixa de ser bem-vinda, e é preciso apagar essa parte da memória local. [...] pois passou a ser vista como negação da brasilidade. [...] A radicalização da nacionalização e o contexto da Segunda Guerra criaram um clima proibitivo às expressões culturais que destoassem do propósito de homogeneização da identidade nacional. (WEBER, 2013, p. 3).

⁸ Para mais informações consultar “A criação de um museu de imigração alemã no pós-nacionalização” por Roswithia Weber (2013).

Os processos de nacionalização afetaram diretamente a constituição sociocultural da Casa da Feitoria. Basearam-se em uma ideia de invenção de tradição que exclui e segrega tudo aquilo que não faz parte da cultura nacional, inclusive os processos culturais constituídos a partir de migrações/imigrações e escravização, bem como da cultura nativa do país. É impossível pois, pensar em uma história única e nacional para o Brasil, ou qualquer parte territorial que o compõe, sem olhar para as diversas histórias que passaram neste país. “[...] o que procedeu a colonização não foi uma única nação, um único povo, mas muitas culturas e sociedades tribais diferentes.”. (HALL, 2019, p. 33).

A intenção da cultura e identidade nacional, no entanto, é a de enaltecer e valorizar apenas uma etnia ou cultura como única, pura e original, com o intuito, segundo Hall (2019), de apagar todos os outros povos que ameacem a estabilidade de uma elite cultural legítima. “[...] não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional.”. (HALL, 2019, p. 35).

Imersos em um processo de nacionalização do Governo Vargas, em 1940 a Casa da Feitoria Velha (futura Casa do Imigrante) é vendida à prefeitura de São Leopoldo com a promessa de que seria realizado o restauro, preservação e tombamento da Casa, para futuramente transformá-la, segundo Meira e Silva, Leonardo (2017), em um museu de colonização alemã. Além disso, a edificação seria utilizada, de forma temporária, como escola.

Em 1941 a solicitação de tombamento é enviada ao SPHAN⁹, sendo esse “[...] um dos primeiros processos de tombamento instaurados em relação aos bens patrimoniais do Rio Grande do Sul.”. (MEIRA; SILVA, LEONARDO, 2017, p. 10). A partir daí, as cidades pertencentes ao Vale do Rio dos Sinos mobilizaram-se para impedir que o governo federal tivesse posse da edificação, provavelmente devido aos processos de nacionalização agravados com segunda guerra mundial.

A antiga Casa da Feitoria Velha foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado (IPHAE) em 1983. De acordo com o este órgão,

⁹ Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional intitulado atualmente como (IPHAN) instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

[...] a edificação foi tombada em 1983 com a denominação de 'Casa da Feitoria Velha – atual Museu do Imigrante' e explica que quando a Casa foi comprada e recuperada pela prefeitura 'As características luso-brasileiras do prédio foram então alteradas, sendo acrescentados elementos da arquitetura germânica, como o enxaimel'. (IPHAE apud MEIRA; SILVA, LEONARDO, 2017, p. 9).

Segundo Canclini (2019), o patrimônio histórico-cultural é visto atualmente pela sociedade como um bem edificado que carrega em sua essência, uma história imaculada, que deve ser conservada. É a partir dessa perspectiva que a edificação é mantida e restaurada por arqueólogos, museólogos e restauradores. O mesmo autor ainda destaca a grande dificuldade que a população como um todo, inclusive a escola, têm de entender a real importância deste patrimônio, bem como os discursos muitas vezes estereotipados, que os são impressos e propagados. Estas edificações tombadas e tão importantes para a construção histórico-social e cultural de uma localidade, estado, país ou mesmo do mundo, encontram-se diluídas em uma “sociedade líquida” (BAUMAN, 2013).

Desta forma, ao invés de despertar o senso crítico dos cidadãos da atualidade voltando seus olhares em uma perspectiva de diversidade, transformações e processos de identificações, o patrimônio histórico-cultural segue apenas propagando uma história única e estanque que deve ser lembrada. “Se o patrimônio é interpretado como repertório fixo de tradições condensadas em objetos, **ele precisa de um palco-depósito que o contenha e o proteja, um palco vitrine para exibi-lo. O museu é a sede cerimonial do patrimônio [...]**”. (CANCLINI, 2019, p. 169, grifo nosso).

Em contraposição, destaca Canclini, (2019), é importante lembrar que há muitos museus e patrimônios excelentes que possibilitam, entre várias outras características, ricos processos de identificação. Outros no entanto, propagam, ainda que sem intenção, atos e formas de discriminação.

A primeira intervenção arquitetônica realizada na Casa ocorreu em 1941. O arquiteto responsável pela restauração deste patrimônio foi o alemão Theo Wiederspahn¹⁰ que, de acordo com Meira e Silva, Leonardo, (2017), foi um dos maiores arquitetos de sua época, tendo desenvolvido em torno de 480 projetos arquitetônicos, urbanos e de engenharia.

¹⁰ Devido sua nacionalidade sofreu perseguições durante os processos de nacionalização do Estado Novo que foram agravadas com a segunda Guerra Mundial.

A forma como Wiederspahn desenvolveu o restauro da Casa da Feitoria Velha, no entanto, levantou alguns questionamentos, uma vez que seu projeto descaracterizou a arquitetura original, luso-brasileira. Segundo Ramos (2019), algumas críticas foram feitas na época, questionando o trabalho de Wiederspahn que, ao forçar uma imagem teuto-brasileira, modificou a arquitetura original portuguesa “[...] já que a “carimbou” com uma imagem diretamente relacionada à cultura germânica – a técnica construtiva do enxaimel”. (RAMOS, 2019, p. 6).

Claramente a opção da sociedade que havia se mobilizado pela preservação da Casa foi no sentido de valorizar a sua importância como símbolo da cultura germânica e consagrá-la como uma referência importante em um segmento da identidade regional. Mas isso não incluía, necessariamente, carimbá-la com uma imagem diretamente relacionada, no senso comum, à cultura germânica – a técnica construtiva do enxaimel. (MEIRA; SILVA, LEONARDO, 2017, p. 8).

As mudanças arquitetônicas das características originais da Casa da Feitoria podem ter sido desenvolvidas como uma forma de resistência à globalização. “[...] voltar para o passado, [...] recuar definitivamente para aquele “tempo perdido” [...] restaurar as identidades passadas[...]”. (HALL, 2019, p. 33). Este processo, no entanto, corre o risco de instituir uma ideia errônea de uma história única, de um povo “puro”, escondendo assim, muitas outras partes que compõem a história e a cultura deste lugar. “[...] frequentemente esse mesmo retorno ao passado oculta uma luta para mobilizar as “pessoas” para que purifiquem, para que expulsem os “outros” que ameaçam sua identidade [...]”. (HALL, 2019, p. 33).

Assim como o processo de nacionalização do Estado Novo buscou excluir tudo aquilo que não fazia parte de uma representação de brasilidade, inclusive a cultura teuto-brasileira, ao superar essa fase, os próprios imigrantes e descendentes alemães, com o intuito de ressaltar a importância de sua cultura para a cidade de São Leopoldo e a Casa da Feitoria, acabaram por instituir uma identidade local fortemente alemã, excluindo por sua vez tudo o que não fazia parte deste universo, inclusive as outras etnias que compuseram este local.

Pouco se explicita o conhecimento sobre a história que precedeu a colonização alemã neste território e, talvez menos ainda, se explicita (ou se

saiba) sobre as relações étnico-raciais, de profunda discriminação contra os negros, que marcaram a história desta sociedade. (FOLLMANN; PINHEIRO, 2011, p. 143).

No entanto alguns estudos, especificamente na área da arquitetura, contrapõem esta visão de que forçou-se, através da restauração da Casa, uma cultura alemã já que “o enxaimel não é reconhecido como uma técnica exclusivamente germânica”. (MEIRA; SILVA, LEONARDO, 2017, p. 12). Contudo, devido ao processo de colonização instituído no Rio Grande do Sul, esta técnica arquitetônica, quando presente neste estado, remete à ideia de uma cultura teuto-brasileira. De acordo com Weimer, Theo Wiederspahn

[...] cometeu o grande pecado de sua vida profissional ao pregar sarrafos sobre as paredes de tijolos tentando imitar um enxaimel para atribuir ‘ares alemães’ a uma construção muito anterior à imigração. O resultado foi uma cenografia que nada tem a ver com a construção original. (WEIMER, 1983, p. 77 apud MEIRA; SILVA, LEONARDO, 2017, p. 12)

Figura 4 - Foto da Casa da Feitoria Velha antes da restauração



Fonte: Theo Wiederspahn (1940) – Acervo Delfos/ PUCRS apud MEIRA; SILVA, LEONARDO, 2017, p. 4

Figura 5 - Foto da Casa da Feitoria Velha depois da restauração



Fonte: Theo Wiederspahn (1940) – Acervo Delfos/ PUCRS apud MEIRA; SILVA, LEONARDO, 2017, p. 9.

Wiederspahn foi um grande profissional de sua época, construindo muitos projetos arquitetônicos, principalmente para a cidade de Porto Alegre. Por isso, para muitos pesquisadores, “É difícil imaginar que um profissional sério, rigoroso e com uma trajetória tão relevante tenha tomado a decisão leviana de “pregar sarrafos” para que a imagem de sua obra parecesse o que não era.”. (MEIRA; SILVA, LEONARDO, 2017, p. 12).

Outro importante ponto a ser analisado, ao refletir sobre o primeiro processo de restauração da Casa da Feitoria - Museu do Imigrante, refere-se à falta de conhecimento e experiência dos arquitetos da época referente aos processos de tombamento e os cuidados de uma obra de restauração. “[...] o estabelecimento de critérios e métodos a serem empregados na conservação e restauração dos monumentos tombados apresentava-se como a principal preocupação para o reduzido número de técnicos ainda inexperientes no assunto.”. (Andrade, 1992, p. 5 apud MEIRA; SILVA, LEONARDO, 2017, p. 13).

Segundo Meira e Silva, Leonardo (2017) nos documentos originais do projeto de restauração da Casa da Feitoria - Museu do Imigrante, o arquiteto Wiederspahn

ressalta sua preocupação em desenvolver corretamente o projeto de restauro da edificação

[...] e sugere entrar em contato com o SPHAN para ter orientação sobre as escolhas possíveis em relação ao projeto de recuperação. [...] Os técnicos estavam impossibilitados de recorrer a qualquer referência anterior, pois essas ainda não existiam na recém criada Instituição. (MEIRA; SILVA, LEONARDO, 2017, p. 13).

O SPHAN, no entanto, não enviou nenhum tipo de orientação sobre como o arquiteto deveria prosseguir com o restauro da Casa e este o fez segundo acreditava ser a melhor forma. De acordo com Meira e Silva, Leonardo, a imagem que institui-se de uma arquitetura teuto-brasileira sobre a Casa deve-se ao fato de que

[...] os elementos de madeira – esteios, baldrames e frechais – foram evidenciados com tinta de cor marrom-avermelhada contrastante em relação às paredes externas brancas. Essa solução levou posteriormente à interpretação de que Wiederspahn buscou relacionar a imagem da edificação às casas em enxaimel representativas da imigração germânica no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. (MEIRA; SILVA, LEONARDO, 2017, p. 15).

Figura 6 - Casa da Feitoria - Museu do Imigrante



Fonte: Facebook da Prefeitura Municipal de São Leopoldo

Em 1976, a escola estabelecida na Casa da Feitoria - Museu do Imigrante recebeu edificação própria, desta forma, a prefeitura de São Leopoldo transferiu a posse do patrimônio ao Museu Visconde de São Leopoldo (a quem pertence até os dias atuais.)¹¹, “[...] que fez nova reforma na casa, acrescentando salas temáticas e parte de seu acervo à edificação.”. (IPHAE, 2020).

Seus cômodos possuem exposições temáticas de móveis, utensílios e vestuário utilizados pelos imigrantes germânicos ao chegarem ao RS. Tem cozinha colonial, quarto do alfaiate, quarto de dormir, oficina do fotógrafo, venda típica da colônia e outros quartos e salas antigas. No pátio existe uma atafona e ao lado uma coleção de pedras tumulares antigas. (Facebook da Prefeitura Municipal de São Leopoldo, 2014).

Embora a edificação esteja organizada de forma a lembrar e valorizar a cultura teuto-brasileira, atualmente é possível perceber os primeiros passos de uma aproximação da Casa da Feitoria - Museu do Imigrante com as outras culturas que a constituíram, abandonando assim a ideia de uma cultura legítima e aceitando a constituição do município a partir de uma teia de interculturalidade.

O intuito deste movimento, embalado pelos processos de hibridação na pós-modernidade, é valorizar a diversidade cultural presente no município, ampliando as possibilidades dos processos de identificação da comunidade. “Nesse contexto, cabe ressaltar o lugar privilegiado que o patrimônio ocupa como legitimador dessas identidades individuais e coletivas [...]”. (MEIRA; SILVA, LEONARDO, 2017, p. 9).

São muitas as dificuldades e problemáticas, ainda existentes, de modo geral, no território leopoldense. O contexto histórico regional de imigração alemã, que marca a sociedade leopoldense, fez com que a problemática local estivesse revestida de dificuldades especiais no que diz respeito ao reconhecimento das demais etnias existentes na região. Neste contexto, as etnias diferentes à alemã ficaram à margem sem obter seu próprio espaço de forma democrática. (FOLLMANN; PINHEIRO, 2011, p. 143).

Um pequeno, mas importante exemplo desse processo, refere-se às duas placas anexadas à parede da Casa da Feitoria - Museu do Imigrante. A primeira foi pendurada na edificação em 1984, devido ao projeto Pró Memória Gaúcha

¹¹ Entidade privada a serviço da comunidade.

desenvolvido, segundo Meira e Silva, Leonardo (2017), pela Secretaria de Educação e Cultura do RS e pelo Grupo RBS, carregando a frase “Casa da Feitoria Velha, importante como fixação do homem à terra, esta construção **é um marco definitivo da Imigração Alemã no estado**”. (MEIRA; SILVA, LEONARDO, 2017, p. 8, grifo nosso).

A segunda, por outro lado, foi fixada quatro anos depois, em 1988, mas demonstra uma visão diferente desse patrimônio. Instalada, segundo Meira e Silva, Leonardo (2017), pela Prefeitura Municipal de São Leopoldo em parceria com o Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, a placa é comemorativa aos 200 anos da Real Feitoria e **reconhece a Feitoria do Linho Cânhamo como importante para história de São Leopoldo**.

Quando falamos de respeito à interculturalidade e à processos de identificação, ainda há muito o que ser mudado na visão que foi constituída até o momento da Casa da Feitoria - Museu do Imigrante. É preciso dar voz à “[...] rica história dos negros indissociavelmente ligada à existência da Feitoria que é simplesmente ignorada quando se adota o discurso da imigração como o grande acontecimento histórico do lugar”. (MEIRA; SILVA, LEONARDO, 2017, p. 8).

Contudo, embora este tenha-se demonstrado como um processo longo e vagaroso, é importante percebermos que estamos caminhando para a quebra de estereótipos e de culturas dominantes¹². Finalmente iniciam-se os primeiros processos de aproximação da memória afrodescendente, mas ainda há muito a ser feito.

É necessário reivindicar a cultura e memória dos afrodescendentes, que foram propositalmente apagadas. Tentou-se abafar a cultura teuto-brasileira durante o período de nacionalização e da Segunda Guerra, o que não foi possível devido aos movimentos de resistência da população. Por que, mesmo com as tentativas de reivindicação de sua história, o mesmo não acontece com a cultura afro, indígena e de tantas outras etnias que compõem este local?

¹² Conceitos abordados no próximo capítulo: “Cultura e os processos de identificação: uma construção histórico-social”.

2.5 O DESABAMENTO DA CASA DA FEITORIA – MUSEU DO IMIGRANTE

O desabamento [...] da antiga Real Feitoria do Linho Cânhamo em São Leopoldo nos serve de alerta pois o pior ainda não aconteceu, mas está por acontecer... Está por acontecer não somente em São Leopoldo, mas em cada município deste Estado e deste País em que possuindo patrimônio edificado legalmente reconhecido, continue sendo negligente por desinformação, burocracia das administrações ou simples desinteresse inclusive da própria população. A cada edifício ignorado uma nova ameaça se instaura contra o nosso patrimônio edificado e contra a nossa memória. (CAU/RS 2019).

Por volta das 11:00 horas da manhã do dia 05 de março de 2019, parte da Casa da Feitoria - Museu do Imigrante desabou, trazendo sérios prejuízos à edificação bem como à preservação das histórias e das memórias do patrimônio. Parte do telhado da Casa caiu e derrubou paredes, comprometendo toda a estrutura do museu. Segundo o secretário de Cultura de São Leopoldo, Pedro Vasconcelos (entrevista ao G1, 2019) a parte da casa que desabou é referente ao anexo que foi construído pelo arquiteto Theo Wiederspahn em 1941. “[...] o prédio original, feito de pedra, foi o que ficou de pé. A estrutura mais recente, feita de tijolos, foi a que desabou.” (G1, 2019).

Figura 7 - Desabamento de parte da Casa da Feitoria - Museu do Imigrante



Fonte: Correio do Povo (2019)

A estrutura da edificação estava danificada e a Casa necessitava de reformas. A Diretora da Casa da Feitoria - Museu do Imigrante Virgínea Maria Rodrigues relatou, em entrevista ao jornal Conexão Unisinos realizada em 30 de julho de 2013, que o telhado era a parte mais deteriorada da casa. Segundo ela, o ideal seria que todo o telhado fosse refeito, uma vez que os antigos restauros da edificação não foram realizados da maneira como deveriam. Em decorrência desse fato, o madeirame não estava de acordo com as telhas, resultando em muitas goteiras. Devido às infiltrações por conta das chuvas, o assoalho estava apodrecendo e o número de cupins havia aumentado.

Em decorrência desses problemas estruturais e por falta de recursos financeiros para restauração, o museu estava fechado, de acordo com o Conexão Unisinos (2013), desde julho de 2013. O projeto de restauro, segundo o G1 (2019), havia sido encaminhado em 2016, mas não saiu do papel por falta de repasse de verbas. Aprovado pela lei de incentivo à cultura em 2017, a aplicação do projeto de restauro custaria 1 milhão e 500 mil reais. "Já entramos com muitos recursos ao longo dos anos para reformar, para pintar... A prefeitura não tem dinheiro próprio para fazer um restauro, que é muito caro", declarou o Secretário de Cultura de São Leopoldo, Pedro Vasconcellos, em entrevista ao G1 (2019).

O acervo do local não foi danificado, pois, segundo Gaúcha ZH (2019), já havia sido retirado da edificação, por decisão da Diretoria do Museu. "Vazia e abandonada por não proporcionar qualquer habitabilidade, a edificação histórica desaba como um ato de pedido de socorro.". (CAU/RS, 2019).

A Casa da Feitoria - Museu do Imigrante é administrada pelo Museu Visconde de São Leopoldo sendo, segundo Virgínea Maria Rodrigues (CONEXÃO UNISINOS, 2013), de caráter privado à serviço da comunidade. "[...] o prédio não é público, mas é tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado (IPHAE) e protegido pelo município.", disse o Secretário de cultura de São Leopoldo em entrevista no G1 (2019).

Assim, o museu é sustentado por associados, voluntários e mantenedores, recebendo auxílio do poder público e privado. De acordo com a diretora do Museu do Imigrante, a prefeitura de São Leopoldo desempenha uma importante responsabilidade quanto à reforma, sendo uma das mantenedoras. Segundo ela, cerca de 30 ou 35% da manutenção do Museu Visconde de São Leopoldo é

realizado pela prefeitura e parte da verba é destinada para o restauro da Casa da Feitoria - Museu do Imigrante, que fica sob seus cuidados.

O Conselho Estadual de Cultura (CORREIO DO POVO, 2019) demonstrou, em nota, tristeza frente ao desabamento da Casa, ressaltando a importância deste patrimônio para a cultura local. Segundo o Secretário da Cultura de São Leopoldo, a Casa da Feitoria - Museu do Imigrante era o prédio mais importante da história da cidade “[...] a edificação foi testemunha do plantio do cânhamo Real da coroa Portuguesa, do uso da mão de obra escrava e da imigração germânica promovida pelo império e todos os seus desdobramentos.”. (CAU/RS, 2019).

Isso, por si só, demonstra a seriedade de seu restauro e preservação. O projeto de restauração da Casa encaminhado em 2016 está sendo refeito, uma vez que as novas circunstâncias, segundo Pedro Vasconcellos (entrevista ao G1, 2019), exigem quase uma reconstrução. “Agora, se trata de uma obra emergencial, e não mais de restauração. Readequaremos todo o projeto para torná-lo possível”. (VASCONCELLOS, entrevista ao Correio do Povo, 2019).

Segundo nota postada no Facebook do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo (2019), logo após a queda, a equipe do museu destinou-se ao local juntamente com a guarda municipal e pedreiros, para avaliar como havia ficado a estrutura da edificação e os danos que foram causados. De acordo com o G1 (2019), a prefeitura de São Leopoldo também auxiliou na organização, isolamento e limpeza do local.

No dia seguinte ao desabamento, o IPHAE e a Secretaria Estadual de Cultura foram até o local com o intuito de aferir os estragos que ocorreram com a queda, iniciando assim, os primeiros passos para um projeto de restauro. As primeiras medidas que deveriam ser tomadas, segundo o Secretário da Cultura de São Leopoldo (Correio do Povo, 2019) eram de isolar a área que desabou e cobri-la visando a segurança do local e a preservação do que restou. Outra importante medida referia-se à colocação de escoras para reforço da edificação, ação preventiva para impedir futuras quedas.

2.5.1 Um ano após o desabamento da Casa da Feitoria – Museu do Imigrante

Após um ano da queda, a Casa da Feitoria - Museu do Imigrante conta com novas escoras de sustentação. A cobertura, no entanto, ainda não foi realizada. "Estamos desde o ano passado tentando coletar recursos para fazer essa cobertura provisória, está estimada em cerca de R\$ 60 mil. Até agora não conseguimos juntar essa soma de dinheiro", declarou o Presidente do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo em entrevista ao G1 (2020). De acordo com Pedro Vasconcellos (G1, 2020), Secretário de Cultura de São Leopoldo, a cidade solicitou ajuda financeira ao Governo Federal e ao Ministério da Justiça, mas não obteve sucesso. Dessa forma, outros meios tiveram que ser pensados, a fim de realizar o restauro da edificação.

Através de um acordo técnico realizado entre a Casa, a prefeitura e a Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, ficou acordado que o projeto de restauro do patrimônio será realizado por esta universidade. De acordo com a Dra. Cristina Seibert Schneider, professora desta instituição e responsável pelo projeto de restauração, "Os alunos vão ter a possibilidade de vivenciar um projeto de restauro, supervisionados pelos nossos professores, e vai envolver os diferentes cursos da universidade". (G1, 2020).

Além do apoio da UNISINOS, outra iniciativa que está sendo realizada refere-se à tentativa de auxílio financeiro, através das leis de incentivo à cultura, no âmbito privado. De acordo com o Secretário de Cultura do município, o "[...] Consulado-Geral da Alemanha no Rio Grande do Sul, e da Câmara de Comércio Brasil e Alemanha, [...] estão mobilizando empresas alemãs para aportar recursos nesse projeto". (G1, 2020).

A intenção, segundo o G1 (2020), é de que o restauro da Casa da Feitoria - Museu do Imigrante esteja concluído até 2024, data de comemoração dos 200 anos da vinda dos primeiros imigrantes alemães ao município, que na época ainda era considerado Colônia de São Leopoldo. "Eu trabalho com o cronograma de 2024, que é quando vamos comemorar o bicentenário da imigração alemã no Brasil, esse aqui é o marco zero", declarou o Presidente do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo em entrevista ao G1 (2020).

De acordo com a reportagem do Jornal G1 publicada no dia 09 de março de 2020, a UNISINOS havia estipulado a entrega do projeto para o final do primeiro

semestre de 2020, despertando assim expectativas positivas de que o restauro da Casa da Feitoria - Museu do Imigrante pudesse ser concluído até o ano de 2024.

No entanto, infelizmente, o contexto atual de pandemia¹³ e crise financeira do país e do mundo implicam em atraso em todos os projetos do país, inclusive no restauro do museu. Provavelmente o cronograma do projeto de restauração será alterado e possivelmente a edificação encontrará dificuldades de receber verbas para a aplicação do projeto, tanto no âmbito público quanto no privado.

Outro fator que deve receber atenção quando se fala em desvalorização cultural, além da falta de repasses de verbas pelo setor público, diz respeito à falta de interesse e compreensão da sociedade frente à importância da cultura, em todas as suas formas, para a construção de histórias, processos de identificação e desenvolvimento do país. O desabamento do patrimônio da Casa da Feitoria - Museu do Imigrante ocorreu devido ao descaso instituído a ele tanto por parte do setor público e privado quanto das relações socioculturais e educacionais que são atribuídas pelos indivíduos na sociedade.

Cabe destacar que tal fato acontece em meio a um conjunto de cortes de investimentos em cultura e preservação do patrimônio. Fechamentos de casas culturais, museus, orquestras, e outros tantos espaços de valorização cultural, **tanto por falta de políticas e recursos, mas também por uma falta de participação dos cidadãos/empresas em manter, defender, investir, prestigiar e cuidar do patrimônio cultural.** (G1, 2019, grifo nosso).

A falta de recursos destinados à cultura é um fato recorrente no Brasil, no entanto, mais do que isso, o descaso, aos nossos patrimônios culturais, está intimamente ligado à falta de valorização que é dada à cultura pelos indivíduos que compõem este país.

Para preservar não basta restaurar e manter uma edificação, é necessário também compreender o valor simbólico deste patrimônio para lembrar o passado e as culturas presentes em cada um de nós, possibilitando o desenvolvimento de processos de identificação. Nesta perspectiva, o restauro da Casa da Feitoria - Museu do Imigrante vai muito além uma reconstrução física.

¹³ COVID-19.

Com o intuito de preservar a edificação que será restaurada, visado também desenvolver sentimentos de pertencimento e de cuidado com um patrimônio que é de todos, o IPHAE e a Secretaria de Cultura do Estado estabeleceram “um Plano de Ações e Metas” (G1, 2019) de educação patrimonial que

[...] busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de **conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural**, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural. (HORTA; GRUMBERG; MONTEIRO, 1999, p. 4, grifo nosso).

Busca-se, através da educação patrimonial, uma possibilidade de preservação dos bens histórico-culturais tão importantes para a formação de São Leopoldo, bem como os possíveis processos de identificação da sociedade para com a região.

De nada basta restaurar e preservar um patrimônio que não seja percebido e/ou valorizado pela comunidade na qual está inserido. A educação patrimonial, dessa forma, tem um papel extremamente importante ao possibilitar, através da educação, uma aproximação das pessoas com suas histórias, culturas e memórias. Para que o patrimônio cultural tenha real sentido e seja preservado, para além de questões estéticas, é necessário que as pessoas o visitem, conheçam suas histórias e lutem para que continue vivo.

3 CULTURA E OS PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO: UMA CONSTRUÇÃO HISTÓRICO SOCIAL

A natureza dos homens é a mesma, são seus hábitos que os mantêm separados. (CONFÚNCIO).

Os estudos sobre cultura e as tentativas de definição de um conceito base para este termo vem sendo aprofundados desde o século XVII. No entanto, os processos de significação da cultura são múltiplos, o que dificulta uma definição única do termo. Desta forma, as visões e elucidações da cultura devem ser contextualizadas de acordo com a época, o local e os processos históricos sob o qual estão inseridos.

A definição de cultura sofreu e vem sofrendo inúmeras transformações. “Não se trata de uma demarcação fácil, sobretudo em razão da apropriação do termo por diferentes campos do saber.”. (DALLA ZEN, 2013, p. 10). As diferentes áreas do conhecimento contribuíram para uma ampliação do sentido de cultura, fato que, ao mesmo tempo em que abarca os diferentes posicionamentos sobre o assunto, tornando sua definição um debate mais democrático, também embaraça e dificulta uma significação geral do termo.

Durante muito tempo acreditou-se que a cultura poderia ser determinada por processos biológicos. Desde o século passado sabemos, no entanto, que a natureza humana não influencia nem diz respeito à construção cultural. Defendendo essa ideia, em 1950, profissionais da Unesco redigiram um documento no qual declararam

[...] os dados científicos de que dispusemos atualmente não confirmam a teoria segundo a qual as diferenças genéticas hereditárias constituiriam um fator de importância primordial entre as causas e as obras das civilizações dos diversos povos ou grupos étnicos. Eles nos informam, pelo contrário, que essas diferenças se explicam, antes de tudo, pela história cultural de cada grupo. (UNESCO, 1950 apud LARAIA, 2018, p. 18).

Da mesma forma que as diferentes culturas não podem ser determinadas biologicamente, também não podem ser apontadas a partir de um determinismo

geográfico, “[...] é possível e comum existir uma grande diversidade cultural localizada em um mesmo tipo de ambiente físico.”. (LARAIA, 2018, p. 21). O Brasil, embora possua características geográficas semelhantes em quase toda sua extensão territorial, é constituído por uma grande diversidade cultural. Fato este que ocorre também na cidade de São Leopoldo, devido sua valiosa heterogeneidade histórica.

Inicialmente, a definição de cultura teve origem na Roma antiga, referindo-se ao ato de cultivar; o cultivo da terra e da agricultura. Com o advento do iluminismo e a revisão de ideais políticos, econômicos e intelectuais, o conceito de cultura também começou a sofrer transformações. Em meados do século XVIII, a definição francesa de cultura começou a ganhar destaque. Conhecida também como cultura do privilégio, referia-se a uma ideia de evolução cultural.

Pressupõe-se a existência de uma cultura hierarquicamente superior e, por isso, ela passa a ser classificada como universal. Desse modo há um conjunto de tradições, conhecimentos e obras artísticas que se trata daquilo que “de melhor produziu a humanidade”. (DALLA ZEN, 2013, p. 11).

A cultura do privilégio foi adotada durante muito tempo, pela educação, como a única forma de cultura válida. Assim, as instituições de ensino preocupavam-se exclusivamente com os “saberes consolidados” de uma cultura de elite.

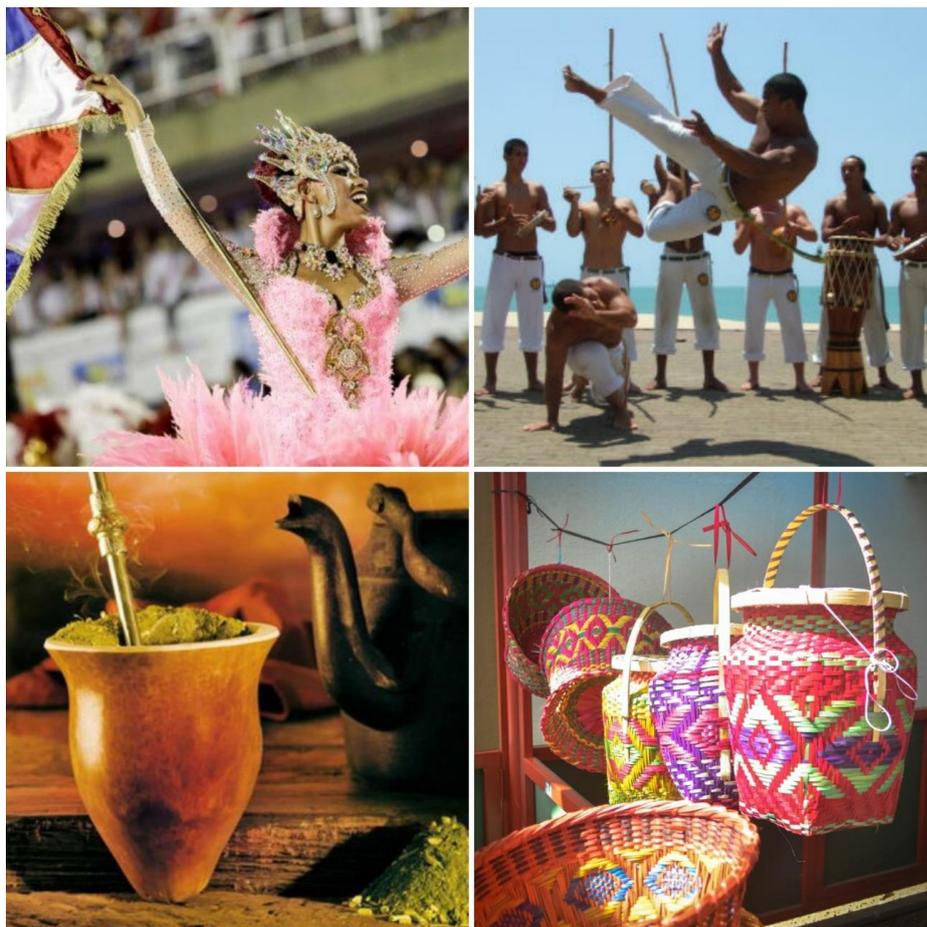
Figura 8 - Concepção francesa/cultura do privilégio



Fonte: Alta cultura balé (2020); Mona Lisa (2020); Alta cultura orquestra (2020)

Nesse mesmo período, a concepção alemã de cultura surge com uma nova interpretação que, diferente da concepção francesa, não considera a cultura como um privilégio da elite, mas sim “como um conjunto de características intelectuais, morais e artísticas que constituem o patrimônio de uma nação, ou seja, trata-se dos princípios fundadores de sua unidade em que a cultura de um povo é o que o diferencia das demais nações.”. (DALLA ZEN, 2013, p. 11). Nesta perspectiva, a cultura é vista como algo único e característico de determinado grupo.

Figura 9 - Concepção alemã de cultura



Fonte: Carnaval (2020); Capoeira (2020); Chimarrão (2020), Cestos indígenas kaingangs e guaranis (2020)

Com o intuito de sintetizar a concepção francesa e alemã em um mesmo termo, Edward Tylor (1871) uniu estas concepções e desenvolveu o conceito de cultura sob um ponto de vista antropológico. A cultura, segundo Tylor, “[...] em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade, ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade.”. (1920, p. 1). Assim, exclui-se a ideia de uma cultura delimitada por questões biológicas e/ou geográficas e entende-se que esta se desenvolve a partir de processos de aprendizagens referentes ao contexto social no qual se encontra.

A antropologia deixa claro que a diversidade cultural não é definida biologicamente mais sim a partir das experiências, histórias e aprendizagens pelos quais diferentes sociedades foram (e estão sendo) submetidas. A cultura de um

povo e seus costumes são definidos a partir da realidade na qual estão inseridos e da aproximação ou distanciamento que tem com outras culturas.

Segundo Laraia (2018), os processos socioculturais de diferentes grupos dizem respeito a um ato constante de endoculturação¹. “Se oferecêssemos aos homens a escolha de todos os costumes do mundo, aqueles que lhe parecessem melhor, eles examinariam a totalidade e acabariam preferindo os seus próprios costumes [...]”. (LARAIA, 2018, p. 11).

Embora Edward Tylor não tenha desenvolvido o conceito de cultura a partir de determinismos biológicos ou geográficos, o antropólogo apoiou-se nas ciências naturais para desenvolver sua teoria sobre cultura. Dessa forma, desenvolveu o conceito a partir de uma ideia de evolucionismo cultural (já utilizado pela concepção francesa) onde, para ele, a diversidade diz respeito às desigualdades evolutivas. Segundo o antropólogo

[...] uma das tarefas da antropologia seria a de “estabelecer, grosso modo, uma escala de civilização”, simplesmente colocando as nações europeias em um dos extremos da série e em outro as tribos selvagens, dispendo o resto da humanidade entre dois limites. (LARAIA, 2018, p. 33).

Desta forma, Tylor reforça a ideia de segregação social, uma vez que estratifica sociedades e grupos sociais como cultos ou incultos. Para ele, a cultura é determinada a partir de uma escala de civilização que pode ser atingida por todos, através de processos de aprendizagem. “[...] predominava então, a ideia de que a cultura desenvolve-se de maneira uniforme de tal forma que era de se esperar que cada sociedade percorresse as etapas que já tinham sido percorridas pelas sociedades mais avançadas.”. (LARAIA, 2018, p. 34).

Em contraposição à teoria evolucionista de Edward Tylor sobre cultura, Franz Boas (1858-1949) desenvolveu um conceito cultural a partir do particularismo histórico. Para ele “[...] cada cultura segue os seus próprios caminhos em função dos diferentes eventos históricos que enfrentou.”. (LARAIA, 2018, p. 36).

¹ De acordo com o dicionário ortográfico da língua portuguesa, endoculturação tem como significado “S.f Processo constante de aprendizagem e de assimilação do conhecimento, em que o indivíduo aprende o modo de vida e a cultura da sociedade em que nasceu (valores, preceitos, crenças, saberes); tem início na infância, posteriormente na escola, seguida por outros grupos ou níveis sociais.”

Da mesma forma que não há uma história única, não existe também uma cultura única, mas sim culturas diversas e plurais, repletas de significância e importância, constituídas a partir de diferentes contextos.

3.1 DA MODERNIDADE À GLOBALIZAÇÃO: AS FLUTUAÇÕES CULTURAIS NO MUNDO LÍQUIDO MODERNO

Em maior ou menor grau, os processos de identificação, tanto individuais quanto coletivos, são constantemente influenciados e transformados pelos contextos culturais ao qual estão inseridos. As identidades culturais “[...] surgem de nosso “pertencimento” a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais.”. (HALL, 2019, p. 9).

Pensados a partir de uma lógica de construção de sentimento de identificação e lealdade a uma nação, os processos de nacionalização ganharam força na modernidade. “Comunidades imaginadas” nasceram a partir de um discurso de um “povo puro”.

As culturas nacionais são tentadas, algumas vezes, a se voltar ao passado e recuar defensivamente para aquele “tempo perdido”, quando a nação era “grande”; são tentadas a restaurar as identidades passadas. Esse constitui o elemento regressivo, anacrônico, da história da cultura nacional. **Mas frequentemente esse mesmo retorno ao passado oculta uma luta para mobilizar as “pessoas” para que purifiquem suas fileiras, para que expulsem os “outros” que ameaçam sua identidade** e para que preparem para uma nova marcha para a frente. (HALL, 2019, p. 33, grifo nosso).

Dessa forma, a modernidade foi construída a partir de apagamentos históricos propositados, devido a segregações raciais, sociais e culturais. Para legitimar uma identidade nacional “começos violentos que se colocam nas origens das nações modernas têm, primeiro, que ser ‘esquecidos’, antes que se comece a forjar a lealdade com uma identidade nacional mais unificada, mais homogênea.”. (HALL, 2019, p. 35). Nesta perspectiva, a cultura que passa a ser valorizada e propagada por todos, em uma nação homogênea, é aquela dos povos “superiores”.

Tais crenças contêm o germe do racismo, da intolerância, e, frequentemente, são utilizadas para justificar a violência praticada contra os outros. A dicotomia “nós e os outros” expressa em níveis diferentes essa tendência [...] resulta nas manifestações nacionalistas ou formas mais extremas de xenofobia. (LARAIA, 2018, p. 73).

Baseadas em estereótipos, as culturas nacionais e os processos de nacionalização calcam-se em atitudes de ocultamento cultural e histórico. O Museu do Imigrante – Casa da Feitoria Velha iniciou seu processo de tombamento, assim como tantos outros patrimônios culturais brasileiros, em um período de nacionalização que buscava exaltar um sentimento de brasilidade. As práticas do Estado Novo tinham como intuito homogeneizar a população, construindo assim uma “cultura brasileira legítima”.

Protestando contra essa ideia, o Museu do Imigrante – Casa da Feitoria Velha foi tombado a partir de iniciativas locais, que prezavam pela salvaguarda da cultura Alemã dos imigrantes que nesta região um dia habitaram. Tombado a partir de uma perspectiva de cultura local, o Museu do Imigrante defende e protege até hoje a cultura alemã que foi tão importante para região.

No entanto, assim como com a cultura nacional, a cultura local também pode excetuar e afastar as outras histórias e memórias que compõem patrimônios histórico-culturais. Quanto maior a diversidade cultural do local, maiores são os riscos de apagamento de algumas culturas e exaltação de outras.

O Brasil é um país de grande interculturalidade. Povoado inicialmente por diversas tribos indígenas, ampliou sua culturalidade com os processos de colonização, sob os quais portugueses, alemães, italianos, holandeses, japoneses e outros, imigraram para o país.

Além disso, muitos africanos foram trazidos à força para a região, na época da escravidão. Esses processos migratórios tinham a intenção de povoamento e desenvolvimento econômico do país. Posteriormente, com a abolição da escravatura, somava-se o propósito de embranquecimento da população.

No século XXI, os processos migratórios e imigratórios ganham forças no Brasil e no mundo, possibilitando maiores contatos e trocas entre diferentes etnias e culturas. Muitos imigrantes, provindos principalmente de países da África e do Caribe, têm vindo para o Brasil nos últimos tempos. Esse aumento de migrações, emigrações e imigrações deve-se principalmente à globalização.

Vivemos atualmente na pós-modernidade, onde a globalização tem afetado diretamente a economia e os processos socioculturais de todo o mundo. A globalização, segundo Hall,

[...] se refere àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade de experiência, mais interconectado. (2019, p. 39).

Com o forte intercambio de pessoas, informações e costumes, as culturas encontram-se deslocadas em uma grande teia de inter-relações sob as quais uma influência e complementa a outra. Silva, Rodrigo (2015, p. 209) complementa que

[...] as décadas passadas demonstraram a vigência de políticas culturais nacionalistas orientadas por processos monoidentitários, enquanto que, hoje, estas posições parecem deslocar-se para sentidos multi-identitários e democráticos, uma vez que afirmam, no plano de suas narrativas institucionais, a capacidade de incluir atores e grupos historicamente ausentes ou silenciados nas ações estatais.

Diferentes formas de cultura são produzidas e compartilhadas a todo o momento por todos. Os meios de comunicação de massa permitem que pessoas de lugares e etnias diferentes consumam o mesmo produto e compartilhem da mesma cultura.

No mundo globalizado, a escala hierárquica de cultura, estabelecida pela concepção francesa do século XVIII e reforçada na modernidade pelos processos de nacionalização, se dissolve, e a cultura de massa é propagada a partir de um mercado de consumo. A elite cultural não mais diz respeito a uma “cultura dominante”, mas a uma acumulação de cultura de massa, onde quem estaria na “elite” seria quem possui maior diversidade cultural.

[...] a cultura [...] se manifesta como arsenal de artigos destinados ao consumo, todos competindo pela atenção, insustentavelmente passageira e distraída, dos potenciais clientes, todos tentando prender essa atenção por um período maior que a duração de uma piscadela. (BAUMAN, 2013, p. 18).

Bauman (2013) refere-se à pós modernidade como “mundo líquido moderno”, uma vez que tudo encontra-se em rápida transformação. As culturas estão misturadas, sobrepostas e constantemente transformadas na modernidade líquida. Através de viagens, migrações e imigrações e da interculturalidade de relações interétnicas, processos identitários tornam-se cada vez mais heterogêneos, reconstruindo-se através de fusões entre pessoas, povos e culturas.

Canclini (2019) utiliza o conceito de hibridização para referir-se à essas trocas interculturais. “A hibridização, como processo de interseção e transações, é o que torna possível que a multiculturalidade evite o que tem de segregação e se converta em interculturalidade.”. (CANCLINI, 2019, p. XXVII).

Dessa forma, a partir de processos híbridos, as pessoas, os lugares e as culturas entram em contato umas com as outras, gerando novas concepções e reformulações culturais que não apagam as culturas iniciais que as procederam, mas que possibilitam trocas e modificações, constituindo assim novas estruturas.

A ênfase na hibridização não enclausura apenas a pretensão de estabelecer identidade “puras” ou “autênticas”. Além disso, põe em evidência o risco de delimitar identidades locais autocontidas ou que tendem afirmar-se como radicalmente opostas à sociedade nacional ou à globalização. (CANCLINI, 2019, p. XXIII).

Um exemplo comum de hibridização são os vocabulários linguísticos que vão sendo modificados e atualizados, de acordo com as diversidades culturais ao qual estão submetidos. O português falado no Brasil não é mais o mesmo que foi instituído por Portugal no início do processo de colonização. Da mesma forma, pode-se citar os dialetos alemão e/ou italiano: os falados hoje no país são frutos de hibridizações, mudanças e adequações que ocorreram, em decorrência de muitos fatores, desde o início da vinda destes primeiros imigrantes.

No entanto, de acordo com Canclini (2019), há limites nos processos de hibridização quando, por vezes, permanecem movimentos de rejeição à mudanças e/ou transformações. “Existem resistências a aceitar estas e outras formas de hibridização **porque geram inseguranças nas culturas** e conspiram contra sua autoestima etnocêntrica.”. (CANCLINI, 2019, p. XXXIII, grifo nosso). Dessa forma,

ainda é muito comum encontrarmos atualmente comunidades imaginadas, baseadas em uma cultura nacional ou local.

Vivemos processos de crises de identidades, uma vez que estas encontram-se em constante transformação (HALL, 2019). Culturas estanques de identidades únicas e valores pré-definidos, não comportam mais uma sociedade plural, repleta de diversidades culturais articuladas.

3.2 PATRIMÔNIO, MEMÓRIA E IDENTIDADE SOCIAL

A escola tornou-se um mundo de debates intermináveis sobre os seus fins, sobre os princípios e as “cidades” de justiça e já nenhum desses princípios pode esmagar os demais. (DUBET, 2011, p. 300).

Patrimônios culturais são “[...] todas as expressões de natureza cultural representativas de um povo e que carregam testemunhos de sua história.” (SCHNEIDER, 2017, p. 16). Constituídos de forma material e imaterial, revelam e reivindicam diferentes histórias e memórias.

As memórias fazem parte da história dos patrimônios e ampliam a diversidade cultural. São seletivas, uma vez que dependem da subjetividade de quem as rememora, estando portanto submetidas à “[...] flutuações, transformações, mudanças constantes [...]”. (POLLAK, 1992, p. 2). Podem ser individuais ou coletivas.

A valorização e reconhecimento das memórias e da história oral² tem ganhado importância no século XXI, quando se percebeu que estas memórias auxiliam nos processos de identificação cultural e pertencimento. As memórias podem ser individuais, coletivas e, por muitas vezes, subterrâneas. Memórias coletivas são recordações comuns à um grupo de pessoas que, ligadas por estas lembranças, formam uma teia de histórias. “[...] uma memória também que, ao definir

² A história oral é uma metodologia de pesquisa que busca acessar acontecimentos e/ou experiências que não se encontram registrados em documentos. Para isso, o pesquisador realiza entrevistas, buscando conhecer a memória de seus entrevistados. A partir dessas narrativas orais, este estudioso consegue captar a subjetividade histórica de cada fala, podendo por fim, relacionar ou não essa história oral com outras fontes de pesquisa.

o que é comum a um grupo e o que o diferencia dos outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras socioculturais.”. (POLLAK, 1989, p. 3).

Estas memórias possuem um forte papel na construção de processos de identificação. Despertam, em quem as rememora, sentimentos de pertencimento que, por vezes, referem-se à “[...] acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não.”. (POLLAK, 1992, p, 2).

Nessa perspectiva, as memórias coletivas desempenham um processo de “identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada.”. (POLLAK, 1992, p, 2). Quando ligadas à processos de nacionalização, se transformam em memórias nacionais enquadradas.

De acordo com Pollak (1989, p. 4), criadas a partir de um “[...] caráter destruidor, uniformizador e opressor [...]”, as memórias nacionais são propagadas pelo Estado com o intuito de delimitar uma “memória oficial”, aquela que deve ser salvaguardada e lembrada por todos no futuro. A memória dominante dos “heróis”.

Os patrimônios histórico-culturais podem ser lugares de apoio de memória possibilitando, através da democratização cultural, processos de identificação e reconhecimento das pessoas e de suas histórias. “Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico.”. (POLLAK, 1992, p. 3).

Museus e patrimônios podem ser lugares de apoio de memórias, podem ser ferramentas potentes para processos de identificação e podem desconstruir estereótipos e ideais preconceituosos. Isso, no entanto, nem sempre acontece. Até o século passado, os patrimônios culturais tinham a intenção de constituir e propagar identidades nacionais homogêneas. Fundados a partir de memórias nacionais, os patrimônios histórico-culturais carregavam a intenção de propagar práticas de nacionalização.

O que se define como **identidade** pretende ser o **reflexo fiel da essência nacional**. [...] Celebra-se o patrimônio histórico constituído pelos acontecimentos fundadores, os **heróis** que os protagonizaram e os objetivos fetichizados que os evocam. Os ritos legítimos são os que encenam o **desejo de repetição e perpetuação da ordem**. (CANCLINI, 2019, p. 163, grifo nosso).

Essa visão nacionalista não condiz mais com as políticas culturais da pós-modernidade. Porém, ainda hoje muitos museus e patrimônios difundem e propagam processos de homogeneização cultural e apagamento histórico propositado.

Museus e patrimônios culturais podem ser utilizados como ferramenta para a legitimação de identidades nacionais, quando apreciados pela comunidade “como um dom, algo que recebemos do passado e com tal prestígio simbólico que não cabe discuti-lo.” (CANCLINI, 2019, p. 160). Neste sentido, sua preservação e restauro são realizados com a intenção de manter de forma inalterada sua “verdadeira” história.

Dessa forma, discursos nacionalistas e concepções inventadas continuam a propagar, na perspectiva pós moderna, ideias de culturas e povos homogêneos: “[...] não corre a quase ninguém pensar nas contradições sociais que expressam [...] o patrimônio é o lugar onde melhor sobrevive hoje a ideologia dos setores oligárquicos [...]”. (CANCLINI, 2019, p. 160).

A educação patrimonial é atualmente uma importante ferramenta para a desconstrução dessa homogeneização cultural. Criada no final do século XX, juntamente com o surgimento do SPHAN, a educação patrimonial foi pensada como uma possibilidade de “aprofundar o conhecimento, a conscientização e a preservação do patrimônio histórico e cultural.” (SILVA, Rodrigo, 2015, p. 218).

Em 1999, a educação patrimonial ganha forças como atividade pedagógica com a criação do “Guia Básico da Educação Patrimonial” escrito por Horta, Grunberg e Monteiro. Com este guia, atividades práticas são pensadas para as escolas e outros espaços educativos, a partir de uma lógica de reconhecimento, apropriação e salvaguarda dos patrimônios culturais.

A educação patrimonial, segundo Horta, Grunberg e Monteiro (1999), ocorre para além das salas de aula, sendo possível em muitos outros espaços educativos. Essa educação, deve possibilitar aos seus alunos, um maior conhecimento e apropriação dos bens culturais. Além disso, é pensada também como uma alternativa para a salvaguarda destes patrimônios, uma vez que é preciso conhecê-los para preservá-los.

Através da ampliação do conhecimento e da valorização das diferenças culturais, as possibilidades de apropriação e de processos de identificação são muito maiores. Horta, Grunberg e Monteiro (1999) preveem uma educação patrimonial a

partir de uma preservação sustentável, calcando-se em atividades e ações que valorizem e despertem a criticidade.

Educação patrimonial quando ativa na sociedade, **desperta sentimentos de pertencimento, o que só ocorreria mediante conhecimento e vivência**, por isso as autoras enfatizavam que essa educação seria parte de um **processo contínuo e sistemático**. (SILVA, Rodrigo, 2015, p. 218, grifo nosso).

Dessa forma, a educação patrimonial amplia as compreensões de mundo de seus alunos e das histórias e culturas que o compõe. “Este processo leva ao reforço da autoestima dos indivíduos e comunidades e à valorização da cultura brasileira, compreendida como múltipla e plural.”. (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999, p. 4).

Os processos de identificação são possíveis, segundo Horta, Grunberg e Monteiro (1999), porque a educação patrimonial desperta sentimentos de pertencimento e apropriação. Ao conhecer um lugar, sua cultura e sua história as possibilidades de conexão desses alunos (crianças ou adultos) com este patrimônio é muito maior. “A gente ama o que conhece!”. (SCHNEIDER, 2017, p. 316).

A educação patrimonial permite a “dissolução das monoidentidades³” e a valorização e exaltação de memórias subterrâneas e de culturas e histórias propositalmente apagadas. Estas memórias subterrâneas são as memórias “dos excluídos, dos marginalizados e das minorias” (POLLAK, 1989, p. 4) que geralmente foram “silenciadas ou tornaram-se pouco perceptíveis pela memória oficial”. (SILVA, Rodrigo, 2015, p. 211). Através da educação patrimonial elas podem, no entanto, serem ouvidas, compreendidas e valorizadas. Nesta perspectiva

Difere também do entendimento estritamente metodológico atribuído à educação patrimonial no começo dos anos de 1990, quando educação patrimonial acabou por assumir uma ênfase de conscientização dos estudantes para a salvaguarda das memórias e dos patrimônios. Tal interpretação permite o desvelar “das memórias subterrâneas”. (POLLAK, 1989) e de suas contradições e conflitualidades. (SILVA, Rodrigo, 2015, p. 221).

³ O termo “monoidentidades” é utilizado por Silva, Rodrigo, (2015) em seu artigo “Educação patrimonial e a dissolução das monoidentidades”. Para mais informações acesse: <https://www.scielo.br/pdf/er/n56/0101-4358-er-56-00207.pdf>

O primeiro passo para a aceitação e valorização da diversidade cultural deve-se ao conhecimento do diferente. O entendimento de que pessoas diversas possuem culturas, histórias e memórias diversas. “Os museus, como meios de comunicação de massas, podem desempenhar um papel significativo na democratização da cultura e na mudança do conceito de cultura.”. (CANCLINI, 2019, p. 169).

Embora muitas sejam as ações que reivindicuem as memórias subterrâneas, as histórias propositalmente apagadas e a valorização de todas as culturas, seria ingenuidade acreditar que todos os museus e patrimônios (materiais e imateriais) respeitem esses ideais.

Muito já foi feito; cada vez mais práticas e ações sociais destacam e valorizam culturas oprimidas e histórias apagadas. No entanto, algumas práticas sociais, museus e patrimônios ainda desempenham uma teatralização cultural visando recuperar culturas nacionais e “autênticas” que, através da homogeneização, controlam a sociedade.

A teatralização do patrimônio é o esforço para simular que há uma origem, uma substância fundadora, em relação à qual deveríamos atuar hoje. Essa é a base das políticas culturais autoritárias. **O mundo é um palco, mas o que deve ser representado já está prescrito.** As práticas e os objetos valiosos se encontram catalogados em um repertório fixo. (CANCLINI, 2019, p. 162, grifo nosso).

Os movimentos sociais, a educação patrimonial e a valorização cultural não pretendem apagar as culturas nacionais, a cultura dos heróis ou a cultura da elite, mas sim, demonstrar que estas não são as únicas culturas que importam e não compreendem histórias únicas e verdades absolutas. As culturas, as histórias e as memórias são formadas por múltiplas facetas e o que as diferencia é o ângulo sob o qual posicionamos nossa visão.

A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. [...] As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espolar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar.

Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada. (ADICHIE, 2019, p. 26/32).

Os processos educativos possuem em si uma grande potência revolucionária. Através da educação é possível questionar, repensar e mudar. “[...] não basta a natureza criar indivíduos altamente inteligentes, isto ela o faz com frequência, mas é necessário que coloque ao alcance desses indivíduos o material que lhes permita exercer a sua criatividade de uma maneira revolucionária.”. (LARRAIA, 2019, p. 46).

4 PERCURSOS METODOLÓGICOS

Da mesma forma que as áreas econômicas, políticas e sociais sofreram transformações na pós-modernidade, a pesquisa científica também se modificou com os processos de hibridação. O conhecimento científico, considerado até então como um método ideal de racionalidade capaz de alcançar a verdade, começa a ser questionado. Isto não significa, em hipótese alguma, que a pesquisa científica tenha sido desvalorizada ou perdido sua legitimidade. O que começou a ser repensado foram as formas de produzir conhecimento.

Assim, a ciência positivista, compreendida na modernidade como ferramenta para obtenção da verdade, considerada neutra e imparcial, “[...] solução dos problemas enfrentados pela humanidade.”. (NEIRA; LIPPI, 2012, p. 608) passa a ser vista na pós-modernidade como um dos estudos de sua época.

Em tempos pós-modernos, o questionamento da ciência abre espaço para aceitação de outros referenciais para a explicação do mundo, quer seja pelas mudanças nos critérios e procedimentos empregados na sua produção ou pelo reconhecimento da validade de outros discursos como a religião, mitologia e senso comum. (NEIRA; LIPPI, 2012, p. 608).

Nesta perspectiva, surge o conceito de bricolagem como uma ferramenta científica que considera e valoriza diferentes relatos e aspectos sobre um mesmo objeto de estudo, tornando a pesquisa científica mais complexa, completa e democrática.

[...] não se busca descobrir verdades, como se elas estivessem escondidas à espera de um investigador, o que se pretende é entender a sua construção e questionar como os diversos agentes sociais produzem e reproduzem o que é imposto pelos discursos hegemônicos. (NEIRA; LIPPI, 2012, p. 610).

Ao analisar e considerar as diversas falas e posicionamentos de diferentes atores sociais sobre um mesmo objeto, a bricolagem surge como uma possibilidade de “[...] respeitar os diversos olhares e experiências que permeiam a sociedade

multicultural contemporânea, **a bricolagem altera a lógica dominante na produção de conhecimentos.**” (NEIRA; LIPPI, 2012, p. 610, grifo nosso).

É importante destacar, segundo Neira e Lippi (2012), que a pesquisa científica embasada na bricolagem constitui-se em um modo de investigação que analisa como fator central o contexto dos objetos de pesquisa e as relações de poder entre este e seus agentes:

[...] na bricolagem a subjetividade e o posicionamento político não são descartados. Construir conhecimentos a partir de múltiplas vozes exige saber qual a origem das explicações fornecidas e quais experiências sociais influenciam os olhares sobre o fenômeno investigado. Ou seja, é preciso ouvir diversas explicações sobre o objeto para que o pesquisador possa percorrer inúmeros caminhos, aproximar-se e, talvez, chegar a múltiplas interpretações. (NEIRA; LIPPI, 2012, p. 611).

Devido ao fato de acolher e respeitar diversos pontos de vista, a bricolagem tem sido uma alternativa potente aos Estudos Culturais. “Para os Estudos Culturais, revelar os mecanismos pelos quais se constroem determinadas representações é o primeiro passo para reescrever os processos discursivos e alcançar a formação de outras identidades.” (NEIRA; LIPPI, 2012, p. 609).

Por acreditar na pesquisa científica como alternativa para a reivindicação de direitos e da ciência como um lugar de destaque para a diversidade cultural, construo este projeto de estudo apoiando-me na bricolagem como método de investigação.

Desta forma, desenvolvo este trabalho a partir de um posicionamento crítico sob o qual debruço-me sobre diversas áreas e perspectivas de estudo para compreender as relações de poder estabelecidas no universo cultural e possibilitar a quebra de visões fragmentadas e estereotipadas, que favorecem apenas um ponto de vista. Ao compreender que as mudanças político-sociais e culturais atravessam os posicionamentos pós-modernos e modificam ou solidificam relações de poder, pude refletir melhor sobre os Estudos Culturais e sua relação com os ideais pedagógicos.

Com base em tudo que já estudei sobre educação e que continuo estudando até momento, parto da hipótese “[...] de que a pesquisa em educação de fato tem

importância. Tal importância se dá, sobretudo, porque temos como pressuposto [...] que a verdade é uma invenção, uma criação.”. (MEYER, PARAÍSO, 2012, p. 27).

Portanto não há uma verdade única, mas uma ampliação das múltiplas facetas de verdades. Partindo desse pressuposto, redireciono o meu olhar de pesquisadora ao município de São Leopoldo, definindo a Casa da Feitoria - Museu do Imigrante, patrimônio Estadual do Rio Grande do Sul, como meu objeto de pesquisa. Desta forma, construo sobre ele a seguinte problemática: Quais os processos de identificação da comunidade local e como estes moradores se relacionam com este bem edificado?

Com o intuito de responder a este problema de pesquisa, tenho como objetivo conhecer e analisar o valor simbólico da Casa da Feitoria para a comunidade local. Dessa forma, para alcançar este objetivo traço os seguintes objetivos específicos: compreender as expectativas com o processo de restauro e sua relação com a educação patrimonial e a preservação do patrimônio cultural.

Para isso, desenvolvo minha técnica de pesquisa através do viés da entrevista compreensiva semiestruturada de análise qualitativa. Assim como Silva, Rosália (2006, p. 46)

Minhas escolhas encontraram na metodologia da entrevista compreensiva a forma mais apropriada para tratar do objeto escolhido, uma abertura, entre tantas, para outras formas de desvelar objetos de análise que tragam no seu bojo a escuta sensível.

Com a entrevista compreensiva busco desenvolver, a partir da multirreferencialidade, uma aproximação com os pensamentos complexos da comunidade local do bairro Feitoria/SL para com o patrimônio cultural da Casa da Feitoria – Museu do Imigrante, compreendendo a multiplicidade cultural da região e seus impactos na construção de identidades, assim como as relações de pertencimento estabelecidas por este patrimônio.

Constituída a partir de três conceitos base (multirreferencialidade, escuta sensível e artesanato cultural), a entrevista compreensiva propõe, para além de análises, um movimento de compreensão dos entrevistados. Compreender diferentes perspectivas e pontos de vistas, contextualizando-os com a sociedade e os discursos de poder que os envolvem.

Assim, a multirreferencialidade constitui-se a partir da bricolagem e nega pontos de vista únicos e verdades absolutas. Uma entrevista compreensiva a partir da perspectiva da multirreferencialidade, tende a desconstruir padrões heterogêneos e comunidades imaginadas porque valoriza, respeita e percebe diferentes perspectivas sobre um mesmo objeto.

A escuta sensível parte de um ato de empatia “[...] reconhece a aceitação incondicional do outro, com seus defeitos e qualidades, complexidade e simplicidade.” (SILVA, ROSIMEYRE; SILVA, JOSELMA, 2016, p. 9). Não significa que o pesquisador tenha que concordar com entrevistado(a), mas que deve respeitar todas as diferentes opiniões e pontos de vista sobre o mesmo assunto. Compreendendo também que o posicionamento de cada um está intimamente relacionado ao contexto histórico-cultural e social sob o qual cada um pertence.

Por fim, o artesanato intelectual mistura as experiências de vida do pesquisador com sua própria forma de fazer pesquisa, promovendo uma “indissociabilidade entre a vida e o trabalho do artesão intelectual.” (SILVA, ROSIMEYRE; SILVA, JOSELMA, 2016, p. 11). A entrevista compreensiva possibilita, de acordo com Silva, Rosimeyre e Silva, Joselma (2016), mais do que uma análise mas uma compreensão e aproximação do pesquisador com o objeto de estudo em seus múltiplos aspectos:

Compreender, nesta perspectiva, significa colocar-se mentalmente no lugar que o entrevistado ocupa no espaço social, considerando condicionantes psíquicos e sociais dos quais ele é produto, e que estão diretamente associados à sua posição e a sua trajetória particular neste espaço (SILVA, ROSIMEYRE; SILVA, JOSELMA, 2016, p. 4)

Antes de continuar, é relevante destacar que o contexto de calamidade pública sob qual todos estamos vivendo e as medidas de isolamento social como tentativas de retardo e diminuição desta pandemia (COVID-19), impactam diretamente no desenvolvimento deste trabalho de pesquisa. As medidas de distanciamento social têm impedido a todos de realizarem atividades que antes eram tão comuns, como se encontrar e conversar com outras pessoas. Pelo fato de poder e escolher permanecer em casa, alterei e me adaptei à técnica de pesquisa escolhida para este trabalho.

Respeitando o isolamento social, as entrevistas foram desenvolvidas de forma *online* a partir da plataforma de comunicação virtual Zoom e pelo *Face Time* do Whastapp. As entrevistas foram realizadas individualmente e ficaram gravadas (com autorização de cada um). Em um caso específico, o entrevistado preferiu responder a um questionário (ao invés da entrevista) que foi enviado e respondido por e-mail.

As entrevistas compreensivas e os questionários foram realizados com moradores, lideranças locais e pesquisadores do município de São Leopoldo¹. A definição desta amostragem iniciou-se através do contato com o presidente do Museu Visconde de São Leopoldo, ao qual o Museu do Imigrante pertence. As seguintes pessoas foram entrevistadas:

Quadro 1 - Entrevistados

Entrevistados	Descrição
<i>Lideranças locais</i>	
Entrevistado 1	- Presidente e diretor voluntário do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo - Masculino;
Entrevistado 2	- Historiadora e Pesquisadora do IPHAE - Feminino;
Entrevistado 3	- Secretária da diretoria da Associação de trabalhadores da Feitoria (SIMPLIF); - Feminino;
<i>Moradores do bairro Feitoria</i>	
Entrevistado 4	- Empresário; - Masculino;
Entrevistado 5	- Assistente Social do Neabi ² – UNISNOS; - Feminino;
<i>Pesquisadores do bairro Feitoria</i>	
Entrevistado 6	- Professor da Unisinos. (Questionário respondido por e-mail) - Masculino;
Entrevistado 7	- Ex professora da UNISINOS - Feminino;

Fonte: Elaborado pela autora

Além das entrevistas compreensivas e do questionário, duas visitas *in loco*³ foram realizadas, como forma de aproximação com o objeto de pesquisa, sendo elas uma visita ao Museu Visconde de São Leopoldo, em uma reunião com o presidente

¹ Mostra por conveniência

² Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas da UNISINOS. O Neabi é um programa de pesquisa e extensão da Universidade do Vale do Rio dos Sinos que visa a reeducação das relações étnico raciais, atuando também na área social.

³ Ver Apêndice A.

do museu, bem como uma visita à Casa da Feitoria - Museu do Imigrante e aos seus escombros.

Outra fonte de pesquisa extremamente importante para este trabalho, foram as análises bibliográficas. Para a construção teórica deste trabalho de pesquisa, utilizei diversos autores que embasaram e alicerçaram o território pelo qual percorro. Migrando por diferentes áreas de conhecimento, construí este trabalho a partir de uma colcha de interseções, valendo-me da bricolagem como uma alternativa para esta pesquisa.

Destacando a “[...] necessidade do olhar transversal na análise da relação entre educação e cidadania.” (SILVA, ROSÁLIA, 2006, p. 34) utilizei como principais autores em minha revisão bibliográfica (capítulo 3): Canclini (2019); Hall (2019); Laraia (2018); Bauman (2013); Pollak (1992); Horta, Grunberg e Monteiro (1999); Schneider (2017); Silva, Rodrigo (2020) e Dalla Zen (2013) sob os quais pude desenvolver relações entre cultura, patrimônio, história, educação e sociedade.

Estruturar nossas reflexões no campo da Educação implica saber a priori, que se trata de uma Área que congrega diferentes saberes, o que, por conseguinte, implica uma abordagem sobre a Ciência da complexidade a qual demanda a necessidade de adoção de olhares distintos das diversas áreas do conhecimento, com a finalidade de uma melhor compreensão da realidade que envolve o objeto de estudo. (SILVA, ROSIMEYRE; SILVA, JOSELMA, 2016, p. 3)

Ao utilizar a bricolagem como alternativa para minha metodologia de pesquisa, pude passear por diferentes áreas do conhecimento, compreendendo que a educação e a pesquisa científica não se fazem engessadas em saberes e métodos únicos, mas a partir de uma variedade de histórias e perspectivas. Dessa forma, utilizo diferentes ferramentas para obter múltiplas perspectivas sobre meu objeto de pesquisa, fugindo assim da possibilidade de discursos e visões homogêneas e estereotipadas.

A educação, para ser ampla e inclusiva, deve compreender e utilizar de diferentes formas de conhecimento e áreas de estudo. Como educadora e pesquisadora, vejo-me como uma eterna aprendiz “[...] bebendo de variadas fontes teórico-metodológicas para privilegiar, de modo mais completo [...]” (RODRIGUES, et al., 2016, p. 974) o meu objeto de análise e a minha prática educativa.

5 COMPREENDENDO O SIGNIFICADO: “NÃO CABIA TODO MUNDO”

Não há dúvidas de que este foi o capítulo mais difícil de ser construído. Não porque me faltem recursos para análise, nem por uma ausência de bibliografias sobre o assunto. Muito pelo contrário, tenho tido acesso a todo este conteúdo. O que dificulta minha escrita, diz respeito ao fato deste ser um capítulo de análise.

Como já foi referido anteriormente, utilizo a metodologia de entrevistas compreensivas para analisar o posicionamento de lideranças locais, pesquisadores e moradores do bairro Feitoria para com a Casa da Feitoria – Museu do Imigrante, questionando e refletindo sobre os sentimentos de identificação social da comunidade junto à Casa, em São Leopoldo, e como estas pessoas se relacionam com este bem edificado. Além disso, busco compreender quais são as expectativas dos moradores e das lideranças locais depositadas sob o restauro desse patrimônio.

Em minha opinião, é realmente desafiador analisar a fala do outro. Isso porque há uma infinidade de motivos e casualidades que os constituem e os fazem ser quem são. Por isso, meu intuito neste capítulo é respeitar e acolher todos os pontos de vista, na busca de poder assim responder ao meu problema de pesquisa e com isso agregar, de forma positiva, no restauro desta Casa e no valor do patrimônio para a nossa sociedade. Além disso, acredito que a educação patrimonial pode ser uma grande alternativa para a valorização dos patrimônios (materiais e imateriais) que compõem nossas vidas e nossas histórias.

Por fim, antes de iniciar essa análise, devo ressaltar que fundamento minhas ideias em autores que estudam as sociedades, culturas, patrimônios e a educação. Nesta parte da minha pesquisa, estabeleço relações destes autores com as entrevistas desenvolvidas por mim neste trabalho. Alicerço essa análise a partir de uma perspectiva que entende a cultura, a educação e a história como potência para a quebra de estereótipos, da desvalorização patrimonial e do perigo de uma história única. Busco aqui, desenvolver um estudo compreensivo sobre a visão das lideranças locais e dos moradores do bairro Feitoria para com seus sentimentos de identificação sobre a Casa da Feitoria – Museu do Imigrante.

5.1 DOS ENTREVISTADOS

Neste estudo, os entrevistados foram selecionados de acordo com particularidades que transformam suas falas em narrativas indispensáveis para esta pesquisa. São moradores do bairro Feitoria, pesquisadores da cidade de São Leopoldo e lideranças locais que possuem laços de ligação com este patrimônio.

Dos sete entrevistados, quatro são residentes de São Leopoldo, três fazem parte de órgãos de lideranças locais e quatro são pesquisadores da cidade. É interessante perceber aqui que as categorias se entrelaçam: os moradores tonam-se também pesquisadores, os pesquisadores são igualmente lideranças locais, e as lideranças locais são, por vezes, moradores.

Com objetivo de manter o sigilo de sua identidade, os entrevistados receberam, neste trabalho de pesquisa, nomes fictícios. É importante destacar também que todos concordaram com as entrevistas e assinaram o Termo de Consentimento e Livre Esclarecido (TCLE, que se encontra no Apêndice B do presente trabalho).

Além destes entrevistados, foram feitas, sem sucesso, tentativas de contato (via e-mail) com o poder público municipal e com escolas do Ensino Fundamental do bairro Feitoria. O Quadro 2 traz as informações sobre os entrevistados da presente pesquisa:

Quadro 2 - Informações dos entrevistados

	Nome fictício	Descrição
Lideranças locais	César	<ul style="list-style-type: none"> - Engenheiro / Presidente e diretor voluntário do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo; - Masculino; - 37 anos; - Graduação em Engenharia Elétrica, Mestrado em Engenharia e Pós Graduação na área de Gestão Empresarial; - Residente em São Leopoldo;

	Fernanda	<ul style="list-style-type: none"> - Historiadora e Pesquisadora do IPHAE - Feminino; - 51 anos; - Graduação em História, Especialização em Patrimônio Histórico e Educação e Mestrado em História; - Residente em Porto Alegre;
	Sandra	<ul style="list-style-type: none"> - Fotógrafa / Secretária da diretoria da Associação de trabalhadores da Feitoria (SIMPLIF); - Feminino; - 54 anos; - Ensino Médio completo; - Residente em São Leopoldo;
Moradores	Lucas	<ul style="list-style-type: none"> - Empresário; - Masculino; - 27 anos; - Ensino Médio completo; - Residente em São Leopoldo (mora há 10 anos ao lado da Casa do Imigrante);
	Simone	<ul style="list-style-type: none"> - Assistente Social do Neabi¹ – UNISNOS; - Feminino; - 52 anos; - Graduação em Serviço Social; - Residente em São Leopoldo;
Pesquisadores	Ian (Questionário respondido por e-mail)	<ul style="list-style-type: none"> - Professor da Unisinos / Assessor geral do Neabi / Diretor do Observatório Luciano Mendes de Almeida – OLMA / Secretário para a Justiça Socioambiental da Província dos Jesuítas do Brasil; - Masculino; - 73 anos; - Doutor em Sociologia, Mestre em Ciências Sociais, Bacharel em Sociologia, Licenciado em Filosofia e Bacharel em Teologia. Especialização em Cooperativismo e em História Contemporânea. Aperfeiçoamento em Administração de Pesquisa Científica e Tecnológica; - Residente em Brasília.

¹ Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas da UNISINOS. O Neabi é um programa de pesquisa e extensão da Universidade do Vale do Rio dos Sinos que visa a reeducação das relações étnico raciais, atuando também na área social.

	Ester	<ul style="list-style-type: none"> - Ex professora da UNISINOS - Feminino; - 74 anos; - Graduação, Mestrado e Doutorado em História; - Residente em Porto Alegre
--	--------------	---

Fonte: Elaborado pela autora

5.1.1 As “histórias” da Casa

A historiografia se transforma de tempos em tempos. É claro que fatos históricos são perpétuos e imutáveis, no entanto, o que muda são as nossas percepções sobre eles. De acordo com José D’Assunção Barros “podemos ver a Historiografia como um vasto universo de informações percorrido por inúmeras redes, onde cada profissional encontra a sua conexão exata e particular”. (2004, p. 18). A historiografia diz respeito a escrita, a organização e o entendimento da história.

Por muito tempo, a história do Brasil foi contada a partir de uma perspectiva de “descobrimento” e o catecismo dos índios como uma alternativa de civilidade à estes “povos selvagens”. Com o passar dos anos, as perspectivas sobre os fatos históricos foram alterando-se e as visões sobre a pluralidade destas informações ampliaram a historiografia, acrescentando outras facetas à estas visões.

Da mesma forma, a Casa da Feitoria- Museu do Imigrante vem sofrendo transformações. Inicialmente a Casa foi tombada como patrimônio da imigração alemã. Atualmente, no entanto, outros estudos e percepções têm ganhado força neste lugar.

Ao falar sobre a Casa, Simone, moradora do bairro Feitoria e também pesquisadora do NEABI, chama atenção à importância da história do local antes mesmo da chegada dos primeiros imigrantes alemães.

“A história da Casa da Feitoria se dá muito antes da chegada dos germânicos, né? Porque na realidade a Feitoria do Cãnhamo, assim como

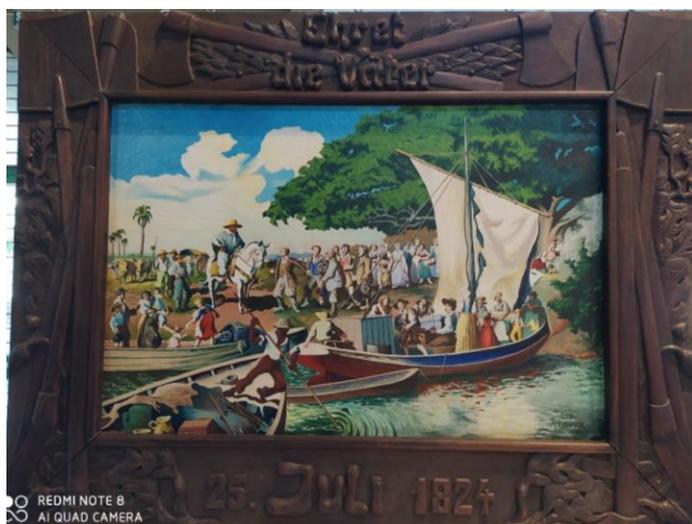
ela foi chamada, é um espaço onde habitavam nessa área mais de 300 escravos e mais três famílias portuguesas.”. Simone.

Com convicção Sueli complementa sua fala, com o propósito de comprovar veracidade. Mais do que isso, é possível perceber também um pesar em sua narrativa ao constatar um apagamento de parte dessa história.

“Só que quando a chegada dos alemães, e aí se tu vai ver tem uma imagem de uma foto da chegada dos germânicos, você vai ver que tem alguns portugueses e alguns negros. Só que essa história não é bem contada, né?”. Simone.

De acordo com Laraia (2018) a diversidade cultural é habitualmente encontrada em diversos espaços, podendo inclusive estar presente em um mesmo ambiente. Este é o caso da Casa da Feitoria. Em minha visita ao Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, tive a oportunidade de contemplar o quadro de Ernest Zeuner sob o qual o autor retrata a chegada dos alemães em São Leopoldo. Embora não seja uma foto, como refere-se Simone, as características do quadro condizem com sua fala.

Fotografia 1 - Tela do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, pintada por Ernst Zeuner, retrata a chegada dos alemães a São Leopoldo



Fonte: Registrada pela autora em 04 de setembro de 2020

De acordo com Trespach (2015), o quadro é popularmente conhecido como a arte que manifesta a chegada destes primeiros imigrantes alemães à cidade de São Leopoldo. Ernest Zeuner não testemunhou a chegada destes imigrantes e nem poderia, visto que nesta época ainda não era nascido, no entanto, o quadro reproduz o que conta a história.

Embora as entrevistas tenham sido realizadas individualmente, é encantador perceber o quanto elas se complementam. Ester, assim como Simone, também relembra e evidencia a existência de outros povos nesta região e a grande possibilidade da presença de nativos indígenas.

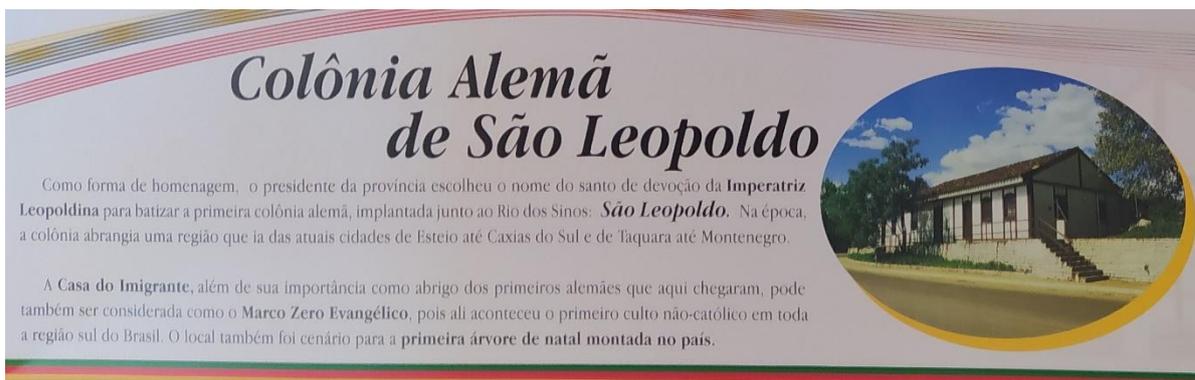
“Esta Casa e este lugar foram ocupados num primeiro momento, da ocupação do solo deste território, [...] por portugueses, né? E açorianos, enfim... Luso-açorianos pode-se dizer assim. A serviço do governo com a transferência da fazenda para aquele lugar. Não quer dizer isso que não tenha tido, por exemplo, indígenas nessa região antes da chegada dos primeiros portugueses, né?”. Ester.

Como pesquisadora da cidade de São Leopoldo e familiarizada com as histórias e culturas valorizadas pela cidade, complementa sua fala salientando:

“As histórias que a Casa da Feitoria tem valorizado estão muito mais ligadas à imigração alemã, sem a menor dúvida. [...] A imigração alemã, no caso na sua chegada, a referência é a Casa do Imigrante. Essa casa que hoje é chamada Casa do Imigrante, porque não era assim antes, né? Veja bem, o lugar se chama Feitoria do Linho Cânhamo, não existia São Leopoldo ainda. O nome São Leopoldo tá ligado aos alemães, né?”. Ester.

De acordo com um dos banners informativos do Museu Visconde de São Leopoldo, a cidade foi batizada pelo então presidente da província, José Feliciano Fernandes Pinheiro. O nome foi escolhido como forma de homenagear o Santo de devoção da Imperatriz Maria Leopoldina.

Fotografia 2 - Banner do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo



Fonte: Registrada pela autora em 04 de setembro de 2020

Conforme afirma Laraia (2018), as culturas se assemelham ou diferenciam em decorrência dos percursos e percalços pelos quais passaram. A Casa da Feitoria – Museu do imigrante foi tombada, em sua época, a partir de visões mono identitárias, onde a cultura alemã foi fortemente reconhecida.

Atualmente com a globalização, os processos de afirmação e valorização das diversidades culturais têm ganhado força. A Casa do Imigrante possui hoje a possibilidade de abranger a diversidade histórico-cultural que a constitui, desenvolvendo ações que visem a ampliação de seus sentidos e significados multi identitários.

Em minha visita ao museu, fotografei a imagem de uma das primeira famílias de imigrantes alemães que vieram para São Leopoldo, que pode ser conferida na Fotografia 3:

Fotografia 3 - Imagem de uma das primeira família germânicas chegadas à cidade de São Leopoldo, na época colônia de São Leopoldo.



Fonte: Registrada pela autora em 04 de setembro de 2020

Segundo a entrevistada Simone, com a chegada destes imigrantes alemães, muitos povos afrodescendentes que viviam até então nessa região, foram pouco a pouco saindo ou sendo expulsos de suas residências.

“Então... O que que aconteceu com essas famílias que remanesceram aqui na Feitoria que não foram enviados²? Umias foram pra São Sebastião do Caí pro Quilombo do Macaco Branco, outras migraram pro Quilombo que existe em Taquara. Porque eles foram engrenhando mata adentro, né? Foram fugindo, né? As terras foram sendo loteadas e eles foram fugindo.”. Simone.

² Nesta fala Simone refere-se as famílias escravizadas que não foram enviadas para o Rio de Janeiro, para retornarem à coroa portuguesa, com o fim da Real Feitoria do Linho Câhhamo.

De acordo com o presidente do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, este museu foi criado com a intenção de salvaguardar a memória dos imigrantes alemães que chegaram à esta localidade. A necessidade de construir esse espaço de memória foi desencadeada pelo centenário da imigração alemã e teve como intuito preservar a cultura destes imigrantes, que havia sido impactada pelo Estado Novo.

“Quando se comemorou o centenário do imigrante que a memória se começou discutir, se falar sobre o museu histórico Visconde de São Leopoldo nessa cidade. A região passou ali pelos anos 30 pelas campanhas de nacionalização [...] e a memória alemã então, nessa região, foi extremamente impactada. A Casa do Imigrante é um símbolo disso de alguma forma. Então já a partir dos anos 50 com a melhora das conjunturas políticas, daí então finalmente conseguiram reunir apoiadores para fundar o Museu Histórico Visconde de São Leopoldo. Ah...a missão primordial naquele momento era resgatar objetos e documentos, enfim a memória que tava se perdendo, constantemente se perdendo. Então se criou esse museu, que teve bastante apoio da prefeitura de São Leopoldo na época.”. César.

Fernanda, pesquisadora do IPHAE, complementa e reforça a visão de César. De acordo com ela, além do Museu Visconde de São Leopoldo, a Casa da Feitoria também foi tombada e preservada, com intenção de assegurar a memória germânica da região.

“O parecerista, que é quem dá o parecer favorável [...] coloca o fator histórico como ter sido uma feitoria do Linho Cânhamo com uma produção agrícola, com mão de obra escrava então tem esse... ele coloca isso como um viés histórico. Mas ele coloca um viés sentimental que seria o local de acolhimento dos imigrantes alemães.”. Fernanda.

Com o tombamento da edificação como um exemplar da cultura da imigração alemã no sul do Brasil, há um apagamento da memória local relacionada aos outros grupos sociais, como os afrodescendentes. O atual restauro desta Casa pode ser uma alternativa para repensar a relação deste patrimônio com a comunidade local? Novas possibilidades de reformulações de concepções culturais, constituindo novas

estruturas culturais, valores simbólicos e processos identitários, podem ser acionados?

5.2 MEMÓRIAS ENQUADRADAS E SUBTERRÂNEAS: A CASA DO IMIGRANTE EM PERSPECTIVA

Para que edificações, expressões culturais, tradições e práticas sociais sejam tombadas ou registradas como patrimônio cultural, é necessário que tenham um valor simbólico para a comunidade. Assim, para transformar-se em patrimônio, essas heranças culturais precisam despertar sentimentos de identificação na sociedade à qual pertencem.

Quando os patrimônios estão repletos de memórias que conversam e interagem com a história inicia-se a construção da identidade deste bem cultural e ele passa a ser considerado um lugar de memória. “A curiosidade pelos lugares onde se cristaliza e se refugia a memória é ligada a esse momento particular de nossa história. [...] Existem lugares de memória porque não há mais meios de memória.” (NORA, 1993, p. 7).

E o valor simbólico dos lugares está intimamente associado a estas memórias. “Não somente a memória objetiva da história mas buscando uma abordagem afetiva onde o vínculo social com o lugar é um processo de construção da memória de cada um de nós”. (COSTA, 2008, p 152). É a partir do valor simbólico destes bens e da compreensão dos patrimônios como lugares de memória que nascem os sentimentos de identificação. Para Costa (2008) o valor simbólico do patrimônio surge de sentimentos afetivos despertados pelas memórias coletivas e individuais, produzindo assim, processos de identificação e pertencimento.

Assim como Otávio Costa (2008) Michel Pollack (1989) compreende que a construção do valor simbólico se dá a partir das memórias. Para Pollack (1989), essa construção ocorre principalmente a partir das memórias estruturadas, que reforçam sentimentos de pertencimento, criando muitas vezes barreiras socioculturais.

Nasce assim uma disputa entre as memórias enquadradas³ e as memórias subterrâneas⁴ e o que as diferencia, muitas vezes, diz respeito à parte da história que cada uma acessa e resguarda. A memória enquadrada é a que mais ganha destaque hoje na Casa do Imigrante.

“O nome que mais é veiculado não é Feitoria Velha mas mais Casa do Imigrante. Então se construiu essa imagem, se fixou mais ali a memória do local que recebeu os imigrantes alemães [...] se fixou essa memória da imigração alemã.”. Fernanda.

A memória enquadrada é construída e legitimada para ser propagada. É aquela que é lembrada nos museus, patrimônios, nos lugares de memória, nas datas comemorativas, nos heróis da história... É a memória das tradições, das músicas típicas, da culinária e dos modos de vidas. Segundo Pollak (1989, p. 3), apoiado em Halbwachs, essa memória reforça “a coesão social, não pela coerção, mas pela adesão afetiva ao grupo” (1989, p. 3) construindo assim, uma “comunidade afetiva.”.

“A Casa da Feitoria foi sempre referendada pelos alemães como “O lugar da chegada”, “O primeiro abrigo”, né? Não cabia todo mundo, evidentemente, mas é a casa, o lugar, a grande referência para todos os que trabalham ali. Quando tu fala em São Leopoldo, sobre a imigração alemã, essa é a grande referência.”. Ester.

Na fala de Ester, essa memória enquadrada fica evidente quando ela destaca a Casa como a referência da cultura alemã. É um fato histórico que a Casa da Feitoria abrigou os primeiros imigrantes alemães que chegaram à cidade e esta, sem dúvida, é uma parte extremamente importante da história, a parte que foi escolhida para ser lembrada: a memória enquadrada.

³ As memórias enquadradas são memórias coletivas construídas a partir de uma perspectiva de enquadramento da história que referencia e destaca a memória oficial.

⁴ As memórias subterrâneas são memórias individuais silenciadas. São as memórias dos excluídos que não se destacam na história oficial.

“A preservação, o patrimônio, as memórias que a gente sempre tanto fala em preservação. As memórias... Na verdade as memórias também são construídas.”. Fernanda.

A imigração alemã é a atual referência cultural da Casa do Imigrante. Fixou-se neste patrimônio a memória destes imigrantes e o valor simbólico da Casa ancorou-se nessa perspectiva. No entanto, essa não é a única parte da história. Em contraposição às memórias enquadradas e para além das narrativas hegemônicas, existem as memórias subterrâneas. Remetem àquelas memórias individuais que não receberam prestígio perante a história e a sociedade. São, segundo Pollak, as memórias “dos excluídos, dos marginalizados e das minorias” (1989, p. 4) e geralmente contrapõem as memórias enquadradas e oficiais.

Esses dois tipos de memórias “[...] têm em comum o fato de testemunharem a vivacidade das lembranças individuais e de grupos durante dezenas de anos, e até mesmo séculos!”. (POLLAK, 1989, p. 8). Ambas memórias se referem ao passado, o que as diferencia são as interpretações históricas feitas por cada uma.

As memórias individuais e subterrâneas que constituíram e constituem essa Casa sofreram, pouco a pouco, tentativas de apagamento histórico, dando espaço à uma única memória hegemônica.

“Isso de certa forma... essa parte original de como se dava as relações da presença da mão de obra escrava, da presença da coroa portuguesa e tudo isso meio que foi... digamos, de certa forma apagado. Se fixou a memória da colonização alemã e cultura germânica.”. Fernanda.

Ao conversar um pouco sobre sua pesquisa, lan evidencia uma tristeza e indignação quanto ao silenciamento dessas memórias subterrâneas tão importantes para este patrimônio. Assim como todos os outros entrevistados, em nenhum momento lan critica o valor simbólico que a Casa possui atualmente, mas reivindica a necessidade de ampliar o olhar e valorizar o caráter plural deste patrimônio.

“Fui descobrindo que se trata de um patrimônio fundamental para São Leopoldo. Com a transformação da ‘Casa da Feitoria’ em ‘Casa do

Imigrante' deu-se na minha opinião uma espécie de 'usurpação cultural'. Talvez a expressão possa ser percebida como demasiadamente forte, mas às vezes expressões fortes se fazem necessárias para sacudir o torpor da naturalização das injustiças históricas. É inegável que os recém vindos imigrantes alemães tiveram como primeira morada a conhecida 'Casa da Feitoria' e que por isso, por causa desse uso foi posteriormente rebatizada de 'Casa do Imigrante'. Falo em usurpação porque neste processo de 'ressignificação' daquele prédio deu-se muito pouca importância à preservação da memória dos seus primeiros usuários que foram os negros (africanos escravizados) que trabalhavam na Feitoria do Linho Cãnhamo. O mais chocante é que simplesmente se substituiu o nome, sem dar maior importância ao nome anterior [...]". Ian.

As memórias subterrâneas dessa Casa não contrapõem, no entanto, as memórias enquadradas nem a história oficial deste patrimônio, mas complementam e enriquecem o valor simbólico deste bem cultural.

"Eu penso o seguinte! A gente até tá construindo esse processo, né? Reconstruindo, né? De que a ideia que: se é um Museu do Imigrante, e o imigrante não é somente germânico, o imigrante é todo o que imigrou de alguma forma! [...] Mas também trazer toda a cultura da cidade de São Leopoldo pra dentro daquele espaço. Não é concebível que se tenha apenas uma cultura hegemônica! Né?". Simone.

Canclini (2019) apoiado em Monsiváis e Bartra, reflete sobre as representações nacionais e as compreende, muitas vezes, como uma espetacularização da história e das reações sociais. Esse processo de espetacularização pode ser redirecionado também para as esferas locais.

A Casa do Imigrante é uma das principais referências culturais de São Leopoldo e tem sido, muitas vezes, percebida pela cidade com um olhar romântico. Simone traz em sua fala a grande diversidade cultural da Casa da Feitoria – Museu do Imigrante e destaca com propriedade que São Leopoldo recebeu muitos imigrantes, constituindo-se em um local de diversidade cultural. É necessário que todos conheçam e valorizem as histórias e culturas que compõem este patrimônio e este município.

“Não dá pra dizer assim: não, não existe mais a Casa do Imigrante! Não! Não vamos fazer isso! Mas nós vamos trazer a cultura afro pra dentro daquele espaço.” Simone.

Muitos moradores da cidade de São Leopoldo não conhecem sua história. A cidade foi referendada como berço da imigração alemã e a Casa da Feitoria tem atuado como uma prova física deste fato. Todos conhecem a cultura germânica da cidade, mas pouco se fala ou se sabe sobre as outras origens étnicas e culturais que construíram este local.

“Eu conheço o local por causa que a primeira, uma das primeiras imigrantes [...] é Oldina Ferreira, é bisavó do meu irmão, né? Isso gera uma relação por causa que aqui nesse lugar onde a gente mora também, ele é, acho que todo, de pessoas que são descendentes do pessoal que veio para São Leopoldo, né?”. Lucas.

De acordo com Costa (2008), o valor simbólico do local é formado a partir das relações estabelecidas entre a paisagem e as memórias das pessoas que o habitam. Para que tenha valor, é preciso então, que este local estabeleça conexões com as memórias e com as emoções de quem nele vivem.

A relação entre paisagem e memória, está assentada na geografia da percepção, na existência de um conjunto de signos que estruturam a paisagem segundo o próprio sujeito e refletindo uma composição mental resultante de uma seleção plena de subjetividade a partir da informação emitida por seu entorno. (COSTA, 2008, p. 150).

Além de sua relação com as memórias, o valor simbólico do patrimônio cultural “é construído pelos símbolos representados através das referências básicas para seus moradores e suas relações cotidianas.”. (COSTA, 2008, p. 153). Dessa forma, assim como com as memórias, esse valor simbólico pode sofrer tentativas de enquadramento, pois seu valor está intimamente ligado àquilo que é referenciado e destacado nesse patrimônio.

Segundo Costa (2008, p. 154) o patrimônio cultural possibilita “[...] o conhecimento do homem sobre si mesmo e sobre o mundo que o rodeia”. Através das relações sociais, histórico-culturais, das memórias e do valor simbólico destes bens edificados, surgem os processos de identificação dos indivíduos para com essa herança cultural.

Ao referir-se à Casa da Feitoria – Museu do Imigrante, Ester compreende a potência deste patrimônio para a geração de valor simbólico e processos de identificação da comunidade. Destaca também a necessidade de valorizar a riqueza deste lugar:

“Acho que é uma representação, mas ela tá, ela tá muito pouco trabalhada, muito pouco usada, muito pouco integrada. É um referência pra todos que tu fala mas, muitas pessoas não se sentem representadas. Eu já fui, eu já fiz falas aqui em São Leopoldo e tal e as pessoas dizem assim: ‘não mas eu não nasci aqui e eu não me sinto representada nesta Casa’”. Ester.

Estes processos de identificação são extremamente importantes do ponto de vista social, uma vez que desencadeiam sentimentos de pertença das pessoas para com o local, gerando sentimentos de respeito e cuidado com sua história. Mais do que isso, possibilitam a quebra de preconceitos, uma vez que acolhem e valorizam a diversidade sociocultural.

“Creio que é um patrimônio fundamental para a preservação de eventos históricos que tocam diretamente os processos de identidade étnico-raciais de São Leopoldo. Tenho verdadeira reverência por aquele local.”. Ian.

Assim com Ester, Ian reforça a riqueza deste local e importância dele para a cidade de São Leopoldo. Embora as entrevistas tenham sido realizadas individualmente, as falas dos entrevistados se complementam e apoiam-se umas nas outras, muito provavelmente porque as ideias e as percepções destas pessoas para com a Casa são muito semelhantes. Sem dúvidas a amostragem desta

pesquisa é pequena para que seja generalizada, mas já é possível ter um ideia de como a Casa do Imigrante é vista por seus estudiosos e pela comunidade local.

Ainda sobre os processos de identificação, César posiciona-se em conformidade com as falas de Ester e Ian mas complementa sua percepção destacando a falta de conhecimento que comunidade local possui com relação à Casa. Segundo ele, o conhecimento da história do local é extremamente importante para que se estabeleçam os processos de identificação.

“Eu acho que se sentem representados, percepção minha. Mas eu acho que não reconhecem a história, isso não há dúvida, tá? Essa história não... não é conhecida. [...] Ela é muito mais um marco de entrada, é quase um pórtico de entrada da região da Feitoria. Eu acho que consciente ou inconscientemente a ligação de todo mundo é com aquele marco físico, com aquele ‘cheguei na Feitoria’. Enfim aquela construção que te marca: a entrada da Casa, né?”. César.

Como um dos entrevistados é presidente do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo e quatro dos sete entrevistados são pesquisadores da cidade, é evidente que mais da metade da amostragem da minha pesquisa conhece as histórias e culturas que perpassaram e construíram a Casa da Feitoria.

Em contrapartida, o desconhecimento da comunidade local perante às histórias e memórias que compõem a Casa do Feitoria- Museu do Imigrante ficou claro nas falas dos entrevistados que não possuem um laço tão íntimo com este patrimônio.

Embora demonstre respeito e valorização pela Casa da Feitoria – Museu do Imigrante, ao conversar com Sandra, algumas dúvidas sobre a história do lugar e da edificação são perceptíveis em sua fala.

“Olha eu vou te dizer assim oh! É... não vou te dizer de cabeça que eu não sei. A gente conversa [...] tem muita controvérsia em relação a essa Casa. Entendeu? Muita controvérsia de dizer assim: não, mas não foi papapa o alemão, o italiano, o afro, entendeu? Tem muita controvérsia nesse ponto, entendeu?”. Sandra.

É possível se perceber um interesse de Sandra sobre as histórias e culturas que compõem este lugar, no entanto, a falta de referências sobre a Casa a deixa confusa com o assunto. A pluralidade cultural é vista por ela como controvérsias, dificultando a compreensão de suas histórias.

Assim como Sandra, o desconhecimento pela história do lugar e da edificação também fica evidente na fala de Lucas, que mora há 10 anos ao lado da Casa da Feitoria – Museu do Imigrante.

“Olha eu vou te dizer que eu me lembro agora pouca coisa entendeu? Porque a gente conversou bastante faz um tempinho já⁵. Eu não me lembro muita coisa. Eu me lembro mais o que o pessoal comenta e fala, né?”. Lucas.

Em seguida, Sandra reforça novamente a desorganização das informações expostas sobre a Casa, deixando-a hesitante sobre o assunto.

“Eu digo, mas quem é que tem a história? Quem é que tem a parte da história mesmo? Eu não sei!”. Sandra.

5.3 EXPECTATIVAS EM RELAÇÃO AO RESTAURO

O Brasil, desde seu princípio, encontra-se inserido em uma busca incessante por progresso. “[...] o país tem buscado a modernidade e qualquer edifício moderno é considerado melhor do que um antigo.”. (FUNARI, 2001, p. 2).

Não é preciso procurar muito para perceber o descaso com o patrimônio histórico cultural: a demolição dos Casarões da Rua Luciane de Abreu em Porto Alegre (2016), o incêndio que destruiu grande parte do Museu Nacional no Rio de Janeiro (2018), as atitudes de vandalismo e destruição contra os patrimônios

⁵ Lucas é amigo do presidente do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo (ao qual a Casa da Feitoria- Museu do Imigrante pertence) e refere-se a uma conversa que teve com ele sobre a edificação.

públicos de Porto Alegre, a queda da Casa da Feitoria – Museu do Imigrante (2019), entre outros, são alguns dos inúmeros fatos que confirmam a falta de valorização da nossa cultura.

“Era uma espécie assim de ... Como a gente diz? Quando é uma crônica do discurso anunciado, né? Todo mundo sabia que o Museu tava ... Todos nós ali, porque eu faço parte do instituto histórico de São Leopoldo, também, né? Então enquanto uma estudiosa da cidade também se sabia que ele tava... vamos dizer assim... com algumas dificuldades: goteiras... Tava fechado. Já tinham tirado uma parte dá... do mobiliário e dos objetos que estavam lá dentro. Já tinham sido tirados, né? Então tu vai tirando, vai tirando e vai deixando e não vai fazendo nada... Eu acho que sempre impactou, mas a mim propriamente é... é um, né?... era um... mais dia menos dia, se não tomassem uma providência isso ia acontecer.”. Ester.

Ao refletir sobre a queda da Casa da Feitoria- Museu do Imigrante, Ester traz em sua fala traços de melancolismo e conformidade sobre o fato ocorrido. Estes sentimentos são despertados nela a partir de sua visão como historiadora. Como pesquisadora da cidade, Ester compreende a importância deste patrimônio para a história e cultura local. Em contrapartida, o sentimento de conformidade é demonstrado por uma falta de expectativa que a assolava por entender o estado de criticidade no qual a edificação se encontrava.

A falta de investimento financeiro e do repasse de verbas do poder público é, sem dúvida, uma das principais causas das degradações e das dificuldades de restauro dos patrimônios culturais no país. Este fator foi recorrente nas falas dos entrevistados.

“Então o Museu também tava num processo de dificuldades econômicas, como tá em crise já a bastante tempo a cultura, não é?”. Ester.

A falta de investimentos financeiros para a manutenção e o restauro deste patrimônio não foi o único motivo que levou a Casa ao estado em que se encontra atualmente. No entanto, a ruína desta edificação devido à falta de manutenção gerou um sentimento de desânimo nos moradores da região. “Para o povo, há, pois,

um sentimento de alienação, como se sua própria cultura não fosse, de modo algum, relevante ou digna de atenção.”. (FUNARI, 2001, p. 3). Esse descaso com o patrimônio cultural reflete nos processos de identificação da sociedade com sua própria cultura.

Ao conversar com os entrevistados, a tristeza demonstrou-se comum em suas falas. Mesmo sem conhecer muito a história da edificação ou tendo tido pouco contato com a Casa, os sentimentos de desalento e de indignação estão presentes em suas narrativas.

“Quando a gente ficou sabendo ali que tinha caído isso deixou a gente bastante decepcionado pela questão da história, né? E que aquilo dali foi algo também ahh... falta de manutenção porque não tem, o museu não tem condições de manter né? E tal. Mas isso foi bem... bem... bem chato, né? Por causa que é um símbolo, né? E tu vê ali um símbolo no chão, um símbolo da história de um bairro, de uma cidade, né? E por que não dizer de um país? Pegar... Tu ver isso no chão chateia, deixa a gente bem chateado, bem chateado!”. Lucas.

Se por um lado, o sentimento de tristeza e impotência desconcertam uma parte dos moradores da região, outra parte demonstra indiferença perante a queda da edificação. Isso porque não se sentem representados por este patrimônio. Este sentimento se dá por um apagamento de sua história. De acordo com Funari (2001), os patrimônios culturais preservam geralmente as culturas dominantes. A gente só conhece a história dos vencedores e não dos vencidos.

“No nosso trabalho de pesquisa algumas pessoas da comunidade disseram: ah isso não me representa. Né? Eles tinham muito essa questão. A população negra em si principalmente o povo de matriz africana coloca muito essa questão de... Como a gente não está ali, né? Não tem uma visibilidade daquele espaço então: ‘ah então se cair problema não é nosso’. Né? Mas a gente foi e fez essa provocação. O próprio grupo de ordem religiosa fez essa provocação, questionou, né? ‘Ah o que você acha disso, e tal’. Uns ficaram tristes: ‘Ah que pena, não tá sendo bem cuidado e tal’. E sempre aquela questão da culpabilidade. A gente que tá dentro do processo sabe que não é uma coisa assim tão fácil, né? Mas a gente foi pesquisar pra saber, né? E o fato que a gente percebeu é que como não há uma representatividade da população negra no espaço há esse apagamento, né? Um embranquecimento desse

processo da construção do negro, o negro não se identifica. Então se ele não se identifica pra ele... Sabe? Não impacta, entende?”. Simone.

Segundo Pedro Funari (2001), muitos são os motivos que desencadeiam a falta de valorização patrimonial e de atenção das pessoas quanto à necessidade de manutenção, preservação e reparo destes bens. A carência de recursos financeiros destinados ao poder público é com certeza um grande fator que potencializa a deterioração destes patrimônios. A falta de pertencimento, como mostrada na fala de Simone, também resulta em um desinteresse das pessoas para com o patrimônio. Em conformidade a estes sentimentos de ausência de identificação e pertencimento, há também desconhecimento e desinformação sobre este bem cultural.

Nas narrativas dos entrevistados, no entanto, é perceptível uma relação com este patrimônio. A vontade de ajudar, o trabalho voluntário e o cuidado com a Casa demonstrou-se presente em seus relatos. Atitudes solistas para com este patrimônio e a comunidade foram despertadas ainda mais com a queda deste bem cultural.

“Nós somos apoiadores. Assim olha, o que precisa [...] Vamos fazer uma feira? Vamos fazer tal coisa? A gente tá lá sempre participando com ele, dès do início. [...] Tudo coisinha assim que colabora, né Gabriela? A parte visual, aquela coisa. Ele⁶: [...] eu preciso fazer uma lona, um banner pra colocar ali na curva. Na mesma hora ali, cada associado meu deu ali 50, 100 reais, 50, 100 reais. Já montei, botei o logo embaixo ali, entendeu? Coisa bem prática.”. Sandra.

Refletindo sobre as falas dos entrevistados, torna-se necessário questionar também o que são esses processos de identificação, qual o valor simbólico presente hoje na Casa do Imigrante e como ampliar esses sentimentos de pertencimento da comunidade local para com a Casa, despertando cada vez mais a importância deste patrimônio. Nas narrativas dos entrevistados é possível perceber que há um carinho com esta edificação, há um entendimento da necessidade de preservação e um envolvimento com esta edificação.

⁶ Sandra refere-se ao presidente do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo.

“Eu acho que a gente pegar e cuidar da nossa história é algo que não tem preço. Porque aquilo ali vai ficar pra gerações futuras, né? Pros nossos filhos, netos. Ahh e sim eu gosto muito da história que tem ali, né? Já fui lá no museu [...] já vi muitas coisas sobre a história da casa, né? Então é bem interessante sim, eu gosto bastante.”. Lucas.

César, presidente do Museu Visconde de São Leopoldo e respectivamente da Casa do Imigrante, reconhece e valoriza toda essa ajuda que o Museu e a Casa vêm recebendo.

“Mas o que é gratificante é ver a obra sendo feita de alguma forma, algum museu aberto funcionando, mais voluntários se associando, se ajudando. Acho que isso é realmente importante ai porque é uma associação de voluntários, né? Então acaba sendo, liderando essas pessoas todas e eu acho que é gratificante no fim das contas.”. César.

É importante destacar que, embora a maioria dos entrevistados desta pesquisa possua algum vínculo com esta edificação, conheça suas histórias e participe do cuidado e preservação deste patrimônio, a amostragem que trago aqui é pequena e tem um intuito qualitativo e não quantitativo. No entanto, posso trabalhar e refletir sobre essa pequena amostragem sem o intuito de generalizar, mas sim de pensar e questionar sobre o que está sendo feito, o que pode mudar e quais ações precisam ser tomadas.

A vontade de reabrir este Museu, a compreensão de sua importância para com o bairro Feitoria e as expectativas para o seu restauro foram demonstradas com entusiasmo pelos entrevistados. Além disso, pude perceber que suas ideias andam em conjunto. Todos querem ter a Casa reformada e esperam que esta não seja apenas um ponto de referência de um projeto maior, mas sim o destaque em forma de patrimônio que preserva as culturas e as histórias deste local.

“Seria interessante manter, eu acho, aquela área ali do jeito que é e talvez [...] pra manter o local, não precisar mudar tanto, né? Descaracterizar tanto. Seria pegar e quando voltar a funcionar e reerguerem a casa fazer algumas feiras, algumas coisas típicas alemãs, né? Pra manter ali o local, gerar renda e manter o local. Preservar, né?”. Lucas.

Complementando a fala de Lucas, Sandra também chama atenção para a Casa. Ambos compreendem que é necessário começar a reforma por este patrimônio e a partir dele pensar em alternativas para a manutenção desse espaço.

“Então nós vamos ter que achar uma forma de manter o projeto, né? Então como vai manter o projeto? Bota uma agência bancária, né? Procurar nomes grandes... Bota uma lancharia que tenha nome. Procurar coisas [...] Ele é um projeto que eu vou te dizer... No meu ponto de vista eu começaria, pensaria primeiro na Casa, em botar ela de pé e depois essa questão do total, do geral, entendeu?”. Sandra.

Segundo Sandra, o turismo também seria uma importante alternativa para manter essa localidade. Ao falar de turismo, no entanto, é necessário tomar cuidado para que não se transforme esse espaço em um lugar espetáculo onde o patrimônio se reduz a um produto de consumo. Segundo Schneider (2017), a educação patrimonial surge como uma importante alternativa contra essa espetacularização do patrimônio cultural⁷.

Ao refletir sobre o restauro desta edificação, Ester e Ian destacam a importância da Casa da Feitoria – Museu do Imigrante como um lugar de memórias, não apenas da imigração alemã, mas de todas as histórias e culturas que constituíram e constituem esta Casa.

“Acho sim, que o local deve ser preservado, mas com atenção ao fenômeno da ‘sobreposição cultural’ que ali aconteceu e que denominei de ‘usurpação cultural’. [...] A minha expectativa seria que: se estabelecesse ali no local um Memorial Histórico. Este memorial deveria ter necessariamente duas réplicas em miniatura, uma da ‘Casa da Feitoria’ e outra da ‘Casa do Imigrante’. Cada uma dessas réplicas deveria estar acompanhada de uma breve descrição histórica. [...] Não sei da praticidade disso, mas uma forma poderia ser a de concentrar o próprio Museu do Imigrante naquele local, tendo como uma de suas atrações informativas principais as duas miniaturas acima apontadas.”. Ian.

⁷ Para mais informações, consultar: SCHNEIDER, Cristina Seibert. **As cidades de tempos lentos: o patrimônio cultural entre sinais de letargia e lucidez.** Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) - Universidade do Rio Grande do Sul-UFRGS, Porto Alegre: 2017.

Ao falar de sobreposição cultural e usurpação cultural, Ian refere-se principalmente à cultura afro que foi apagada desta edificação quando a Casa da Feitoria se tornou Museu do Imigrante. Em valorização à esta cultura e estas memórias, Ian sugere a construção de um Memorial Histórico que acolha a diversidade deste patrimônio. Como que em resposta à Ian, Ester complementa sua fala.

“Por isso a minha bandeira hoje é: o museu da imigração tem que ser na Casa da Feitoria. Ela já é um museu, mas tem um outro no centro. Este ali pode ficar como arquivo histórico, pode ficar como museu da cidade de São Leopoldo, pode ficar como quiser, não precisa desmanchar, não precisa fazer nada mas... Se faça lá [...] eu acho que a Casa devia ser, a Casa tem, montada como Casa, uma exposição permanente, nestas lembranças da imigração alemã E outras lembranças também porque eu acho que a Casa da Imigração é mais do que dos imigrantes alemães. Ela é também A referência para a população negra. Porque ela foi antes de ser, antes de ser Casa do Imigrante ela foi a sede da Feitoria. Portanto ali estava, em torno dela estavam os primeiros habitantes que desenvolveram São Leopoldo com o Linho Cânhamo que eram então esses portugueses E os, e os escravizados que tavam ai, né? Então ela TAMBÉM deve ser uma referência pra eles. Eu acredito que sim, eu acho que isto, isso seria a base de atualização, de discurso histórico e tudo. Eu acho que ia ser muito lindo, acho que seria... Eu tenho expectativa que nos 200 anos de imigração a gente fizesse isso.” Ester.

Ao ser questionada sobre suas expectativas quanto ao restauro da Casa, Simone não teve dúvidas.

“Que dentro do contexto da Casa tenha um espaço africano. A gente possa se rever dentro da Casa. Que tenha uma estrutura lá dentro da própria Casa que diga, que os indígenas também, estiveram aqui. Porque aqui essa, toda essa região do Vale dos Sinos era uma aldeia Kaingang. A gente não fala sobre isso mas era uma aldeia Kaingang. Por que que os Kaingangs... a cultura Kaingang tem que tá ali dentro. A cultura afro tem que tá ali dentro. [...] Pra que a gente se reconheça. Porque quando a gente tem uma identidade alienada a gente não se reconhece.” Simone.

De acordo com Simone, esse movimento de pertença e valorização cultural já vem acontecendo. A intenção é que este espaço possua um valor simbólico para todos os moradores da região.

“Hoje o Museu do Imigrante ele está dentro de um processo, digamos de uma associação, que tá tentando revitalizar aquele espaço. [...] Somos parceiros. Inclusive a gente já fez uma atividade afro dentro da Casa do Imigrante. No espaço, no território, a gente fez uma dança afro trazendo as lembranças dos orixás. A gente fez uma feira afro ali dentro. Então a gente procura reconstruir, né? Porque como diz a professora Deva nós temos que reeducar.”. Simone.

Reeducar talvez seja a palavra que mais represente a necessidade de mudança nesse espaço. Reeducar olhares para que percebam e acolham a todos. Reeducar para que se ampliem os processos de pertencimento. Reeducar para aprender a valorizar, acolher e respeitar. É nessa perspectiva de reeducação que destaco a educação patrimonial.

5.4 PATRIMÔNIO CULTURAL E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

Compreender o que é um patrimônio cultural e sua importância não é algo tão simples. Para que seja possível se apropriar de suas histórias e heranças culturais (tanto materiais quanto imateriais), é necessário percorrer um processo de alfabetização patrimonial que pode ocorrer tanto dentro quanto fora da sala de aula.

Museus, patrimônios e lugares de memórias são espaços potentes para uma educação não escolar. Isso porque são enriquecidos de histórias e culturas que materializam e simplificam os processos de aprendizagem, apropriação e identificação histórico-social. Por outro lado, os professores possuem um papel extremamente importante na alfabetização patrimonial, uma vez que essa educação geralmente se inicia na escola e transcende para outros espaços.

“O grande público então do próprio Museu e da Casa, com certeza, é escola. O professor que leva os alunos [...] a gente não mora em uma

cidade, em um região tão turística né? Assim. Que tem o fluxo tão grande. Não que o público alvo não seja morador, não seja isso, né? Mas uma coisa que a gente tá mirando... Mas enfim a escola faz parte então disso e acaba visitando.”. César.

É imprescindível que o educador conheça e esteja intimamente ligado aos conceitos e as questões que perpassam o patrimônio cultural. “[...] se os professores não se apropriarem do tema e o trabalharem em sala de aula, não faltará aqueles que o farão, muitas vezes sem os critérios necessários para uma reflexão crítica.”. (MAGALHÃES, 2011, p. 1).

A educação patrimonial tem o intuito de aproximar as pessoas de suas heranças culturais, possibilitando assim, um contato com patrimônios locais, construindo e reforçando processos de apropriação cultural e identificação social. Através da educação patrimonial e de leituras de mundo, surgem construções identitárias que desenvolvem sentimentos de pertença e valorização de lugares. (SABALLA, 2007).

A educação patrimonial possibilita também um vínculo entre a escola, os patrimônios e a sociedade. De acordo com Saballa (2007, p. 24), “Os métodos da educação patrimonial [...] permitem priorizar práticas pedagógicas que envolvam a comunidade, possibilitando descobertas e partilhas de conhecimentos elaborados e adquiridos.”.

De acordo com Magalhães (2011), o Brasil tem adotado uma perspectiva de valorização cultural, prevendo o trabalho com o patrimônio cultural em leis que regem a educação no país. Ainda segundo o autor, temas referentes à cultura, como patrimônio da humanidade, já se encontravam presentes na LDB Nº 9.394/1996, no PNE (10.172/2001) e nos PCNs.

Atualmente, o currículo dos anos iniciais do Ensino Fundamental, previsto pela BNCC, salienta a relação entre a educação e o patrimônio cultural. (SILVA, Rodrigo, 2020). Estruturada sobre dois pilares centrais, a BNCC desenvolve-se a partir das noções de competências e habilidades.

A área de Ciências Humanas é constituída pela BNCC, no Ensino Fundamental, a partir de noções de tempo e espaço que visam desenvolver a compreensão dos alunos “dos tempos sociais e da natureza e de suas relações com os espaços.”. (BNCC, 2018, p. 354).

Baseada nos direitos humanos, no respeito (ao ambiente e ao coletivo) e em valores sociais como: coletividade, solidariedade, participação e protagonismo, a Base Nacional Comum Curricular prevê uma educação que abarque uma formação ética preocupada com as diversidades culturais e desigualdades sociais.

Os conhecimentos específicos na área de Ciências Humanas exigem clareza na definição de um conjunto de objetos de conhecimento que favoreçam o desenvolvimento de habilidades e que aprimorem a capacidade de os alunos pensarem diferentes culturas e sociedades, em seus tempos históricos, territórios e paisagens (compreendendo melhor o Brasil, sua diversidade regional e territorial). (BNCC, 2018, p. 354).

Dessa forma, a educação patrimonial ganha espaço na BNCC na área das Ciências Humanas através da valorização de museus, arquivos, trabalhos de campo, observações, etc.; Práticas educativas que potencializam as descobertas e instigam a criticidade. Através do ensino de história e geografia nos anos iniciais, a BNCC busca desenvolver nos educandos “[...] o reconhecimento do Eu e o **sentimento de pertencimento** dos alunos à vida da família e da comunidade.”. (BNCC, 2018, p. 355, grifo nosso).

Desde 1999 com a criação do Guia Básico de Educação Patrimonial, escrito por Horta, Grunberg e Monteiro, estudos, encontros e movimentos têm sido desenvolvidos e pesados a partir da perspectiva de valorização do patrimônio cultural. Trabalhos importantes e relevantes ganharam força nesta área, valorizando e reconhecendo a importância da educação patrimonial.

Ao olhar para a sala de aula, no entanto, este tema não é tão presente. É possível dizer que a escola encontra-se um tanto quanto defasada dos estudos e documentos referentes à esta educação. Com a implementação da BNCC (2018) em caráter normativo, espera-se no entanto que a educação patrimonial ganhe forças no âmbito escolar.

“Faz parte das nossas atribuições, das nossas metas, dos nossos objetivos, trabalhar com as escolas, trabalhar com as comunidades. Mas pra que isso se execute a gente tem que ser recebido e quem está lá na comunidade abrir pra nós.”. Fernanda.

Fernanda é pesquisadora do IPHAE e trabalha nessa instituição com projetos de educação patrimonial. Segundo esta historiadora, a principal dificuldade que existe atualmente quanto à educação patrimonial nas escolas, diz respeito a um posicionamento de abertura dos municípios e das escolas para com este trabalho. Segundo Fernanda, o IPHAE não possui atualmente um projeto de educação patrimonial para ser apresentado para as escolas, mas este é um dos objetivos do Instituto.

“A gente sempre coloca a disponibilidade do IPHAE dar apoio, mas não temos tido procura, assim. É difícil ter essa procura das secretarias de educação do interior pra nós. Nós ainda não temos um plano estabelecido e ainda não conseguimos criar um que a gente vá até as prefeituras apresentar o projeto pra elas. No sentido de, se tiverem interesse, acolher esse projeto. É um plano que a gente tem. [...] A gente tinha começado algumas conversas com a secretaria estadual de educação, né? Mas agora parou tudo e provavelmente vai ser mais difícil tendo em vista toda essa mudança⁸, né? De cronograma, de ano letivo.”. Fernanda.

Ao contar um pouco sobre como se dá a relação entre o IPHAE, as secretarias municipais de educação e as escolas, Fernanda destacou algumas ações e iniciativas do Instituto do Patrimonial Histórico e Artístico do Estado, mas frisou também o fato destas serem pertencentes a um projeto ainda inicial.

“O que a gente estava fazendo desde do ano passado era tentar. A gente tem vários projetos prontos que podemos fazer isso, isso e isso. Mas o que depende? O relacionamento com as escolas. A entrada nas escolas, a abertura das escolas para que isso faça parte dos currículos, que isso seja integrado na programação, nos programas, né? Educativos. [...] O que nós estávamos fazendo no final do ano passado e início deste ano era tentar essa abertura junto a Secretaria Estadual de Educação. Mas isso é uma coisa muito incipiente ainda.”. Fernanda.

⁸ A entrevistada refere-se ao isolamento social e ao fechamento das escolas no ano de 2020 devido a pandemia do COVID-19.

De acordo com Fernanda, uma das intenções do IPHAE na área da educação patrimonial é estabelecer um vínculo com as escolas, prevendo assim, a educação patrimonial como parte do currículo do ensino dessas instituições. A Base Nacional Comum Curricular orienta as escolas na construção de seus currículos educacionais. O destaque que este documento reservou às valorizações culturais e patrimoniais pode ser o primeiro passo para a facilitação da implementação da educação patrimonial nos currículos escolares.

*“Às vezes a gente faz algumas ações pontuais. Essa coisa contínua que seria o grande objetivo, de que a educação patrimonial fizesse parte do currículo do ensino básico, isso não se conseguiu. E quem sabe se consiga um dia, são articulações que a gente vai tentando, né?”.
Fernanda.*

Quanto a atual relação entre o IPHAE, os municípios e as escolas, Fernanda destaca a produção e o desenvolvimento de projetos específicos de educação patrimonial. A intenção é que no futuro estes projetos possam ganhar continuidade.

“Existe um fundo de apoio a cultura, que são recursos do estado e lançam editais para projetos específicos. E o ano passado, em março de 2019, foi lançado o edital para projetos específicos de educação patrimonial. [...] Já começou a acontecer, os recursos já foram liberados, já foi feita toda a seleção. Teve uma série de inscritos. Ele foi um projeto voltado para as prefeituras municipais, então várias prefeituras se inscreveram. A de São Leopoldo se inscreveu, foi aprovada e tem um projeto da prefeitura de São Leopoldo inclusive que tá dentro desse edital do IPHAE que tá acontecendo esse ano aí. É que agora com a pandemia os prazos todos foram mudados, mas era pra estar já acontecendo. [...] Eu me lembro de ter lido o projeto de São Leopoldo, um projeto muito bom para envolver a comunidade de São Leopoldo no reconhecimento de seu patrimônio. [...] Mais de 20 prefeituras que estão desenvolvendo ações de educação patrimonial com o acompanhamento do IPHAE.”. Fernanda.

De acordo com Magalhães (2011), a educação patrimonial desenvolve-se a partir de um caráter político, uma vez que permite aos alunos a apropriação e conhecimento de suas histórias e culturas, deslocando-os de um posicionamento passivo e tornando-os responsáveis pelo meio ao qual estão inseridos. Essa

educação desperta e possibilita o reconhecimento dos lugares e a apropriação dos locais, admitindo e percebendo a coexistência de diversidades culturais.

Segundo este mesmo autor, essas ações favorecem a compreensão das manifestações culturais e dos patrimônios. O “[...] local é entendido como espaço do plural [...]”. (MAGALHÃES, 2011, p. 4) e as manifestações do tempo são percebidas através de um espaço de transformação. Tudo isso auxilia na construção dos processos de identificação.

Ao ser questionada sobre suas expectativas para com a educação patrimonial referente a Casa da Feitoria – Museu do imigrante, Ester desenvolve suas ideias e posicionamentos na mesma linha de pensamento de Magalhães.

“Que esta Casa seja a representação de todas as etnias, especialmente alemã e negra escravizada e lusa. Todos podem fazer dessa Casa a sua, a sua origem pra esta região. [...] E onde tá o papel da escola fazer isto? Contar essa história, perguntar, trazer informações, não é? [...] Pedir que as crianças façam entrevistas com seus pais, ver se todo mundo é dali: quem é? Quem não é? Como é que pensa? Como é que vê? O que que... sabe? Despertar a curiosidade. [...] Depois ela nunca mais vai deixar de ser importante.”. Ester.

Com as mesmas expectativas de Ester, Simone destaca a necessidade dessa educação patrimonial também como uma ferramenta que potencializa os sentimentos de identificação e pertencimento para com esta Casa.

“Que as pessoas ah... veja... tenham a visão da Casa como uma coisa delas também. Entendeu? No momento em que é um bairro, um dos bairros mais negros da cidade de São Leopoldo e há um espaço que a população negra ajudou a construir, tem toda uma estrutura, e que não há um pertencimento desse povo isso também colabora para que as coisas não aconteçam.”. Simone.

Envolvendo os ideais de Simone e Ester e voltando o olhar para a aplicabilidade desta educação patrimonial nas escolas de São Leopoldo e na Casa da Feitoria – Museu do Imigrante, Fernanda propõe atitudes práticas para esse ensino.

“Eu acho que tinha que ter dois movimentos. Tanto dos institutos terem uma estrutura maior pra ter um programa... uma equipe e um programa constante, pra fazer isso, quanto essa sensibilização das famílias, das comunidades com esse tema. [...] Falta provocação para que este interesse seja maior. Não só na educação patrimonial como na própria preservação, né? Que a sociedade se volte mais para isso.”. Fernanda.

Mais do que ampliar o conhecimento sobre os patrimônios histórico-culturais, gerando maior conscientização e preservação destes bens históricos, a educação patrimonial visa possibilitar

[...] que o estudante e o professor possam considerar sua comunidade, sua comunidade escolar, seu município, como elementos pertinentes para uma reflexão sobre suas identidades e para a construção da cidadania no cotidiano das instituições de ensino. (SILVA, Rodrigo, 2015, p. 220).

A fala da entrevistada Simone vai ao encontro de Silva, Rodrigo (2015):

“Se a gente construir, fazer essa sociedade mais inclusiva a partir da cultura com certeza os nossos processos dentro da cidade de São Leopoldo vão melhorar bastante.”. Simone.

Ao me aproximar e compreender as diferentes visões, pude entender que a educação patrimonial é muito mais do que uma prática pedagógica que visa conscientizar pessoas sobre a importância da preservação, restauro e valorização dos patrimônios culturais. Muito além disso, a educação patrimonial deve ensinar sobre o respeito e diversidade cultural, propiciando práticas que possibilitem e favoreçam processos de identificação.

Atualmente, a educação patrimonial vai além do caráter metodológico que a constituiu no início dos anos 90 do século XX. Mais do que preservar e salvaguardar as histórias e culturas destes bens edificados, esta educação tem como intuito desenvolver novas significações a estes patrimônios. Rememorar, reenquadrar memórias, desenvolver processos de identificação, quebrar estereótipos, repensar desigualdades sociais e valorizar diversidades culturais são alguns dos alicerces que

sustentam a necessidade e a importância da educação patrimonial dentro e fora da sala de aula.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A consequência da história única é essa: ela rouba a dignidade das pessoas. (ADICHE, 2019).

Ao volvermos o olhar ao passado, desenvolvemos interpretações únicas que não se repetem, mas que transmutam com o tempo. As visões de hoje sobre fatos ocorridos dizem muito mais do presente do que do passado. Isso porque as significações depositadas nestes eventos são desenvolvidas a partir das percepções do tempo em que estamos.

De acordo com Chimamanda Ngozi Adiche (2019), as histórias podem ser usadas para espoliar e caluniar, mas também para humanizar e empoderar, a diferença diz respeito ao posicionamento que decidimos tomar. Assim como a autora, acredito que através de uma cultura de paz, podemos quebrar estereótipos e o perigo de uma história única.

Também defendo a ideia de que a educação tem esse mesmo potencial. Assim como Paulo Freire, creio que a educação não muda o mundo, mas que transforma pessoas e pessoas têm o poder de transformar o mundo. Desta forma, é imprescindível pensarmos na educação hoje e nos preceitos morais que estão sendo valorizados.

Os patrimônios culturais têm sido, na pós-modernidade, uma ferramenta potente tanto para a valorização da diversidade cultural quanto para o seu contrário. O valor simbólico da Casa da Feitoria: patrimônio estadual, valoriza a imigração alemã, embora os afrodescendentes, que historicamente também pertenceram a esta Casa, não se sentem representados neste espaço.

Nesta perspectiva, construí a seguinte problemática: Quais os processos de identificação da comunidade local e como estes moradores se relacionam com este bem edificado? Para responder a estas inquietações, alguns objetivos foram criados. Entrevistas compreensivas, análises bibliográfica e visitas de campo foram então desenvolvidas, com o intuito de alcançar o objetivo geral desta pesquisa: conhecer e analisar o valor simbólico da Casa da Feitoria para a comunidade local.

Com o intuito de detalhar as ações necessárias para alcançar esse objetivo geral, demonstrando de forma mais clara os resultados, os seguintes objetivos específicos foram criados: compreender as expectativas com o processo de restauro e sua relação com a educação patrimonial e a preservação do patrimônio cultural.

As fontes utilizadas nesse trabalho (entrevistas, análises bibliográficas, textos jornalísticos e visitas de campo) possibilitaram o alcance de repostas à estas problemáticas de pesquisa. A partir dos dados coletados, foi possível compreender que há um sentimento de identificação social dos moradores e da comunidade local para com a Casa da Feitoria – Museu do Imigrante, mas que este se dá de forma superficial.

Embora a maioria dos entrevistados tenha demonstrado grande conhecimento pela edificação, especialmente por serem pesquisadores e já terem estudo sobre este patrimônio, dois dos entrevistados apresentaram desconhecimento sobre a história da Casa. Ao que parece, os sentimentos de identificação não foram desenvolvidos a partir de uma aproximação com este patrimônio e com sua história, mas sim a partir de construções de narrativas de valorização e pertencimento ao lugar.

A Casa é vista como um marco da imigração alemã na região e por isso é considerada importante pelos moradores locais. No entanto, quando analisamos em uma perspectiva micro e individual, não há uma ligação entre os moradores do bairro Feitoria e a Casa do Imigrante. Não há um sentimento de pertencimento e os elos afetivos para com este patrimônio são superficiais.

Por outro lado, embora não possuam uma relação íntima com a Casa, foi possível perceber, em todos os relatos, um grande respeito com esta edificação. Com a análise das entrevistas, pude compreender que, embora os laços individuais dos moradores com esta edificação sejam escassos ou inexistentes, as expectativas para restaurar e manter esse patrimônio se mantêm vivas. Há um interessante movimento de trabalhos voluntários desenvolvidos pela comunidade para auxiliar e manter a Casa.

A ideia que foi constituída para a cidade de São Leopoldo desenvolveu-se a partir de uma perspectiva de colonização alemã. Pouco se sabe até hoje sobre a presença dos descendentes africanos e dos nativos indígenas que viveram e ainda vivem no local. Da mesma forma, a cultura valorizada é a europeia.

Através da educação patrimonial torna-se possível questionar e desenvolver percepções sobre as ausências culturais da Casa. Ao refletir e estranhar a falta de valorização e identificação dos afrodescendentes e indígenas neste local, se desenvolve uma educação do olhar. E ao romper com a aceitação dessas ausências, damos os primeiros passos para a quebra de estereótipos racistas na construção de identidades individuais. Dessa forma, ao trabalhar conceitos como patrimônios, culturas e memórias, a escola desenvolve uma ampliação do repertório cultural de seus alunos e, mais do que, isso discute a necessidade de situações de igualdade.

A história é uma teia de inter-relações e conexões de fragmentos de verdades. Educar a partir de uma perspectiva de respeito exige produção de conhecimento, apropriação e compartilhamento de diferentes saberes e culturas. Desenvolver uma educação a partir de uma perspectiva de possibilidades e não de determinismos.

A educação patrimonial pode, portanto, ser uma importante ferramenta para uma apropriação dos bens culturais por seus alunos, por aproximar as pessoas de seus histórias e culturas. E por ajudar nos processos de pertença social e étnica e no valor simbólico destes patrimônios. Educar, dessa forma, parte de uma perspectiva de resistência à homogeneização cultural e à estereótipos histórico-culturais.

Entretanto, as práticas de educação patrimonial, quando existentes, encontram-se de forma ainda muito incipiente. Através desta pesquisa, pude constatar as escassas ações de educação patrimonial que existem na cidade. São Leopoldo participa de alguns projetos específicos de educação patrimonial desenvolvidos a partir de uma relação entre o município e o IPHAE, no entanto esses projetos não possuem uma continuidade, embora esta seja uma das metas deste Instituto.

Para além disso, não obtive outras informações referentes às propostas de educação patrimonial na cidade de São Leopoldo, sejam em escolas ou em espaços não educativos. Embora tenha feito contato com escolas do bairro Feitoria, com a Secretaria de Educação e a Secretaria de Cultura da cidade, nenhum retorno me foi dado. O que posso compreender a partir deste posicionamento é no mínimo uma indisponibilidade quanto a este assunto.

É importante destacar também que, muitas vezes, a falta de projetos de educação patrimonial nas escolas diz respeito a um desconhecimento e desapropriação dos educadores quanto aos patrimônios culturais. Neste caso, é necessário analisarmos também os currículos acadêmicos dos cursos de formação de professores que, na maioria dos casos, possuem pouca ou nenhuma relação com este tema.

Para que a comunidade participe e se reconheça nos espaços públicos, é imprescindível que primeiramente desenvolva uma proximidade com estes locais. Ao desenvolver uma relação com estes patrimônios, sentimentos de pertença, valorização e respeito surgem, construindo situações de igualdade. Da mesma forma, as pessoas se tornam protagonistas de suas histórias, desenvolvendo também, ações de preservação cultural.

Através de um engajamento entre a prefeitura, as escolas, a comunidade e as lideranças locais, acredito na possibilidade da aceitação da diversidade cultural de São Leopoldo e da preservação de seus patrimônios histórico-culturais. Neste sentido, atitudes de estreitamento entre o patrimônio, a educação, a comunidade e processos de reconhecimento e identificação podem ser desenvolvidos juntamente com sentimentos de pertença, responsabilidade e estima.

A participação dos professores, das escolas, das universidades, das Secretarias de Educação e diferentes atores na construção de projetos e ações educacionais que envolvam a comunidade na preservação e salvaguarda dos patrimônios culturais, no conhecimento de suas histórias e na valorização de suas culturas e memórias, é mais que puramente uma ação de educação patrimonial, é também uma possibilidade de educar a sociedade em uma cultura de paz.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALTA cultura balé. *In*: GOOGLE imagens. Mountain View: Google, 2020. Disponível em:

https://www.google.com.br/search?rlz=1C1AVUB_enBR765BR765&biw=1366&bih=662&tbm=isch&sa=1&ei=CKYQW4u6FcOhwATPr7eABA&q=alta+cultura+bal%C3%A9&oq=alta+cultura+bal%C3%A9&gs_l=img.3...20393.25892.0.26666.6.6.0.0.0.115.623.1j5.6.0...0...1c.1.64.img..0.4.421...0j0i67k1j0i30k1j0i8i30k1j0i24k1.0.NY1jnWTFllk. Acesso em: 25 maio. 2020.

ALTA cultura orquestra. *In*: GOOGLE imagens. Mountain View: Google, 2020. Disponível em:

https://www.google.com.br/search?rlz=1C1AVUB_enBR765BR765&biw=1366&bih=662&tbm=isch&sa=1&ei=JKYQW4yVF4uiwgSBypbYDQ&q=alta+cultura+orquestra&oq=alta+cultura+orquestra&gs_l=img.3...243578.247019.0.248067.13.13.0.0.0.117.1268.0j12.12.0...0...1c.1.64.img..1.4.429...0j0i24k1j0i30k1j0i8i30k1.0.9bXrLRrMnSY. Acesso em: 25 maio. 2020.

ARTESANATO indígena. *In*: GOOGLE imagens. Mountain View: Google, 2020. Disponível em:

https://www.google.com/search?q=artesanato+ind%C3%ADgenai&tbm=isch&ved=2ahUKEwiK1da7pPvsAhWNA7kGHVGvD6QQ2-cCegQIABAA&oq=artesanato+ind%C3%ADgenai&gs_lcp=CgNpbWcQA1CsxgJYldUCYMfXAMgAcAB4AIABhQOIAclEkGEHMC4xLjAuMZgBAKABAaoBC2d3cy13aXotaW1nwAEB&sclient=img&ei=ZkOsX4qKKo2H5OUP0d6-oAo&bih=657&biw=1366. Acesso em: 25 maio. 2020.

BAUMAN, Zygmunt. **A cultura no mundo líquido moderno**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BARROS, José D'Assunção. Os Campos da História – uma introdução às especialidades da História. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.16, p. 17 -35, dez. 2004. Disponível em: https://www.fe.unicamp.br/pf-publicacao/4785/art3_16.pdf. Acesso: 13 dez. 2020.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2018.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade**. 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019.

CAPOEIRA. *In*: GOOGLE imagens. Mountain View: Google, 2020. Disponível em: https://www.google.com.br/search?q=capoeira&rlz=1C1AVUB_enBR765BR765&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjBsfuZjLXbAhUBlpAKHdqFAyoQ_AUICygC&biw=1366&bih=613#imgcr=avjm30Mypy5pOM. Acesso em: 25 maio. 2020.

CARNAVAL. *In*: GOOGLE imagens. Mountain View: Google, 2020. Disponível em: https://www.google.com.br/search?q=carnaval+&tbm=isch&ved=2ahUKEwiagO31o_vsAhWJLrkGHbijBsgQ2-cCegQIABAA&oq=carnaval+&gs_lcp=CgNpbWcQAzIECAAQQzIFCAAQsQMyBAgAEEMyAggAMgIIADICCAyAggAMgIIADIECAAQQzICCABQiuEFWIrhBWDQ4wVoAHAAeACAAdEBiAHRAZIBazItMZgBAKABAaoBC2d3cy13aXotaW1nwAEB&sclient=img&ei=1EKsX5rGD4nd5OUPuMeawAw&bih=662&biw=1366&rlz=1C1AVUB_enBR765BR765. Acesso em: 25 maio. 2020.

CASA da Feitoria Velha – Atual Museu do Imigrante. *In*: IPHAE -Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado. [2020?]. Disponível em: <http://www.iphae.rs.gov.br/Main.php?do=BensTombadosDetalhesAc&item=15706>. Acesso em: 14 maio. 2020.

CASA do Imigrante desaba em São Leopoldo. **Gaúcha ZH**, Porto Alegre, 05 mar. 2019. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2019/03/casa-do-imigrante-desaba-em-sao-leopoldo-cjsw0lczq00go01qk7eh0m6kt.html>. Acesso em 18 mar. 2020.

CASA do Imigrante desaba em São Leopoldo. **G1 RS**. 05 mar. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2019/03/05/casa-do-imigrante-desaba-em-sao-leopoldo.ghtml>. Acesso em 20 mar. 2020.

CASA do Imigrante, em São Leopoldo, desaba na manhã de hoje. **Jornal O Diário. Ivoti**, 05 mar. 2019. Disponível em: <https://odiario.net/noticias/geral/casa-do-imigrante-em-sao-leopoldo-desaba-na-manha-de-hoje/>. Acesso em 25 mar. 2020.

CHIMARRÃO. *In*: GOOGLE imagens. Mountain View: Google, 2020. Disponível em: https://www.google.com/search?q=chimarr%C3%A3o&sxsrf=ALeKk01Fg1aysVvwwML8JUqla-CWx4tU9Q:1605124963296&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKEwjK-Ya6pPvsAhUrTd8KHxhWCJkQ_AUoAXoECCQQAaw&biw=1366&bih=657. Acesso em: 25 maio. 2020.

CONEXÃO UNISINOS. Museu do Imigrante em São Leopoldo - 30.07.13. [S. l.: s. n.], 7 ago. 2013. 1 vídeo (13 min 47 s). Publicado pelo canal TV e Rádio Unisinos. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=mUTnSSecjY_. Acesso em 30 março 2020.

COSTA, Otávio. **Memória e paisagem**: em busca do simbólico dos lugares, espaço e cultura. Edição comemorativa. Rio de Janeiro: UERJ. 1993-2008.

DICK, Hilário (Coord.). Às margens juvenis de São Leopoldo: dados para entender o fenômeno juvenil na região. **Cadernos IHU**, São Leopoldo, ano 3, n. 11, 2005.

FOLLMANN, José Ivo; PINHEIRO, Adevanir Aparecida. Afrodescendentes em São Leopoldo: memória coletiva e processos de identidade. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 47, n. 2, p. 141-152. mai/ago, 2011. Disponível em: http://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/view/csu.2011.47.2.05. Acesso em: 12 jul. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 54ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FUNARI, P.P.A. Os desafios da destruição e conservação do Patrimônio Cultural no Brasil. **Trabalhos de Antropologia e Etnologia**, v. 41, n 1-2. 2001.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, v. 22, p. 15-46. 1997

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

HORTA, Maria de Lurdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: Museu Imperial, 2006. (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).

LAPPE, Emeli. **Natureza e Territorialidade**: Um estudo sobre os Kaingang das terras indígenas Linha Glória/Estrela, Por Fi Gâ/ São Leopoldo e Foxá/ Lajeado. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Centro Universitário UNIVATES, Lajeado, 2012. Disponível em: <https://www.univates.br/bdu/bitstream/10737/436/1/EMELILAPPE.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2020.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 29ª reimpressão. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

LAZZARI, Marília Dupont. **Comunidade Kaingang Por Fi**: Indígenas no espaço urbano e o olhar da imprensa (São Leopoldo, RS, 1996-2009). 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em História, Comunicação e Memória do Brasil Contemporâneo) - Universidade Feevale, Novo Hamburgo, 2010.
LIMA, Diana Farjalla Correia. Patrimonialização e valor simbólico: o "valor excepcional universal" no patrimônio mundial. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 16., 2015, João Pessoa. **Anais [...]**. João Pessoa: UFPB, 2015.

MANFREDINI, Simone. **Origens históricas do capital social no município de São Leopoldo/ RS**. UNISC, 2006, artigo científico, mestrado em Desenvolvimento Regional.

MEIRA, Ana Lúcia Goelzer; SILVA, Leonardo Corá da. A preservação da casa do colono alemão em São Leopoldo: germânica ou nacional? *In*: ARQUIMEMÓRIA 5 - ENCONTRO INTERNACIONAL SOBRE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO EDIFICADO, 2017, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: IAB-BA, 2017. p. E2_045.

MONA LISA Leonardo da Vinci. *In*: GOOGLE imagens. Mountain View: Google, 2020. Disponível em: https://www.google.com.br/search?rlz=1C1AVUB_enBR765BR765&biw=1366&bih=662&tbm=isch&sa=1&ei=v44SW8euHYS7wATd4rPwDQ&q=monalisa+leonardo+da+vinci&oq=monalisa+LEONARDO&gs_l=img.3.0.0I5j0i5i30k1j0i8i30k114.2323.4385.0.6

177.9.9.0.0.0.129.1026.0j9.9.0....0...1c.1.64.img..0.9.1021...0i67k1j0i30k1.0.dLRHv71AvhE. Acesso em: 25 maio. 2020.

NEIRA, Marcos Garcia; LIPPI, Bruno Gonçalves. Tecendo a colcha de retalhos: a bricolagem como alternativa para a pesquisa educacional. **Educação & Realidade**, [S.L.], v. 37, n. 2, p. 607-625, ago. 2012. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s2175-62362012000200015>. Acesso em: 02 jul. 2020.

NEUMANN, Gerson Roberto; ARENDT, Isabel Cristina; WITT, Marcos Antônio. A importância histórica da Casa da Feitoria ou Casa do Imigrante. **Gaúcha ZH**, Porto Alegre, 06 mar. 2019. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2019/03/a-importancia-historica-da-casa-da-feitoria-ou-casa-do-imigrante-cjsxqftvk00yk01ujzfbm8q0i.html>. Acesso em: 18 mar. 2020.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo: PUC-SP. N° 10, p. 12. 1993.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. *In*: MEYER, Dagmar Esternmann; PARAÍSO, Marlucy Alves (org). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 23-45.

PARTE da Casa do Imigrante sofre desabamento em São Leopoldo. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 05 mar. 2019. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/cidades/parte-da-casa-do-imigrante-sofre-desabamento-em-s%C3%A3o-leopoldo-1.324453>. Acesso em 20 mar. 2020.

PARTE da Casa do Imigrante sofre desabamento em São Leopoldo. **R7 Correio do Povo**, Porto Alegre, 05 mar. 2019. Disponível em: <https://noticias.r7.com/cidades/correio-do-povo/parte-da-casa-do-imigrante-sofre-desabamento-em-sao-leopoldo-05032019>. Acesso em 20 mar. 2020.

PARTE da Casa do Imigrante sofre desabamento em São Leopoldo. **Jornal NH**, Novo Hamburgo, 05 mar. 2019. Disponível em: <https://jornalnh.com.br/noticias/regiao/2019/03/2383901-parte-da-casa-do-imigrante-desaba-na-feitoria.html>. Acesso em 20 mar. 2020.

PARTE do prédio histórico Casa do Imigrantes desmorona em São Leopoldo. **Leouve**, Bento Gonçalves, 05 mar. 2019. Disponível em: <https://leouve.com.br/parte-do-predio-historico-casa-do-imigrante-desmorona-em-sao-leopoldo>. Acesso em 18 mar. 2020.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, jul. 1992. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/108>. Acesso em: 12 Jul. 2020.

_____. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2. n. 3, p. 3-15. 1989. Disponível em: http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf. Acesso em: 12 jul. 2020.

POPULAÇÃO Feitoria – São Leopoldo. *In*: **População**: o maior portal sobre população brasileira. Disponível em: <http://populacao.net.br/populacao-feitoria-sao-leopoldo-rs.html>. Acesso em 8 de maio. 2020.

RAMOS, Eloisa Helena Capovilla da Luz. **A Casa da Feitoria e sua história**. São Leopoldo, 2020. No prelo.

RODRIGUES, Cicera Sineide Dantas; THERRIEN, Jacques; FALCÃO, Giovana Maria Belém; GRANGEIRO, Manuela Fonseca. Pesquisa em educação e bricolagem científica: rigor, multirreferencialidade e interdisciplinaridade. **Cadernos de Pesquisa**, [S.L.], v. 46, n. 162, p. 966-982, dez. 2016. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/198053143720>. Acesso em: 02 jul. 2018.

SÃO LEOPOLDO. Prefeitura Municipal. **Mapa Turístico de São Leopoldo**. São Leopoldo: Prefeitura Municipal. Disponível em: http://www.saoleopoldo.rs.gov.br/?titulo=Cidade&template=conteudo&categoria=21&codigoCategoria=21&idConteudo=1584&tipoConteudo=INCLUDE_MOSTRA_CONTEUDO. Acesso em 30 mar. 2020.

SÃO LEOPOLDO. Prefeitura Municipal. **Por que São Leopoldo?** Disponível em: http://www.saoleopoldo.rs.gov.br/download_anexo/POR%20QUE%20S%C3%83O%20LEOPOLDO.pdf. Acesso em 6 de mai. 2020.

SÃO LEOPOLDO RS. **Casa do Imigrante**. São Leopoldo, 04 jan. 2014. Facebook: @SÃO LEOPOLDO RS. Disponível em: <https://www.facebook.com/saoleopoldors/photos/a.599719393431725/599992900071041/?type=1&theater>. Acesso em: 14 maio. 2020.

SÃO LEOPOLDO RS. *In*: GOOGLE imagens. Mountain View: Google, 2020. Disponível em: <https://www.google.com/maps/place/S%C3%A3o+Leopoldo,+RS/data=!4m2!3m1!1s0x951968315942f59b:0x1b4734205177f47c?sa=X&ved=2ahUKEwji7PDA74HpAhVYmXIEHcirB6kQ8gEwAHoECAsQAQ>. Acesso em: 30 mar. 2020.

SCHNEIDER, Cristina Seibert. **As cidades de tempos lentos**: o patrimônio cultural entre sinais de letargia e lucidez. 2017. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) - Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

SCHUTZ, Laís Specht. **Conhecer para preservar**: A educação patrimonial como antídoto para a cidade-espetáculo. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) –Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2018.

SILVA, Anibal Moacir da; SCHAEFER, Daniel Daudt; SANCHEZ, Regis; SILVA, Fábio Bernardo da. **Diagnóstico socioterritorial**: política municipal de assistência social, sistema único de assistência social. São Leopoldo, RS: Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social. 2016.

SILVA, Rodrigo Manuel Dias da. **Educação patrimonial**: experiências urbano-educativas na região de Caxias do Sul / organizado por Rodrigo Manoel Dias da Silva. – Caxias do Sul, RS: Educus, 2020.

SILVA, Rodrigo Manoel Dias da. Educação patrimonial e a dissolução das monoidentidades. **Educar em Revista**, [S.L.], n. 56, p. 207-224, jun. 2015. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.38374>. Acesso em: 12 jul. 2020.

SILVA, Rosália de Fátima e. Compreender a “entrevista compreensiva”. **Revista Educação em Questão**, [S.L.], v. 26, n. 12, p. 31-50, ago. 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/4504>. Acesso em: 02 jul. 2020.

SILVA, Rosimeyre Vieira da; SILVA, Joselma Ferreira Lima e. Entrevista compreensiva: possibilidades de aproximação com o pensamento complexo. *In*: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL. SABERES PARA UMA CIDADANIA PLANETÁRIA, 2016, Fortaleza, CE. **Anais [...]**. Fortaleza: Saberes para uma cidadania planetária, maio. 2016. Disponível em: <http://uece.br/eventos/spcp/anais/trabalhos.html>. Acesso em: 12 jul 2020.

TRESPACH, Rodrigo. Ernest Zeuner e a tela da chegada dos alemães a São Leopoldo. *In*: Rodrigo Trespach: Historiador e escritor. 22 out. 2015. Disponível em: <http://www.rodrigotrespach.com/2015/10/22/ernst-zeuner-e-a-tela-da-chegada-dos-alemaes-a-sao-leopoldo/>. Acesso em: 01 out. 2020.

TYLOR, Edward Burnett. **Primitive Culture**: pesquisas sobre o desenvolvimento da mitologia, filosofia, religião, linguagem, arte e costumes. 6 ed. London: Murray, 1920.

UM ano após desabamento, Casa do Imigrante busca recursos para restauração em São Leopoldo. **G1**, 05 mar. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2020/03/09/um-ano-apos-desabamento-casa-do-imigrante-busca-recursos-para-restauracao-em-sao-leopoldo.ghtml>. Acesso em 25 mar. 2020.

VEJA fotos de antes e depois do desabamento da Casa do Imigrante. **Jornal NH**, Novo Hamburgo, 05 mar. 2019. Disponível em: <https://jornalnh.com.br/noticias/regiao/2019/03/2384079-veja-fotos-de-antes-e-depois-do-desabamento-da-casa-do-imigrante.html>. Acesso em 25 mar. 2020.

VOLPATTO, Lucas. CAU/RS divulga nota sobre desabamento da Casa do Imigrante. *In*: CAU/ RS. Porto Alegre, 07 março 2019. Disponível em: <https://www.caurs.gov.br/caurs-divulga-nota-sobre-desabamento-da-casa-do-imigrante/>. Acesso em 30 março 2020.

WEBER, Roswithia. A criação de um museu de imigração alemã no pós nacionalização. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v. 3, n. 9, p. 1-14. Jul./Dez.

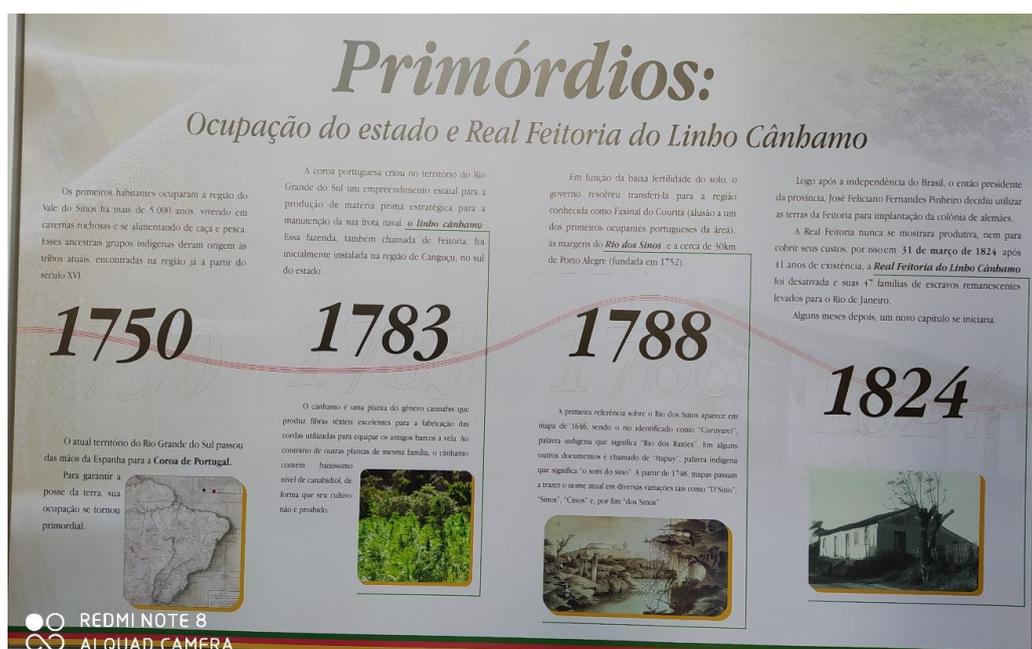
2013. Disponível em:
<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Memoria/article/view/9457>. Acesso em:
12 jul. 2020

APÊNDICE A – O PRIMEIRO CONTATO COM A EDIFICAÇÃO

Na manhã de sábado do dia quatro de julho, fiz uma visita ao Museu Histórico Visconde de São Leopoldo. Esta já havia sido agendada, com antecedência, junto ao presidente do museu. Na visita, pude conhecer um pouco mais sobre meu objeto de pesquisa e compreender a história do Museu e da Casa do Imigrante a partir da perspectiva de seu presidente. Após contemplação do Museu Visconde de São Leopoldo e uma interessante conversa com o presidente do museu, dirigi-me à Casa da Feitoria e pude admirá-la, ou o que restou dela.

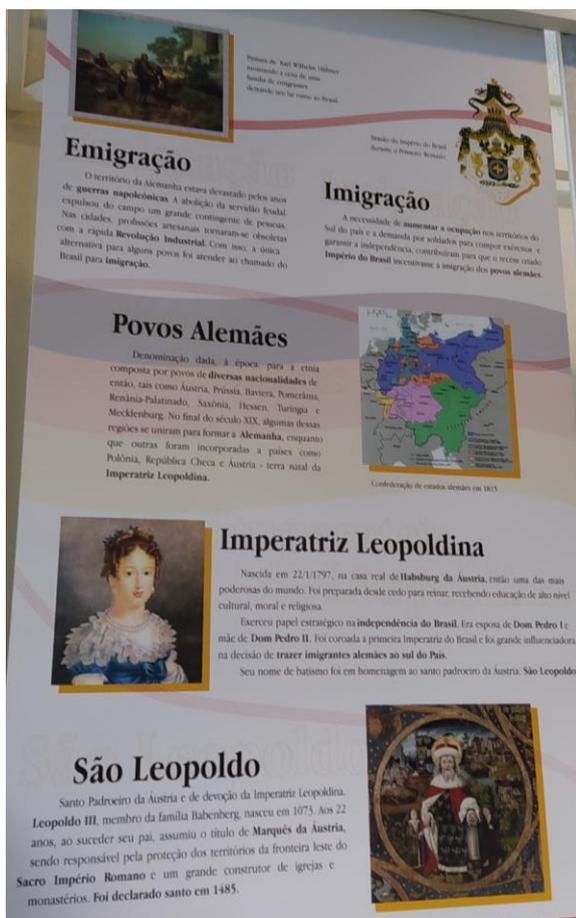
Registros da história...

Fotografia 4 - Banner do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo



Fonte: Registrada pela autora em 04 de julho de 2020

Fotografia 5 - Banner do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo



Primeira de Karl Wilhelm Nollner mostrando a cena de um banho de imigrantes chegando aos barcos no Brasil.

Brasão do Império do Brasil (Dom Pedro I e Dom Pedro II)

Emigração

O território da Alemanha estava devastado pelos anos de **guerras napoleônicas**. A abolição da servidão feudal expulsou do campo um grande contingente de pessoas. Nas cidades, profissões artesanais tornaram-se obsoletas com a rápida **Revolução Industrial**. Com isso, a única alternativa para alguns povos foi atender ao chamado do Brasil para **imigração**.

Imigração

A necessidade de **aumentar a ocupação nos territórios do Sul do país** e a demanda por soldados para **conquistar e garantir a independência**, contribuíram para que o recém-criado **Império do Brasil** incentivasse a **imigração dos povos alemães**.

Povos Alemães

Denominação dada, à época, para a etnia composta por povos de **diversas nacionalidades** de então, tais como: **Austria, Prússia, Baviera, Pomerânia, Renânia Palatinado, Saxônia, Hesse, Turingia e Mecklenburg**. No final do século XIX, algumas dessas regiões se uniram para formar a **Alemanha**, enquanto que outras foram incorporadas a países como **Polônia, República Checa e Austrália** - terra natal da **Imperatriz Leopoldina**.



Confederação de estados alemães em 1815



Imperatriz Leopoldina

Nascida em 22.1.1797, na casa real de **Habsburg da Austria**, criou uma das mais poderosas do mundo. Foi preparada desde cedo para reinar, recebendo educação de alto nível cultural, moral e religiosa.

Exerceu papel estratégico na **independência do Brasil**. Era esposa de **Dom Pedro I** e mãe de **Dom Pedro II**. Foi coroada a primeira Imperatriz do Brasil e foi grande influenciadora na decisão de **trazer imigrantes alemães ao sul do País**.

Seu nome de batismo foi em homenagem ao santo padroeiro da Austria: **São Leopoldo**.

São Leopoldo

Santo Padroeiro da **Austria** e de devoção da Imperatriz Leopoldina. **Leopoldo III**, membro da família **Babenberg**, nasceu em 1073. Aos 22 anos, ao suceder seu pai, assumiu o título de **Marquês da Austria**, sendo responsável pela proteção dos territórios da fronteira leste do **Sacro Império Romano** e um grande construtor de igrejas e mosteiros. Foi declarado santo em 1485.



Fonte: Registrada pela autora em 04 de julho de 2020

Fotografia 6 - Banner do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo



Fonte: Registrada pela autora em 04 de julho de 2020

Fotografia 7 - Banner do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo



Fonte: Registrada pela autora em 04 de julho de 2020

Fotografia 8 - A Casa da Feitoria – Museu do Imigrante



Fonte: Registrada pela autora em 04 de julho de 2020

Fotografia 9 - A Casa da Feitoria – Museu do Imigrante



Fonte: Registrada pela autora em 04 de julho de 2020

Para complementar...

Após conhecer o Museu Histórico Visconde de São Leopoldo e a Casa da Feitoria – Museu do Imigrante, visitei a Praça do Imigrante, também conhecida por Praça Centenário. A praça marca o local de desembarque dos primeiros imigrantes alemães que chegaram a São Leopoldo em 25 de julho de 1824. Em 1924, um monumento em memória à imigração alemã é construído e fixado neste local e, em 1934, a Praça do Imigrante é finalizada.

Fotografia 10 - A Praça do Imigrante



Fonte: Registrada pela autora em 04 de julho de 2020

Fotografia 11 - Monumento ao centenário de imigração alemã¹



Fonte: Registrada pela autora em 04 de julho de 2020

¹ Em decorrência ao isolamento social (medida de proteção adotada em virtude do covid-19) a Praça do Imigrante encontra-se temporariamente fechada. As fotos foram tiradas de longe e aproximadas pela câmera.

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Devido ao fato das entrevistas e do questionário terem sido desenvolvidas à distância através das plataformas: Zoom, Whatsapp e e-mail, o termo de consentimento e livre esclarecido foi enviado através do Google Forms de modo a facilitar, para os entrevistados, a sua autorização na participação desta pesquisa científica.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO (TCLE)

Trata-se da pesquisa de Conclusão de Curso da acadêmica Gabriela Passos Selau do curso de Pedagogia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Olá! Meu nome é Gabriela Passos Selau. Sou aluna do curso de Pedagogia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS e estou desenvolvendo meu Trabalho de Conclusão de Curso a partir do tema patrimônio cultural. A minha orientadora de pesquisa é a Professora Dr. Cristina Seibert Schneider.

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa: “PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO E VALORES SIMBÓLICOS PERPETUADOS AO LONGO DO TEMPO: A educação patrimonial como uma alternativa para estimular o sentimento de pertencimento da comunidade local para com a Casa da Feitoria – Museu do Imigrante. ”

Desenvolvo essa pesquisa com o intuito de conhecer melhor as histórias, culturas e memórias que compõe a Casa da Feitoria – Museu do Imigrante. Acredito que o patrimônio cultural pode desenvolver sentimentos de pertença e identificação social sob a comunidade local. Dessa forma, desenvolvo as entrevistas visando compreender as relações estabelecidas entre os moradores do bairro Feitoria, pesquisadores da cidade e lideranças locais com este bem edificado. Busco entender o valor simbólico da Casa da Feitoria – Museu do Imigrante e a sua relação com a educação patrimonial.

Assim construo as seguintes problemáticas de pesquisa: Quais são os sentimentos de identificação social da comunidade referente a Casa da Feitoria - Museu do Imigrante, em São Leopoldo, e como estes moradores se relacionam com este bem edificado? Quais as expectativas das lideranças locais depositadas sob o

restauro desse patrimônio e qual sua importância para a quebra de preconceitos e do perigo de uma história única?

Com o intuito de responder a estes problemas tenho como objetivo conhecer e analisar os sentimentos de identificação da comunidade sobre a Casa do Imigrante bem como as expectativas deste grupo sobre o restauro do patrimônio, visando compreender a importância deste para a quebra de preconceitos e o perigo de uma história única.

Para alcançar este objetivo desenvolvo entrevistas compreensivas (com moradores, lideranças locais e pesquisadores da cidade de São Leopoldo). Envio este documento solicitando a autorização da submissão de sua entrevista para estudo de pesquisa. Suas respostas ajudarão para que os profissionais da área de educação compreendam melhor o valor simbólico que a Casa da Feitoria – Museu do Imigrante possui e sua relação com os sentimentos de pertencimento da comunidade local.

As gravações das entrevistas e os dados obtidos serão utilizados apenas para fins de pesquisa científica e todas as informações serão sigilosas de modo que sua identidade não será exposta em momento algum. Seu nome ou o material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Os resultados obtidos nessa pesquisa poderão ser publicados mas o sigilo individual das informações será garantido. Você não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Você poderá desistir do estudo a qualquer momento, sem prejuízo algum. Além disso, a sua participação é voluntária, podendo recusar-se a participar.

Em caso de dúvidas você pode entrar em contato comigo, Gabriela Passos Selau, no telefone (51) 996030996 ou pelo e-mail gabip.s@hotmail.com e com a professora orientadora Cristina Seibert Schneider no telefone (51) 99682-2677 ou pelo e-mail seiberts@unisinos.br

Ao clicar em “Li e concordo” você aceita submeter sua entrevista a estudo de pesquisa concordando com o termos acima citados.

*Obrigatório

Endereço de e-mail *

Nome completo (seu nome é necessário aqui apenas para controle de informações e não será divulgado) *

Sua resposta

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO (TCLE) *

Li e concordo em participar da pesquisa intitulada “PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO E VALORES SIMBÓLICOS PERPETUADOS AO LONGO DO TEMPO: A educação patrimonial como uma alternativa para estimular o sentimento de pertencimento da comunidade local para com a Casa da Feitoria – Museu do Imigrante.”

Uma cópia das suas respostas será enviada para o endereço de e-mail fornecido.

APÊNDICE C - ENTREVISTAS

Devido ao fato desta ser uma entrevista compreensiva, as perguntas foram adaptadas de acordo com cada entrevistado, de forma que durante as entrevistas novos questionamentos foram surgindo e outros deixaram de ser levantados.

Nome:

Idade:

Masculino: () Feminino: ()

Formação:

Profissão:

Local onde mora:

1 - Qual a sua relação com a Casa da Feitoria- Museu do Imigrante?

2 – Você se identifica de alguma forma com este patrimônio?

3- Você se sente representado (a) pelas histórias e memórias que compõem esta edificação?

4 – O que você pode falar sobre a queda da Casa do Imigrante em 2019?

5 - Como você acha que deveriam ser as ações de preservação deste local?

6 – Qual, na sua opinião, a importância que esta Casa tem para a história do bairro Feitoria e de São Leopoldo?

7 - Do ponto de vista educacional o que as escolas e instituições de ensino podem fazer para dar voz as histórias (das diversas etnias sobretudo indígenas e afrodescendentes) de São Leopoldo e da Casa da Feitoria – Museu do Imigrante?